UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

DORA NEUZA LEAL DINIZ

Aracaju:
A Construção da Imagem da Cidade

Dissertação apresentada à FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo de Assis Lefèvre.

São Paulo
2009

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, estrelas de minha vida,
que sempre me mostraram o caminho
mais iluminado a seguir...

E a Dudu, meu pequeno raio de sol,
que me ilumina e, com o seu olhar, me
faz lutar para lhe mostrar o caminho...

AGRADECIMENTOS

Grandes colaborações foram fundamentais nesse caminho e mesmo até pequenos atos ou palavras..., por isso agradeço profundamente a todos. De uma difícil realidade tornaram a pesquisa em um prazer na busca desse novo olhar sobre Aracaju.

- Ao Prof. Dr. José Eduardo de Assis Lefèvre, pela orientação do trabalho e por toda a atenção e compreensão nos diversos períodos ao longo do mestrado;
- A todos os professores, em especial à Prof.^a Élide (*in memoriam*), e funcionários da FAU/USP, por serem solícitos e prestativos para a realização do Mestrado;
- Ao Prof. Dr. José Alexandre Felizola Diniz e Prof.^a Dra. Diana Maria de Faro Leal Diniz, meus pais, que, em todos os momentos e de todas as formas, colaboraram para a concretização desse objeto de pesquisa;
- À Prof.^a Dra. Vera Lúcia Alves França e Sra. Ana Medina, por toda a presteza no empréstimo de bibliografia e das suas coleções particulares dos cartões-postais;
- À Pesquisa, Sr. Luiz Antônio Barreto, e ao Sr. Murillo Melins por cederem todas as imagens de Aracaju dos seus arquivos;
- Ao Memorial de Sergipe - Universidade Tiradentes, por tornar a pesquisa iconográfica em todo o acervo da Prof.^a Rosa Faria um estímulo constante;
- Ao Iate Clube de Aracaju, por conceder a pesquisa iconográfica no arquivo do clube;
- A todos da SMTT, FAPese e tantos outros colaboradores, que gentilmente destinaram um pouco de tempo para responderem aos questionários sobre a cidade;
- Aos colegas de trabalho da Prefeitura Municipal de Aracaju, em especial aos da SMTT/Diretoria de Planejamento e Sistema, que, no dia-a-dia, em ambiente de união e troca de conhecimentos, me incentivaram para a concretização desse trabalho;
- A Jason Filho, por sua busca e puro prazer na captura de imagens “inéditas” de Aracaju;
- A Cleber Palacio, pela elaboração cuidadosa da capa ilustrativa desta Dissertação;
- Às minhas amigas e amigos do coração, distantes ou não, sempre companhias positivas na minha busca pela felicidade;
- A meu filho e minha família pelas horas de alegria e distração proporcionadas, que me davam forças a continuar este projeto.

RESUMO

Aracaju - A Construção da Imagem da Cidade discute, em termos de percepção urbana, como a imagem de uma cidade se forma ao longo do tempo, no sentido de ser total ou parcialmente incontrolável ou a consequência de um direcionamento intencional dos seus formadores de opinião e agentes públicos, privados ou técnicos, que selecionam apenas os pontos positivos da cidade. Essa idéia é elaborada, no estudo, a partir da clara associação entre os cartões-postais da cidade, comercializados no passado e hoje em dia, e a Aracaju percebida atualmente por seus habitantes, verificada nos questionários aplicados, cada qual com o seu olhar específico, mas com resultados muito homogêneos em relação às características fundamentais da cidade. Numa perspectiva histórica, tenta-se retomar a Aracaju vista ao longo do tempo, por décadas, através principalmente da coletânea dos diversos cartões-postais existentes desde a primeira década do século XX e outras fontes como história escrita, poesias, relatos etc. Os marcos urbanos mais destacados são também evidenciados, quer aqueles resultantes da construção física da cidade, quer os estabelecidos na relação entre a urbe e seu meio ambiente. Assim, faz-se uma tentativa de mostrar como Aracaju foi moldada e se apresenta hoje com a imagem de uma bela capital, cidade tranqüila, admirada por todos, que a têm como o melhor local para se viver, um exemplo de organização... enfim, como a capital com melhor qualidade de vida do país! De certa forma, isso evidencia a falta de uma visão mais crítica da população em relação às questões urbanas e ao modo de viver, fato esperado ao se tratar com imagem, nitidamente falsa e expressão da forte manipulação da mídia na sociedade contemporânea.

ABSTRACT

Aracaju – The Construction of the City Image discusses, in the context of urban perception, how the image of the city was formed through time, in the sense of being total or in part randomly built or instead formed as a consequence of a driven intent to select mainly positive views of the city, by opinion makers and public agents, private or technical. This idea is developed here starting from the clear association between postcards printed in the past and today and the Aracaju city currently perceived by its inhabitants, evaluated by questionnaires applied. Each one reveals an individual perception of the city, but all provide very homogeneous results in respect to its main characteristics. In an historical perspective, it was tried to recover the temporal trends in viewing the city for decades, by the collection of postcards available since early 20th-century and other sources, like written history, poetry, personal memories, and so on. The highlighted urban marks were also described, both resulting from physical construction of the city, as well as from those established between the city and its environment. Thus, this analysis provides an attempt to show how Aracaju was forged and presents itself as a beautiful State capital, calm and beloved by all, with a high standard in terms of life quality, an example of city organization...In short, the State capital with highest life quality in Brazil! In a certain way, at the same time this supports the lack of a more critical view of the city by its own population, in respect to urban questions and its way of life, an expected issue when dealing with perceived image, clearly false and expressing the strong Midia manipulation in the modern society.

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

- Figura I.01 – Cartão fotográfico “Estátuas da Cidade”. *Álbum fotográfico*, final da década de 30 (1937). Acervo Ana Medina.
- Figura I.02 - Cartão tipográfico de Boas Festas – Feliz Ano Novo do final da década de 30 (1939) com vistas gerais de Aracaju (*Casa Amador*). Acervo Alexandre Diniz.
- Figura I.03 - Cartão tipográfico de Boas Festas – Feliz Ano Novo do final da década de 40 (1949-1950) com vistas gerais de Aracaju (*Walmir Fotos*). Acervo Pesquise.
- Figura I.04 - Cartão tipográfico de Boas Festas do final da década de 50 (1957 - 1958) com obras do Governo Leandro Maciel (*Casa Amador*). Acervo Rosa Faria.
- Figura I.05 – Cartão tipográfico do Ed. Walter Franco (Serviços Públicos) do final da década de 50. Acervo Pesquise.
- Figura I.06 – Cartão tipográfico da Ponte Presidente Juscelino, Rio Poxim, final da década de 50, no Governo de Leandro Maciel (*Casa Amador*). Acervo Rosa Faria.
- Figura I.07 - Cartão tipográfico colorido da Estação Rodoviária, Governo Luiz Garcia, início da década de 60. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura I.08 - Cartão tipográfico com vista parcial de Aracaju, do centro em direção ao sul, no ano 2000 (*Coleção nacional “Brasil 500 anos”*). Acervo Vera França.
- Figura I.09 – Cartão-postal tipográfico com vistas de Aracaju em 2000 (*Coleção nacional “Brasil 500 anos”*). Acervo Vera França.
- Figura I.10 – Cartão-postal tipográfico com vista noturna da Avenida Ivo do Prado na década de 90 (*P.A.S.*). Acervo da autora.
- Figura I.11 – Cartão-postal tipográfico com a imagem do Papagaio, símbolo da cidade (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura I.12 – Vista parcial do Mercado de Artesanato Antônio Franco (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura I.13 – Cartão-postal fotográfico com Vista Parcial da Ponte do Imperador para a Avenida Ivo do Prado (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.

1º CAPÍTULO - FIXAÇÃO DA IMAGEM URBANA

Figura 1.1 – Cartão-postal do Jardim da Luz, São Paulo, por volta de 1900, com fotografia de Guilherme Gaensly. Fonte: GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. São Paulo, 2004, p.73.

Figura 1.2 – Cartão-postal alegórico do Rio de Janeiro de Marc Ferrez, datado de 1899. Fonte: GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. São Paulo, 2004, p.14.

Figura 1.3 - Postal da Doca da Alfândega e Cais dos Mineiros, editado por volta de 1905, com fotografia de Marc Ferrez. Fonte: GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. São Paulo, 2004, p.18.

Figura 1.4 – Cartão-postal da Avenida Rio Branco vista a partir da Rua São José de 1911. Fonte: GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. São Paulo, 2004, p.27.

2º CAPÍTULO - TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU:

IMAGENS EM MUDANÇA

Figura 2.1 - Portos marítimos e fluviais da Província de Sergipe em 1855. Fonte: PORTO, 1991, p.18.

Figura 2.2 - Planta de Aracaju em fevereiro de 1857. Fonte: PORTO, 1991, p. 41.

Figura 2.3 – Aracaju, em 1865, reconstituída a partir de documentos da época por Fernando Porto e superposta, pela autora, à planta atual da cidade. Fonte: PORTO, 1991, p. 45.

Figura 2.4 – Fotografia da Igreja Matriz por volta do final do século XIX. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.5 – Fotografia da Ponte do Imperador. Final do século XIX, cerca de 1890. Fonte: MEDINA, p. 30.

Figura 2.6 - Fotografia da Rua da Aurora na altura da Praça Fausto Cardoso por volta do início do século XX. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.7 – Fotografia aérea das Praças “Monumentais”. Década de 20, julho de 1923. Foto feita pela esquadrilha do primeiro “Raid Aéreo” Rio/ Aracaju. Acervo Pesquise.

Figura 2.8 - Fotografia aérea Vista Parcial do “Quadrado de Pirro”. Década de 20, julho de 1923. Feita pela esquadrilha do primeiro “Raid Aéreo” Rio/ Aracaju. Acervo Pesquise.

Figura 2.9 – Cartão-postal tipográfico da Praça Fausto Cardoso (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.10 - Panorama da Cidade, mostrando a partir da Catedral os Palácios, o Jardim Olímpio Campos e o rio Sergipe (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.11 – Cartão-postal tipográfico da Praça da Catedral (“*Centenário da Independência*” – *Tipografia Vênus, Rio – Foto Fabian*). Década de 20. Acervo Pesquise.

Figura 2.12 – Cartão-postal tipográfico de Vista Rua Santa Luzia, sentido sul (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.13 – Cartão-postal tipográfico da Avenida Ivo do Prado (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.14 – Cartão-postal tipográfico da Avenida Ivo do Prado, sentido sul (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.15 – Fotografia aérea da Praia do Bairro Chica Chaves. Década de 20, julho de 1923. Feita pela esquadrilha do primeiro “Raid Aéreo” Rio/ Aracaju. Acervo Pesquise.

Figura 2.16 – Postal tipográfico da Fábrica de Tecidos Sergipe Industrial. Primeira década do século XX, 1900 - 1910. (“*União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Allemanha*”). Acervo Rosa Faria.

Figura 2.17 – Postal tipográfico do Chalet da Fábrica de Tecidos. Primeira década do século XX, 1900 - 1910. (“*União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Allemanha*”). Acervo Rosa Faria.

Figura 2.18 – Postal fotográfico da Av. João Ribeiro com vista para a Igreja de Santo Antônio. Década de 30. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.19 – Fotografia do bonde da linha Santo Antônio. S/ data. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.20 – Cartão tipográfico da Rua Pacatuba, sentido sul (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.21 – Cartão-postal tipográfico de Trecho da Rua Itabaiana (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.22 – Fotografia parcial da Zona Sul de Aracaju. Década de 20, julho de 1923. Foto feita pela esquadrilha do primeiro “Raid Aéreo” Rio/ Aracaju. Acervo Pesquise.

Figura 2.23 – Cartão-postal fotográfico do prédio do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Por volta do final da década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.24 - Fotografia de Aracaju com Vista da Ponta do “Inflamável” para o Centro da

cidade. Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.25 – Postal fotográfico de Vista da Praça Camerino para o sul. *Álbum fotográfico*, final da década de 30 (1937). Acervo Ana Medina.

Figura 2.26 – Postal da Praça Camerino. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.27 – Postal fotográfico da Av. Barão de Maruim. *Álbum fotográfico*, final da década de 30 (1937). Acervo Ana Medina.

Figura 2.28 – Cartão fotográfico do Seminário. S/ data, cerca dos anos 40. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.29 – Postal do Colégio Patrocínio São José. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.30 - Postal da Igreja São José. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.31 - Postal da Praça Getúlio Vargas. Década de 40. Acervo Pesquise.

Figura 2.32 - Postal do Abrigo de Bonde - “Tabuleiro” da Praça Getúlio Vargas. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.33 – Postal da Ponte da Atalaia ou do Crocodilo. Década de 40. Acervo Pesquise.

Figura 2.34 – Postal de Detalhe da Ponte da Atalaia. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 2.35 – Postal fotográfico da Praça Fausto Cardoso. *Álbum fotográfico*, final da década de 30 (1937). Acervo Ana Medina.

Figura 2.36 – Postal fotográfico da Praça Automobilística na Fausto Cardoso (*Photo Studio*). Anos 30. Acervo Pesquise.

Figura 2.37 - Postal fotográfico da Rua João Pessoa (*Photo Studio*). Década de 30. Acervo Ana Medina.

Figura 2.38 – Postal fotográfico da Praça Pereira Lobo (*Photo Casa Amador*). Década de 30. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.39 - Postal fotográfico da Rua João Pessoa no trecho da Praça Pereira Lobo - Mercado. S/ data, por volta da década de 30. Acervo Rosa Faria.

Figura 2.40 – Mapa da Cidade de Aracaju com o Crescimento Espacial Aproximado até os anos de 1911 e 1949. Mapa base – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento, setembro/ 2001.

Figura 2.41 – Postal da Rua João Pessoa – Ed. Mayara (*Casa Amador*). Década de 50. Acervo Pesquise.

Figura 2.42 – Postal do Palácio do Governo (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Pesquise.

Figura 2.43 – Postal do Recanto do Parque Teófilo Dantas (*Casa Amador*). Década de 50. Acervo Ana Medina.

- Figura 2.44 – Cartão-postal da Avenida Rio Branco, sentido norte. Década de 50. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.45 – Cartão-postal da Rua Itabaianinha, sentido sul. Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.46 – Cartão-postal da Avenida João Ribeiro - Colina do Santo Antônio (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Pesquise.
- Figura 2.47 – Postal fotográfico da Praça Siqueira de Menezes. S/ data., por volta da década de 50. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.48 – Postal de Vista Panorâmica da zona sul para o Centro de Aracaju. Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.49 – Postal de Vista Parcial da Zona Sul. Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.50 – Postal da Avenida Getúlio Vargas. Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.51 – Postal fotográfico Iate Clube de Aracaju. Década de 50. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.52 – Fotografia do Iate Clube de Aracaju. Década de 50. Acervo Iate Clube de Aracaju.
- Figura 2.53 – Postal da Associação Atlética de Sergipe (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.54 – Postal do Colégio Estadual (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.55 – Postal da Rua João Pessoa - Ed. Mayara (*Casa Amador*). Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.56 – Postal da Praça Fausto Cardoso e Ed. dos Serviços Públicos. Década de 50. Acervo Pesquise.
- Figura 2.57 – Postal fotográfico Vista Aérea do Centro (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.58 – Postal de Vista Aérea Parcial do Centro – Praça Fausto Cardoso. Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.59 – Postal fotográfico Vista Aérea Parcial do Centro. Década de 60. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.60 – Postal fotográfico da Estação Rodoviária (*Ótica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.61 – Postal de Vista Parcial da Praça Fausto Cardoso para o sul. Década de 50. Acervo Murillo Melins.

- Figura 2.62 – Postal fotográfico de Vista Parcial de Aracaju, sentido sul (*Ótica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.63 – Fotografia com vista parcial da Avenida Beira Mar para o sul, curva do Iate Clube, provavelmente dos anos 50. Acervo Pesquise.
- Figura 2.64 – Postal de Vista Aérea do Iate Clube de Aracaju (*Colon Vist*). Década de 60. Acervo Pesquise.
- Figura 2.65 – Postal fotográfico da Ponte de Atalaia. Década de 50. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.66 – Postal fotográfico Zona de Veraneio da Atalaia (*Colon Vist*). Década de 60. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.67 – Postal da Praia da Atalaia (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.68 – Postal tipográfico do Farol da Atalaia. Primeira década do século XX, 1900 - 1910. (*“União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Allemanha”*). Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.69 – Postal fotográfico do Farol da Atalaia. Década de 60. Acervo Rosa Faria.
- Figura 2.70 – Mapa da Cidade de Aracaju com o Crescimento Espacial Aproximado da cidade até o ano de 1960. Mapa base – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento, setembro/ 2001.
- Figura 2.71 - Postal fotográfico do Edifício Estado de Sergipe (*Ótica S. Luzia*). Década de 70. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.72 - Postal tipográfico da Estação Rodoviária. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 2.73 – Postal do Estádio Lourival Baptista. Década de 60. Acervo Murillo Melins.
- Figura 2.74 – Fotografia aérea do Estádio Lourival Batista, no final dos anos 60. Acervo Memorial de Sergipe (Centro de Memória Lourival Baptista).
- Figura 2.75 – Postal tipográfico Vista Aérea Geral de Aracaju (*Mercator*). Década de 70. Acervo Vera França.
- Figura 2.76 – Postal tipográfico de Vista Aérea Geral – parcial do Centro de Aracaju (*Paraná Cart*). Década de 70. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.77 - Postal tipográfico de Vista do Rio Sergipe para o Centro (*Postal Cultural*). Década de 70. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.78 – Postal tipográfico da Avenida Rotary – Praia de Atalaia. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 2.79 – Postal tipográfico da Praia de Atalaia (*Paraná Cart*). Década de 70. Acervo

Alexandre Diniz.

Figura 2.80 – Cartão-postal tipográfico Parque da Cidade (*Ambrosiana*). Década de 80. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.81 – Postal tipográfico do Calçadão da João Pessoa (*Mercator*). Década de 80. Acervo Pesquisa.

Figura 2.82 – Postal tipográfico Estádio Batistão (*Cluposil*). Década de 80. Acervo Vera França.

Figura 2.83 - Postal tipográfico da Ponte da Coroa do Meio (*Cluposil*). Década de 80. Acervo Vera França.

Figura 2.84 – Postal tipográfico de Vista Aérea Parcial do Centro de Aracaju. Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.85 - Postal tipográfico de Vista Aérea do Parque Teófilo Dantas. Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.86 - Postal tipográfico do Mercado Central – Vista Parcial (*Cluposil*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.87 – Postal tipográfico do Novo Mercado (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.88 – Postal tipográfico do Calçadão da Praça Fausto Cardoso (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.89 – Cartão-postal tipográfico do Calçadão da Rua Laranjeiras (*Cluposil*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.90 – Postal tipográfico de Vista Aérea Parcial de Aracaju (*Cluposil Artes Gráficas*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.91 - Postal tipográfico com Vista Parcial – Batistão (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.92 – Postal tipográfico da Av. Hermes Fontes, direção sul (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.93 – Postal tipográfico do Viaduto da Av. Hermes Fontes (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 2.94 - Postal tipográfico da Avenida Beira Mar – Calçadão (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 2.95 – Postal tipográfico da Avenida Beira Mar – Mirante (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.

- Figura 2.96 – Postal tipográfico do Shopping Riomar – Ponte (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 2.97 – Postal tipográfico Shopping Riomar (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.98 – Postal tipográfico Shopping Jardins (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.99 – Postal tipográfico da Orla da Atalaia. Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.100 – Postal tipográfico Atalaia – Vista Geral (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Pesquisa.
- Figura 2.101 – Postal tipográfico da Praia da Atalaia (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.102 – Postal tipográfico da Atalaia – Bares e Arco (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.103 – Postal tipográfico de Vista Parcial da Orla - Praça de Eventos e Centro Cultural. (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 2.104 - Postal tipográfico do Oceanário – Orla (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 2.105 - Postal tipográfico da Praia de Aruana (*Cluposil*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.106 - Postal tipográfico das Praias do Mosqueiro (*Brasil Turístico*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 2.107 – Foto da Praia em direção à Aruana e às praias da Sarney. Foto: Jason Filho, 2009.
- Figura 2.108 – Fotografia de Casas de Veraneio no final do Mosqueiro. Foto: Jason Filho, 2009.
- Figura 2.109 – Postal tipográfico da Ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 2.110 – Postal tipográfico da “Orlinha” para a Ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 2.111 – Fotografia da autora da Praia do Hotel Starfish Ilha de Santa Luzia. Barra dos Coqueiros. Outubro/ 2008.
- Figura 2.112 – Fotografia da autora da Praia da Costa. Barra dos Coqueiros. Outubro/ 2008.
- Figura 2.113 – Mapa da Cidade de Aracaju e Áreas de Crescimento Recentes. Mapa base – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju, SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento, setembro/ 2001.

3º CAPÍTULO – MARCOS URBANOS: IMAGENS FIXADAS

Figura 3.1 – Fotografia de grupo na Praia Formosa, por volta da década de 30. Acervo Pesquise.

Figura 3.2 - Fotografia com Vista de Aracaju no início do XX a partir do Rio Sergipe. Acervo Ana Medina.

Figura 3.3 – Fotografia de Aracaju vista do rio Sergipe – 1937. Acervo Ana Medina.

Figura 3.4 – Fotografia de navio ancorado no porto de Aracaju, por volta do início do século XX. Acervo Ana Medina.

Figura 3.5 – Fotografia de navio costeiro ancorado no porto de Aracaju, 1937, com os materiais para o serviço de luz e força da cidade. Acervo Ana Medina.

Figura 3.6 – Fotografia de barcos à vela tipo *Snipes* no rio Sergipe, por volta do final dos anos 50. Acervo Iate Clube de Aracaju.

Figura 3.7 – Fotografia de barcos à vela tipo *Lasers* no rio Sergipe, por volta do início dos anos 80. Acervo Iate Clube de Aracaju.

Figura 3.8 – Postal fotográfico do Iate Clube de Aracaju (*Óptica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.9 – Postal tipográfico do Iate Clube de Aracaju visto do Rio Sergipe (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.

Figura 3.10 – Postal da Ponte do Imperador - Procissão de Bom Jesus (*Casa Amador*). Década de 40. Acervo Pesquise.

Figura 3.11 – Postal fotográfico Vista geral da Procissão de Bom Jesus dos Navegantes (*Optica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.12 – Fotografia da cerimônia de inauguração da Estátua de Fausto Cardoso, início do século XX. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.13 – Fotografia de Vista Parcial do Centro de Aracaju a partir do rio Sergipe. Início dos anos 20. Fonte: Álbum de Sergipe.

Figura 3.14 – Postal tipográfico da Rua da Aurora vista do Rio Sergipe. Primeira década do século XX, 1900 - 1910. (“*União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Allemanha*”). Acervo Rosa Faria.

Figura 3.15 – Postal da Avenida Ivo do Prado a partir do rio Sergipe para a direção sul. Década de 50. Acervo Pesquise.

- Figura 3.16 – Postal da Avenida Ivo do Prado para o Centro da cidade a partir do Ed. Atalaia. Década de 60. Acervo Pesquise.
- Figura 3.17 – Postal da Avenida Ivo do Prado para o Centro da cidade. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 3.18 – Postal tipográfico da Avenida Ivo do Prado para o Centro da cidade a partir do Ed. Atalaia (*Mercator*). Década de 70. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.19 – Postal tipográfico com Vista Aérea do Centro da cidade (*Paraná Cart*). Década de 70. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.20 – Postal tipográfico da Avenida Ivo do Prado vista do Rio Sergipe (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 3.21 – Postal tipográfico da Avenida Ivo do Prado e do rio Sergipe no sentido Centro – sul (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.22 – Postal fotográfico da Praia de Atalaia. Década de 50. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.23 – Postal com banhistas na Praia de Atalaia. Década de 50. Acervo Ana Medina.
- Figura 3.24 – Postal da Praia de Atalaia (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.25 – Postal fotográfico de Vista Parcial da Praia de Atalaia (*Óptica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.26 – Postal com Vista Parcial da Praia de Atalaia. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 3.27 – Postal tipográfico com Vista da Orla da Praia da Atalaia (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 3.28 – Postal tipográfico com Vista do Lago Artificial da Orla da Atalaia. (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.29 – Postal tipográfico do Centro Cultural da Orla da Atalaia. 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.30 – Postal fotográfico do Oceanário da Orla da Atalaia (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.31 – Postal fotográfico do Monumento a Inácio Barbosa (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.32 – Postal fotográfico de uma Lagoa da Orla da Atalaia (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.33 – Postal fotográfico de uma Lagoa e Ciclista na Orla (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.

- Figura 3.34 – Postal tipográfico com Vista Parcial Noturna da Orla (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.35 - Postal tipográfico do Parque - Mundo Maravilhoso da Criança na Orla (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.36 - Postal tipográfico de Fonte Luminosa da Orla (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.37 – Postal tipográfico dos Arcos da Orla da Atalaia (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.38 – Cartão-postal tipográfico da Praça Fausto Cardoso (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.39 – Postal tipográfico da Inauguração do Jardim Olympio Campos. Primeira década do século XX, 1900 - 1910. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.40 – Cartão-postal tipográfico do Palácio do Governo (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.41 - Postal tipográfico da Praça da Matriz. Primeira década do século XX, 1900 – 1910. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.42 - Postal tipográfico de Trecho da Praça Fausto Cardoso – Delegacia Fiscal (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.43 – Cartão-postal tipográfico de Trecho da Praça Benjamin Constant (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.44 – Postal tipográfico do Tribunal da Relação na Praça Benjamin Constant (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.45 - Postal tipográfico da Rua de Itabaiana (*“Union Postale Universelle/ République des Etats–Unie du Brésil/ Carte Postale”*). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.46 – Cartão-postal tipográfico do Palácio do Governo (*“Centenário da Independência”- Tipografia Vênus, Rio – Foto Fabian*). Década de 20. Acervo Pesquise.
- Figura 3.47 – Cartão-postal do Palácio do Governo. Década de 20. Acervo Alexandre Diniz.

- Figura 3.48 – Postal tipográfico da Assembléia Legislativa (“*Centenário da Independência*”- *Tipografia Vênus, Rio – Foto Fabian*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.49 – Cartão-postal tipográfico Praça Fausto Cardoso (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.50 – Postal tipográfico de Trecho da Praça Fausto Cardoso - Assembléia Estadual e Palácio do Governo (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.51 - Postal fotográfico de Trecho da Praça Fausto Cardoso (*Casa Amador*). Década de 30. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.52 - Postal do Palácio do Governo na Praça Fausto Cardoso (*Ótica Santana*). Década de 50. Acervo Pesquise.
- Figura 3.53 – Postal fotográfico com Vista Parcial da Praça Fausto Cardoso em direção ao sul da cidade (*Casa Amador*). Década de 40. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.54 – Postal fotográfico Trecho da Praça Fausto Cardoso (*Casa Amador*). Década de 40. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.55 – Postal fotográfico Trecho do Parque Theóphilo Dantas Álbum fotográfico, final da década de 30 (1937). Acervo Ana Medina.
- Figura 3.56 – Postal do Relógio Jardim Olympio Campos. Década de 30. Acervo Murilo Melins.
- Figura 3.57 - Postal tipográfico da Praça Fausto Cardoso (*Paraná Cart*). Década de 60. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.58 – Postal tipográfico da Praça Fausto Cardoso. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 3.59 – Postal tipográfico Palácio, Assembléia e Palácio da Justiça. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 3.60 - Postal tipográfico da Catedral Metropolitana. Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.61 - Postal fotográfico da Praça Almirante Tamandaré (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.62 - Postal fotográfico do Palácio do Governo (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.63 – Postal fotográfico da Praça Fausto Cardoso (*Gorette Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.64 – Cartão-postal da Praça Camerino. Década de 30. Acervo Murillo Melins.

- Figura 3.65 – Cartão-postal do Ginásio Patrocínio de São José (*Casa Amador*). Década de 40. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.66 – Cartão-postal tipográfico da Igreja São José (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 3.67 – Postal da Rua Duque de Caxias vista da Praça Getúlio Vargas (*Casa Amador*). Década de 40. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.68 – Postal da Praça Getúlio Vargas (*Casa Amador*). *Década de 40*. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.69 – Postal fotográfico da Ponte do Imperador (*Foto Amador*). Final da década de 30 (1938). Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.70 – Cartão-postal fotográfico da Praça Fausto Cardoso (*Casa Amador*). Década de 30. Acervo Ana Medina.
- Figura 3.71 – Postal da Ponte do Imperador (*Ótica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Ana Medina.
- Figura 3.72 – Cartão-postal da Ponte do Imperador. Década de 70. Acervo Pesquisa.
- Figura 3.73 – Postais da Ponte: Postal tipográfico (“*Union Postale Universelle/ République des Etats-Unie du Brésil/ Cart Postale*”). Década de 10. Acervo Rosa Faria.
 Postal tipográfico (“*Centenário da Independência*” – *Tipografia Vênus, Rio – Foto Fabian*). Década de 20. Acervo Alexandre Diniz.
 Postal (*Casa Amador*). Década de 30. Acervo Murillo Melins.
 Postal fotográfico (*Gorete Nascimento*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.74 – Postal tipográfico da Rua da Aurora (“*União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Alemanha*”). Primeira década do século XX, 1900 – 1910. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.75 – Postal tipográfico da Rua de São Cristóvão (“*União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Alemanha*”). Primeira década do século XX, 1900 – 1910. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.76 – Postal tipográfico Escola Normal Ruy Barbosa (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.
- Figura 3.77 – Postal tipográfico da Delegacia Fiscal (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Pesquisa.
- Figura 3.78 – Cartão-postal Rua João Pessoa (*Amador*). Década de 30. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.79 – Postal da Rua João Pessoa – Bondes. Década de 30. Acervo Pesquisa

Figura 3.80 – Postal fotográfico da Avenida Rio Branco (*Photo Studio*). Década de 30. Acervo Pesquise.

Figura 3.81 – Postal tipográfico de Trecho da Rua da Aurora. Primeira década do século XX, 1900 – 1910. Acervo Pesquise.

Figura 3.82 – Postal fotográfico da Avenida Rio Branco. Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.83 – Postal fotográfico da Rua Itabaiana. Década de 30. Acervo Pesquise.

Figura 3.84 – Postal fotográfico da Rua de Estância (*Photo Studio*). Década de 30. Acervo Ana Medina.

Figura 3.85 – À esquerda, postal Igreja de São Salvador ainda com torre em construção. Década de 20. Acervo Pesquise. À direita, cartão-postal da Igreja com reforma já concluída (*Livraria Regina*). Década de 20. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.86 – Postal fotográfico da Catedral Metropolitana de Aracaju. Década de 40. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.87 – Postal do Palácio Serigy (*Foto Amador*). Década de 30. Acervo Murillo Melins.

Figura 3.88 – Postal fotográfico Catedral Metropolitana (Casa *Amador*). Década de 30. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.89 – Postal fotográfico de Vista Panorâmica de Aracaju. Década de 40. Acervo Rosa Faria.

Figura 3.90 – Postal da Avenida Barão de Maruim. Década de 40. Acervo Murillo Melins.

Figura 3.91 – Postal da Rua João Pessoa. Década de 50. Acervo Murillo Melins.

Figura 3.92 – Postal tipográfico Praça Fausto Cardoso – Vista parcial sul de Aracaju (*Paraná Cart*). Década de 60. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 3.93 – Desenho com perspectiva do Ed. Mayara, 1948. Acervo Sra. Risolina Hora.

Figura 3.94 – Fotografia do Ed. Mayara. Início da década de 50. Acervo da Sra. Risolina Hora.

Figura 3.95 – Postal do Ed. dos Serviços Públicos. Década de 50. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 3.96 – Cartão-postal fotográfico do Ed. dos Serviços Públicos. Década de 50. Acervo Alexandre Diniz.

Figura 3.97 – Postal tipográfico do Ed. dos Serviços Públicos. Década de 60. Acervo Pesquise.

Figura 3.98 – Fotografia do lançamento da obra do Ed. Atalaia. Década de 50. Acervo Sr. João Machado Rollemberg.

Figura 3.99 – Fotografia do Ed. Atalaia. Década de 50. Acervo Sr. João Machado Rollemberg.

- Figura 3.100 – Postal fotográfico do Edifício Atalaia, na Avenida Ivo do Prado. Década de 60. Acervo Ana Medina.
- Figura 3.101 – Postal do Hotel Palace de Aracaju (*Ótica S. Luzia*). Década de 60. Acervo Murillo Melins.
- Figura 3.102 – Postal fotográfico do Hotel Palace de Aracaju. Década de 60. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.103 – Postal do Ed. Estado de Sergipe. Final da década de 60. Acervo Pesquise.
- Figura 3.104 – Postal de Vista Aérea Parcial de Aracaju. Década de 70. Acervo Pesquise.
- Figura 3.105 – Postal tipográfico da Av. João Ribeiro na direção do Centro (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 3.106 – Postal tipográfico de Vista Aérea do Centro na direção sul (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.107 – Postal tipográfico de Vista do rio Sergipe para o Centro (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.108 – Postal tipográfico de Vista Aérea do Centro para o sul (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.
- Figura 3.109 – Cartão-postal tipográfico de Vista Aérea Parcial do Bairro São José (*Cluposil*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.110 – Postal tipográfico de Vista da “Norcolândia” no bairro Treze de Julho (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura 3.111 – Postal tipográfico do Calçadão da Treze de Julho (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.112 – Postal tipográfico de Trecho da Av. Beira Mar (*P.A.S.*). Década de 90. Acervo Alexandre Diniz.
- Figura 3.113 – Postal tipográfico de Vista Aérea Parcial do Bairro São José (*Cluposil Artes Gráficas*). 2001 em diante. Acervo da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Figura C 01 - Postal tipográfico da Rua 24 Horas (*Cluposil*). Década de 90. Acervo Vera França.
- Figura C 02 - Fotografia parcial do Centro a partir do Ed. Estado de Sergipe no sentido sul. Maio/

2006. Foto da autora.

Figura C 03 – Fotografia de outdoor publicitário “*Aracaju – Capital Nordestina da Qualidade de Vida*”, Av. Beira Mar, bairro Treze de Julho. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 04 – Fotografia de outdoor publicitário “*Aracaju – Capital com Melhor Qualidade de Vida do País*”, Av. Beira Mar, bairro Treze de Julho. Janeiro/ 2009. Foto da autora.

Figura C 05 – Fotografia de banner publicitário da Prefeitura Municipal colocado no “*Pré-Caju*”. Janeiro/ 2009. Foto da autora.

Figura C 06 – Fotografia da Praça do Mercado, “*O São João da Qualidade de Vida*”. Junho/ 2008. Foto Jason Filho.

Figura C 07 - Fotografia sem autoria identificada da feira em Aracaju no início do século XX. Fonte: Porto, Fernando, 2003, p. 83.

Figura C 08 – Fotografia panorâmica parcial de Aracaju a partir do Ed. Estado de Sergipe na direção sul/ oeste. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 09 - Fotografia parcial do Centro e do bairro Santo Antônio a partir do Ed. Estado de Sergipe, sentido norte. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 10 - Fotografia parcial do Centro da cidade a partir do Ed. Estado de Sergipe no sentido oeste. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 11 - Fotografia parcial da Av. Beira Mar em direção ao bairro Coroa do Meio e à Orla de Atalaia. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 12 – Fotografia parcial do bairro Coroa do Meio. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 13 – Fotografia panorâmica parcial de Aracaju a partir da rótula da Av. Hermes Fontes/ Bairro Jardins na direção oeste. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 14 – Fotografia do Conjunto Orlando Dantas para o centro da cidade a partir da rótula do Augusto Franco. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 15 – Fotografia parcial do Orlando Dantas, a partir da rótula do Augusto Franco, na direção oeste. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 16 – Fotografia de vista panorâmica parcial do Orlando Dantas na direção sul/ oeste. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 17 – Fotografias aproximadas da ocupação do Orlando Dantas, na direção sul/ oeste, tendo ao longe o bairro Santa Maria. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 18 – Fotografia de vista parcial do bairro Augusto Franco na direção sul. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 19 – Fotografia de vista parcial do bairro Augusto Franco na direção sul/ oeste. Janeiro/ 2009. Foto Jason Filho.

Figura C 20 – Fotografia da Ponte Aracaju - Barra dos Coqueiros a partir da Ponte do Imperador na época da construção. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 21 – Fotografia da Ponte Aracaju - Barra dos Coqueiros a partir da Orlinha do Bairro Industrial. Maio/ 2006. Foto da autora.

Figura C 22 – Postal tipográfico da Ponte Aracaju - Barra dos Coqueiros em conjunto com outras duas imagens noturnas da Orla da Atalaia (*Cluposil Artes Gráficas*). 2008. Acervo da autora.

SUMÁRIO

	PÁG.
INTRODUÇÃO	24
A ESTRUTURA E O OBJETIVO DO ESTUDO.....	25
MATERIAL E MÉTODOS.....	29
1º CAPÍTULO - A FIXAÇÃO DA IMAGEM URBANA.....	46
1.1 – IMAGEM: CONCEPÇÃO E ANÁLISE.....	47
1.2 – IMAGEM URBANA: FOTOGRAFIA E CARTÃO-POSTAL.....	56
1.3 - MEMÓRIA URBANA E IMAGENS VISUAIS – A CRÍTICA AO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO.....	63
2º CAPÍTULO – TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU:	
IMAGENS EM MUDANÇA.....	69
2.1 – A FUNDAÇÃO DA CIDADE E SEU TRAÇADO.....	70
2.2 – A FORMAÇÃO DE ARACAJU.....	76
2.3 – A “CONSTRUÇÃO” DA CAPITAL.....	83
2.4 – CONSOLIDAÇÃO E ADENSAMENTO DA MALHA URBANA.....	106
2.5 – A FORMAÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO.....	126
2.6 – A METROPOLITAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	139
3º CAPÍTULO – MARCOS URBANOS: IMAGENS FIXADAS.....	159
3.1 – O RIO E O MAR: IMAGENS RECORRENTES.....	164
3.2 – AS PRAÇAS: O CONJUNTO MONUMENTAL DA CIDADE.....	186
3.3 - RUAS E EDIFICAÇÕES: MARCOS URBANOS.....	209
3.4 - A VERTICALIZAÇÃO COMO IMAGEM.....	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	238
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	260
BIBLIOGRAFIA	263
ANEXOS	266

INTRODUÇÃO

A ESTRUTURA E O OBJETIVO DO ESTUDO

Nas últimas décadas, aumentou o interesse em se compreender as cidades através de visões mais abrangentes, múltiplas, levando em consideração as sociabilidades e relações que se estabelecem no espaço construído. A urbanização, na contemporaneidade, já é vista como um conjunto complexo e expressivo, constituída por novas dinâmicas a partir do desenvolvimento capitalista, não sendo sempre estruturada com base em modelos ideais e pré-concebidos.¹ Toda cidade tem uma história significativa, que deixa marcas profundas em seu espaço e que ecoam no contexto presente.

As cidades podem ser entendidas, hoje, como cenários em constante mudança, objetos construídos pelo homem sobre a natureza, onde as edificações assentadas em determinados sítios formam diferentes identidades. Como essas dinâmicas urbanas se desenrolam lentamente, as cidades apresentam estruturas definidas, sempre marcadas pela presença dos elementos físicos, naturais e construídos, constituindo realidades específicas. Os elementos naturais ganham formas especiais de referência da imagem que deles tem o homem, e marcam profundamente a imagem urbana, identificando a paisagem local. Já os construídos são objetos concretos que encerram valores e formas de pensamento de uma dada sociedade, apresentando-se como memórias de diferentes tempos. Mesmo observando-se certas homogeneidades nas cidades e metrópoles atuais, verifica-se uma força inerente ao lugar, traduzida em imagens significativas e de diversas especificidades. Apesar da globalização, a urbanização varia de intensidade e de

---

¹ – Com os utopistas do século XIX ou pré-urbanistas, surgem algumas imagens de cidades ideais. No século XX, a essência desses modelos é mantida, com o urbanismo tendendo a três modelos: o progressista, com a idéia de modernidade nas estruturas técnicas e estéticas das cidades; o culturalista, com um princípio do todo sobre os indivíduos, contrário às necessidades do desenvolvimento econômico; o naturalista, com a utopia de reintegrar a cidade ao campo. E até hoje, revelam-se ramificações desses modelos, seguindo estruturas fundamentais, apesar de, à primeira vista, serem bastante diferenciados (CHOAY, 1979).

forma de um lugar para o outro, guardando diferentes identidades locais. Essa abordagem tem sido tema de discussão para estudiosos de diversos ramos do conhecimento: Geografia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura.

Nesta Dissertação, escolheu-se estudar a cidade de Aracaju por um prisma ainda pouco explorado, ou seja, a partir de sua imagem perceptiva, devendo-se entender aqui percepção como um processo mental de interação de cada indivíduo com o ambiente, estabelecido tanto através dos mecanismos perceptivos propriamente ditos, aqueles captados pelos cinco sentidos, como dos cognitivos, advindos da inteligência. E é a imagem vivida e construída por cada indivíduo, somada a uma infinidade de pontos de vista dos outros e sobrepostas ao espaço da cidade, que a identifica nessa totalidade como um lugar único e distinto.² A partir dessa relação do homem e o meio, a urbe, enquanto constituída por objetos concretos da paisagem e situada histórica e espacialmente, desenvolve-se constantemente. Daí a imagem revelada vincular-se diretamente à identidade humana, dependendo tanto da orientação corpórea de cada um, da organização de mapas mentais e do senso de direção e locomoção, como também da orientação subjetiva (criação de mitos e símbolos). Com essa visão, afasta-se muito de um estudo da “cidade genérica”, mas se enriquece bastante a compreensão de uma cidade em particular e perceptível por meio das suas marcas e dos sinais decorrentes dessa relação cotidiana.

Esse novo modo de olhar a cidade baseou-se nos estudos de alguns autores, como Lynch (1960), um dos precursores nessa área, que promoveu avanços fundamentais no desenho urbano com

---

² – Com base em Milton Santos (1982, p.8), espaço deve ser entendido como a “...ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais.” Estes objetos da paisagem são característicos de um determinado tempo da sociedade e de condições socioeconômicas, políticas e culturais. Portanto, essa paisagem social não é fixa e passa por processos de mudança para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

uma valorização de aspectos subjetivos da percepção e da imagem da cidade. Trabalha com o conceito de *legibilidade ou imaginabilidade*, ou seja, “*a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado... ou, talvez, de visibilidade num sentido mais profundo, em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presentes aos sentidos*” (LYNCH, 1999, p.11), evidenciando que uma cidade legível e clara tem bairros, marcos ou vias facilmente reconhecíveis, agrupados em um modelo geral.³ Detém-se, assim, nos componentes físicos da imagem, identidade e estrutura, considerando o seu terceiro componente, o significado, um item fundamental no conjunto da imagem ambiental, mas que, como pode ser muito variado a cada indivíduo, deve ser desenvolvido sem orientação direta. Lynch aponta prioritariamente o impulso visual como fundamental para a percepção ambiental, apesar de aceitar a participação polissensorial, que recorta e fragmenta a cidade em imagens seletivas, unidades mínimas de leitura.

Outro estudioso, Amos Rapoport, também seguiu a mesma linha de pensamento, apontando para uma construção racional da imagem, em que há o reconhecimento de seus pontos significativos, apresentados nos esquemas ou mapas mentais. Portanto, a idéia geral é que as pessoas são muito importantes para a percepção ambiental, mesmo que cada uma apenas tenha uma visão parcial, fragmentada, pois é o conjunto de tais imagens que forma a cidade. O estimulante para o conhecimento urbano passa a ser a constatação da ocorrência de imagens semelhantes entre

---

³ - Para Lynch a cidade tem que ser olhada, por mais comum que possa ser o cenário, pois "a cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados..." (LYNCH, 1999, p.1). Esse autor identifica cinco elementos principais na estruturação urbana – vias, limites, bairros, nós e marcos – todos eles inter-relacionados.

peças de um mesmo grupo de idade, sexo, cultura, profissão,... o que possibilita a elaboração de um projeto mais compatível com os interesses e desejos de uma determinada comunidade.

Na década de setenta, essa nova alternativa epistemológica, comportamental e de grande apelo fenomenológico, vai definir na Geografia, por exemplo, um movimento denominado “humanístico”.⁴ Essa linha de pesquisa tem raízes em meados do século XX, sendo uma das contribuições mais interessantes do período a do geógrafo Yi-Fu Tuan que, de modo semelhante a Lynch e Rapoport, também estuda aspectos fundamentais da imagem, como a legibilidade, a visibilidade e a funcionalidade, só que, indo mais além, chega a apresentar novos conceitos para se compreender as relações do homem com o seu meio ambiente, a *topofilia*.

Em suma, compreende-se a cidade como um fenômeno contínuo, não apenas um local reduzido a relações de causa e efeito, no qual não se revela uma verdade, mas apenas uma realidade, pois há muitos olhares possíveis sobre esse mesmo objeto. No processo perceptivo, o caráter experimental é dinâmico, recriando continuamente a imagem vista, além de também construir uma estrutura definida. A percepção pode, assim, ser revelada de maneira objetiva e subjetiva ao mesmo tempo. Ressalta-se que, pela Fenomenologia⁵, ver, perceber, é simplesmente relacionar o corpo do indivíduo com o corpo dos objetos. Então, só se pode apreender verdadeiramente a cidade presente por uma vivência verdadeira do ser no espaço urbano, à qual se alia a memória. Nossa idéia da imagem urbana passada sempre é incompleta, porque não se está lá com o corpo,

---

⁴ – A Geografia Humanística surge a partir de um amplo contato e observação da realidade e, além disso, como crítica às duas correntes mais abstratas e teóricas dessa ciência: a dos neopositivistas e a dos neomarxistas. Nessa nova concepção, há a intenção de priorizar o conhecimento das percepções, representações, atitudes e valores do homem (AMORIM FILHO, p.140).

⁵ – No início do século XX, a Fenomenologia surge de uma crise das ciências que excluía o sujeito e suas ações nas análises diversas, a fim de se privilegiar esse mesmo sujeito no conhecimento, ampliando o conceito de fenômeno a toda a cultura (PALLAMIN,1996).

experimentando-a plenamente. Há uma necessidade pragmática na percepção, pois o próprio Merleau-Ponty a descrevia: “síntese de todas as percepções possíveis; essa síntese é realizada pelo poder que possuo de me deslocar” (PALLAMIN, 1996, p. 47).

Neste estudo não há a intenção maior de se teorizar sobre o processo perceptivo e a formação de imagens. No primeiro capítulo, é apenas esboçada uma discussão geral de conceitos básicos para uma melhor compreensão do tema. A partir de diversas fontes de análise, como a própria história escrita, cartões-postais, poemas, entrevistas,... tenta-se decifrar a imagem percebida de Aracaju no passado e no presente. Foi essencial para essa compreensão a montagem da estruturação da cidade ao longo do tempo, ou melhor, como em parte essa Aracaju foi vista e sentida por sua sociedade e sua imagem foi sendo construída. Essa imagem fragmentada, sem a possibilidade da presença, é apenas montada e sugerida no segundo capítulo. No terceiro capítulo, detalham-se os marcos urbanos selecionados ao longo dos anos e fixados no imaginário coletivo: o rio e o mar, o conjunto das três praças monumentais, ruas e edificações e a verticalização. Já a Aracaju de hoje, ou melhor, a imagem construída de Aracaju é discutida criticamente nas considerações finais, porque a cidade visível deixa lacunas, pontos invisíveis, imprescindíveis para sua melhor compreensão. A idéia é a de que uma possível história da imagem urbana de Aracaju seja esboçada e figurada nessas páginas, não se buscando a Aracaju definitiva, de qualquer tempo que seja, mas, uma outra cidade que também, por acaso, chama-se Aracaju.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho de pesquisa desenvolveu-se a partir do projeto apresentado à seleção do Mestrado e, no seu decorrer, os procedimentos de investigação foram sendo ajustados ao objetivo central da

análise, e o próprio material básico originalmente pensado – trabalho de campo com aplicações de questionários – foi acrescido de uma nova e importante fonte: os cartões-postais. Assim, longe de um posicionamento formal, rígido e previamente estabelecido, foi adotada uma postura flexível e dialética, na qual o pesquisador conversava com o objeto de estudo para reorientar o rumo da pesquisa através da observação dos *feedbacks*. Esse procedimento, todavia, não significou o abandono, quer dos objetivos previamente traçados, quer do trabalho de campo, mas apenas certa reorientação e maior enriquecimento das fontes.

O TRABALHO DE CAMPO

No projeto original foi pensada a aplicação de 80 questionários entre a população residente na área mais verticalizada (Treze de Julho, Grageru, Salgado Filho e Jardins) e em três zonas próximas: 1 - Centro e São José, com ocupação horizontal predominante e renda média e alta; 2 - Siqueira Campos e Bairro América, totalmente horizontalizados e com população de renda baixa; 3 - Coroa do Meio e Atalaia, com população de renda baixa, média e alta, residências unifamiliares horizontais e verticalização de baixa renda ou renda média baixa. Seriam abordados, assim, diversos segmentos da população, estratificada por sexo, idade, nível de renda, tipo de deslocamento e residência. Essa estratificação espaço-social baseou-se no trabalho previamente realizado sobre a verticalização de Aracaju (CORREIA, 2003).

O projeto previa, também, a realização de uma pesquisa piloto com aplicação de 10% do total dos questionários, que serviria para testar o instrumento de coleta e a mencionada estratificação. Nessa etapa acabaram sendo aplicados 51 questionários, realizados conforme modelo elaborado (Anexo I), e feitos também com a população de outros bairros, de renda baixa e média e

predominantemente com ocupação horizontal.⁶ A tabulação dos resultados acabou por provocar certo redirecionamento da pesquisa, produzido, principalmente, pelo fato de se perceber que, apesar da estratificação, os resultados da análise das informações foram homogêneos, indicando a existência de um conjunto bastante forte e evidente das imagens urbanas, muito claras e bem definidas. As entrevistas com os antigos moradores da cidade mostraram também que, apesar das falhas de memória, as imagens evocadas se repetiam intensamente, independentemente dos estratos dos entrevistados. E foi importante observar uma indiscutível coincidência entre essas e as contidas em cartões-postais. Como bem explicou Goethe:

“Olhar apenas para uma coisa não nos diz nada. Cada olhar leva a uma inspeção, cada inspeção a uma reflexão, cada reflexão a uma síntese, e então podemos dizer que, com cada olhar atento, estamos teorizando”.

LISSOVSKY, p. 40

Daí a adoção dessa nova fonte de elementos, além da definição de um novo questionário (Anexo II), mais direcionado à percepção da cidade pelos seus moradores, com abandono da estratificação espaço-social para sua aplicação. Esse segundo instrumento acabou sendo aplicado a 49 entrevistados, totalizando-se, assim, 100 entrevistas. Para se tentar apreender percepções as mais variadas da cidade, no decorrer dos anos, outros materiais foram coletados e analisados, como estudos urbanos anteriores, crônicas, memórias, poesias e fotografias.

⁶ – Amostra piloto realizada

ZONAS/ RENDAS	ÁREA VERTICALIZADA	CENTRO E SÃO JOSÉ	SIQUEIRA E AMÉRICA	ATALAIA E COROA DO MEIO	OUTRAS ÁREAS *	TOTAL
H/M RENDA ALTA E MÉDIA	9	7	3	3	15	37
H/M RENDA BAIXA	1	3	2	2	6	14
TOTAIS POR ZONAS	10	10	5	5	21	51
* Foram entrevistadas pessoas de diversos bairros da cidade, mas que, em geral, trabalham ou mantêm relações com as zonas de amostra da pesquisa.						

OS CARTÕES-POSTAIS

Esse material foi coletado nos acervos particulares de vários pesquisadores, além daqueles levantados em instituições, como a Pesquisa e o Memorial de Sergipe da Universidade Tiradentes. É importante destacar que o magnífico acervo do Memorial de Sergipe, resulta da coleta e guarda desse material pela artista plástica, já falecida, Prof.^a Rosa Faria, que transportava as diversas imagens de Aracaju para suas pinturas em pratos de porcelana. Resultam, portanto, de uma seleção do que essa artista considerava interessante na paisagem da cidade. O acervo da Pesquisa, mesmo ainda em organização, também foi essencial na coleta de algumas outras imagens, inexistentes nos outros acervos. Foram integralmente levantados os acervos particulares de Ana Medina, José Alexandre Felizola Diniz, Murillo Melins, Vera França, e assim, no conjunto, possivelmente a amostra coletada se aproximou bastante do universo disponível, mostrando-se bem significativa e representativa das imagens urbanas do passado e do presente.

Para fins de análise da evolução urbana e construção da imagem, os cartões-postais foram arrolados por décadas, e essa classificação foi elaborada com base em anotações existentes nos postais, em elementos representados (edificações, equipamentos urbanos, e até tamanho das árvores) e também na sua inclusão em determinadas coleções, onde havia um postal de mais fácil enquadramento. O trabalho árduo, mas compensador, garantiu uma significativa classificação da grande maioria deles, podendo-se prever problemas apenas em alguns dos anos limítrofes, entre uma década e outra. Nesta dissertação são apresentados apenas alguns dos postais, aqueles que ilustram melhor as idéias expostas, pois seria demasiado apresentar os 510 cartões-postais coletados. Após essa classificação, que iniciou o processo de crítica das imagens, foi elaborada uma matriz de contagem, dispondo nas células o número dos cartões-postais, tendo na abscissa os

mencionados períodos e na ordenada diversas categorias de análise, como edifícios públicos, colégios, residências, clubes, pontes, rios, praças, orla,... Uma simplificação dessa matriz, exposta no segundo capítulo, foi o ponto de partida para o estudo da construção da imagem da dinâmica urbana.

Para o melhor entendimento deste trabalho, vale explanar algumas características das imagens e dos postais da cidade apresentados em cada década. De maneira geral, entre 1900 e 1910, os cartões-postais tentam estabelecer uma imagem de Aracaju como centro consolidado, quer como centro administrativo, quer como centro comercial. Há fotografias dos numerosos edifícios públicos, de igrejas, do Hospital Santa Izabel, da fábrica Sergipe Industrial etc. Mas, como não havia muito a mostrar, os 36 postais encontrados desse período, às vezes repetem as mesmas imagens e evidenciam uma cidade bastante pequena. Os cartões-postais tipográficos dessa década são os mais antigos da cidade e, basicamente, fazem parte de duas “coleções”, ambas colorizadas. A primeira coleção, com 19 postais ao todo, é da *“União Postal Universal/ Brazil/ Edição da Livraria Brasileira/ Aracaju/ Fabricado em Allemanha”*. Já a segunda coleção, com 14 postais, não tem o autor e/ ou editor identificados no verso e, no lado da imagem, a referência Aracaju-Sergipe em vermelho.

Na década de dez, a imagem da cidade que é transmitida permanece praticamente a mesma do período anterior, observando-se que o número de cartões-postais das praças e dos edifícios é idêntico e esses continuam sendo os mais numerosos. Todos esses cartões-postais tipográficos formam apenas uma coleção, que no verso contém: *“Union Postale Universelle/ République des Etats-Unie du Brésil/ Carte-Postale”*.

Na década seguinte a imagem da cidade não muda, embora o número de postais passe, subitamente, de 46 para 102, denotando, talvez, a maior procura à época por esse produto e a integração do Estado de Sergipe ao país. Continuam a predominar largamente os postais com prédios, ruas e praças. Todavia, há três especificidades que merecem destaque: a primeira diz respeito ao grande número de postais de edifícios públicos, sobretudo os do Centenário da Independência de Sergipe; a segunda é o surgimento das imagens panorâmicas, obtidas a partir das torres da Igreja de São Salvador e da Catedral e, possivelmente, do morro do Bonfim; a terceira especificidade, e talvez mais importante, seja o aparecimento das primeiras imagens do crescimento espacial de Aracaju, através da exposição de algumas ruas e praças da zona sul. A primeira coleção, 20 postais da Livraria Regina, evidencia a cidade de outros ângulos ainda inéditos. Produzida nos anos trinta, tem fotos de tempos diferentes, mas que, por comparação com imagens das décadas subseqüentes, todas foram enquadradas na década de 20. Há 17 postais do Centenário da Independência, reforçando a capital como centro administrativo através das tradicionais imagens de palácios, escolas e igrejas, além de fotos de quartéis do exército e da polícia. Esses têm fotos de Fabian, Rio de Janeiro, com edição do italiano Guilherme Rogato, sendo impressos na Tipografia Vênus, à Rua Larga, 18.

Na década de trinta foram cadastrados 102 cartões, 91,2 % com ruas, praças e edificações, merecendo destaque: primeiro, os numerosos postais de edifícios públicos construídos no governo Graccho Cardoso na década anterior; em segundo lugar, aqueles com imagens de edifícios não governamentais; terceiro, os postais múltiplos, um de esculturas e outro com as imagens mais importantes do Estado. O último ponto destacável é a existência de muitos postais do Parque Teóphilo Dantas.

Figura I.01 – Cartão com estátuas da cidade do final da década de 30.

Dentre as coleções, é importante a do Álbum Fotográfico de 1937, originalmente acervo do Dr. Fernando Porto, que permite a leitura de uma cidade bem mais urbanizada, exemplo do novo tempo. A outra coleção do Photo Studio, com 32 cartões fotográficos, proporciona um *tour* na cidade, mostrando “todos” os seus pontos principais. Os outros, principalmente os da Casa Amador, são também essenciais na compreensão da época, pois trazem as construções mais modernas, já no estilo *Art Déco*, inclusive contidas no primeiro cartão de Boas Festas encontrado.

Figura I.02 – Cartão de Boas Festas – Feliz Ano Novo do final da década de 30.

Na década de 40 ainda predominam os postais de edificações, de praças e de ruas e, em geral, as imagens são as mesmas. São 15 postais ao todo, da Casa Amador ou sem autoria identificada. Há vários postais do Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido em 1946 na cidade, mostrando imagens de cunho mais religioso, como a Catedral e outras igrejas. Encontra-se, também, um outro cartão de Boas Festas, iniciativa particular do fotógrafo Walmir.

Figura I.03 - Cartão do final da década de 40. Vistas gerais de Aracaju, evidenciando o rio Sergipe e os pontos históricos, Praça Fausto Cardoso, e edifícios “art - déco”, como o Palácio Serigy e a Biblioteca Pública.

Entre os anos 1950 e 1960, persiste a mesma característica estrutural anterior, com as imagens de ruas, praças e edifícios perfazendo 63,4 % do total. Mas essa é a década do centenário da cidade, marcada por profundas mudanças na paisagem, quer por obras do Governo Leandro Maciel, quer pelos primeiros “arranha-céus”. Não há muitas coleções, pois diversos cartões não têm identificação completa. Merece destaque a da Ótica Santana, 22 postais, e a da Casa Amador, apenas com 4, mas essenciais para a leitura dessa década. Esses focam o Centro, antigos marcos, e são de grande valor na medida em que dois deles mostram, na rua João Pessoa, o Ed. Mayara, contrapondo as antigas casas comerciais com essa inovadora tipologia arquitetônica. Retornando-se à questão da administração estadual, note-se um postal de Boas Festas do próprio Governador.

Figura I.04 - Obras do Governo de Leandro Maciel no final da década de 50.

Figura I.05 - Ed. Walter Franco (Serviços Públicos) no final da década de 60.

Figura I.06 - Ponte Presidente Juscelino sobre o rio Poxim na Rodovia Aracaju – Atalaia.

Os cartões-postais dos anos sessenta, 44 postais, vão mostrar que a mudança estrutural da imagem urbana iniciada nas duas décadas anteriores se constituiu num processo contínuo e irreversível. Surgem os primeiros postais obtidos a partir de fotografias coloridas e o centro histórico e suas edificações memoriais são novamente destacadas, agora a cores. As imagens de ruas e praças atingem os menores percentuais, considerando-se todas as décadas anteriores (11,4%). Os edifícios são enfocados em apenas 29,5 % dos postais e aí estão incluídas novas edificações do período, como a Estação Rodoviária, o aeroporto Santa Maria, o Hotel Palace, o Estádio Lourival Baptista e o Edifício do Estado de Sergipe, mantendo a inevitável associação entre a imagem de uma capital e a força do Estado. Comercializam cartões-postais a Ótica Santa Luzia, 25 exemplares, e a Colon Vist.

Figura I.07 – Moderna Estação Rodoviária da década de 60.

Os postais dos anos 70, 33 ao todo, reafirmam as observações do período anterior, contando com os dois últimos exemplares em preto e branco. Todos eles transparecem a imagem de um centro dinâmico, capital de um Estado que cresce rapidamente e assume posição de destaque no Nordeste. Portanto, dominam as fotos de edifícios e de vistas panorâmicas, sobretudo aéreas (21,2 % do total) ou tomadas dos prédios mais altos (15,2 % do total). As fotos das ruas são apenas 9,1 % do conjunto e mostram, apenas, o novo “calçadão” da João Pessoa. Não se estabeleceu nenhuma coleção, porque foram encontradas apenas reproduções de diversos postais. Alguns são da Óptica Sta Luzia e outros da Mercator de São Paulo, Paraná-Cart ou Postal Cultural, ambas de Curitiba, e distribuídos por lojas como a Livraria Nascimento, o Hotel Serigy e a Casa do Colegial.

O pequeno número de postais encontrados dos anos 80, apenas 10, torna frágil a compreensão do período. Mas ainda persiste a tendência de fixação de uma imagem de modernidade, com 4 postais do calçadão da João Pessoa (40,0 %), 2 dos novos parques (Parque da Cidade e dos Cajueiros) e do “Batistão”, esses últimos reforçando a idéia de outros espaços de lazer, além da praia. Uma foto panorâmica focaliza o centro e os vários edifícios em direção ao sul.

Nos noventa, a cidade assume uma feição de metrópole e, assim, outras imagens marcantes surgem, talvez de forma até mais fortes do que a da tradicional Praça Fausto Cardoso: a das orlas da Treze de Julho e, sobretudo, a da Atalaia. Mostra-se também a grande expansão urbana e a apropriação de novos espaços, como as praias do Mosqueiro, e a abertura da cidade para uma nova atividade econômica mais explícita, o turismo.

Figura I.08 – Vista parcial de Aracaju, do centro em direção ao sul, ano 2000, destacando a verticalização.

Figura I.09 – Vistas gerais de Aracaju no ano 2000. Evidencia marcos urbanos como uma feira de artesanato, a praia e os arcos da Orla, o centro histórico com coreto e, de forma explícita, parte de um avião, sendo um convite a Aracaju para aproveitar as belezas e encantos da cidade.

Entre 1991 e 2000, dos 61 postais encontrados, 18,0 % visualizam a nova orla da Atalaia e 8,2 % o Calçadão da Treze de Julho. Continuam a aparecer postais da verticalização dos mais variados ângulos, insistindo na fixação da imagem da cidade grande e moderna. Nesse período, surgem os primeiros postais com vistas noturnas e, ainda, coleções com marcas evidentes de sua produção/distribuição, como da P.A.S. (Foto e Distribuição Exclusiva A. Santana), com 27 postais, que domina o mercado nessa década.

Figura I.10 – Vista noturna da Avenida Ivo do Prado na década de 90.

As características evidenciadas anteriormente tornam-se mais fortes a partir de 2000 até o presente ano; dos 67 postais, 55,2 %, ou seja, mais da metade dos postais, são da orla. Observa-se a última revitalização e ampliação concluídas em 2006, insistindo-se nas imagens dos arcos e dos recentes elementos criados: as lagoas e as fontes luminosas, as esculturas de personagens de destaque, o centro cultural, o oceanário e o parque infantil. Pela primeira vez, aparece um postal da orla do Bairro Industrial, evidenciando a geração de outra área de lazer. As imagens do papagaio e do artesanato e ainda alguns postais do centro histórico são mantidos, inclusive procurando outros ângulos ainda inéditos. Também há os com vistas panorâmicas que mostram as áreas de expansão ao sul do Centro, todas focalizando o rio, as orlas e a verticalização. São três coleções nesse período: uma de 40 postais, da Cluposil de Campina Grande, uma com apenas 6 postais da orla, fotos de Diógenes DI e uma outra com 19 cartões-postais fotográficos, com imagens esteticamente mais bem tratadas de Gorette Nascimento.

Figura I.11 – Cartão-postal tipográfico com a imagem do Papagaio, símbolo da cidade. Essa escultura, situada na Av. Beira Mar, na curva do Iate Clube de Aracaju ainda é composta por um tóten com a seguinte mensagem: “*Ser Feliz Aracaju*”.

Figura I.12 – Vista parcial do antigo mercado reformado para abrigar o artesanato local.

Figura I.13 – Vista Parcial da Ponte do Imperador para a Avenida Ivo do Prado no sentido sul.

1º CAPÍTULO

A FIXAÇÃO DA IMAGEM URBANA

“O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. Do lado de fora, a terra estende-se vazia até o horizonte, abre-se o céu onde correm as nuvens. Nas formas que o acaso e o vento dão às nuvens, o homem se propõe a reconhecer figuras: veleiro, mão, elefante...”

CALVINO, pp.17/ 18

1.1 – IMAGEM: CONCEPÇÃO E ANÁLISE

O presente trabalho não tem como objetivo explícito a investigação do conceito de imagem e suas implicações teóricas em todas as diferentes concepções e abordagens de um objeto. Sua intenção é a busca dessa imagem num objeto específico – Aracaju, verificando-a, experimentando-a, aceitando-a e contestando-a na pluralidade de definições diversas. Todavia, faz-se necessária aqui uma breve discussão sobre imagem e seu papel nos estudos de percepção urbana.

O termo imagem tem sido bastante usado por pensadores das mais diferentes concepções filosóficas vinculadas a visões idealistas, inclusive pelo seu íntimo relacionamento com a intuição e a imaginação, entendida como a faculdade, quer de formar imagens independentemente da presença do objeto, quer de combinar imagens em quadros ou sucessões que imitam fatos da natureza, embora sem existência real (LALANDE, pp. 519/ 520). Platão já dizia:

“chamo de imagem em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície de corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações do gênero.”

Apud. JOLY, p. 14

Para esse filósofo, a imagem é essencialmente ambígua: havendo uma contradição entre imagem e o objeto, o número de imagens possíveis é infinito e somente através de sua multiplicidade pode-se chegar à unidade de forma, ou a uma hipótese (GOLDSHMIDT, pp. 38/ 44).

Aristóteles colocava que as imagens seriam como as coisas sensíveis, só que não teriam matéria, sendo produto da imaginação e se constituindo em sensações e percepções. Da Antiguidade, o termo vai passar pela grande discussão medieval entre os iconófilos e iconoclastas, estimulando São Tomás de Aquino a tentar esclarecer a relação entre a natureza divina e a natureza humana,

sendo retomado na Filosofia Moderna por Bacon e Hobbes e Kant (ABAGRANO, p. 537). Para esse autor,

“a imagem ocupa a área indefinida entre conceito e intuição. Como forma de mediação entre as faculdades heterogêneas e do entendimento e da intuição, possui um status nitidamente equívoco.”

Apud. CAYGILL, p. 186

Continuando a reflexão ao longo do tempo, ao tratar da recordação de um evento como sua internalização, colocando-o no sujeito e sendo recuperado da memória, Hegel coloca que a recordação

“é a internalização de uma intuição sensória como uma imagem; a imagem é abstraída da posição espaço-temporal concreta da intuição e a ela se confere um lugar na inteligência (a qual tem seu próprio espaço e tempo subjetivo). Mas a imagem é fugaz e sai da consciência. A imaginação é necessária, portanto, para reviver ou reproduzir a imagem”.

Apud. INWOOD, p. 221

A discussão continuou entre os membros da escola neohegeliana de Frankfurt, preocupados com a questão da estética, chegando a Benjamin com suas reflexões sobre o cinema, os impactos produzidos pela imagem (MERQUIOR, p. 120) além de seus estudos sobre a imagem fotográfica, como sucessão de “agoras” ou do instantâneo que contrai o passado e o futuro (LISSOVSKY, p. 32).

Para Sartre e outros existencialistas, imagem é um ato e não uma coisa, é a consciência de qualquer coisa, ou certa maneira de o objeto se apresentar à consciência. (FOULQUIÉ, p. 342). Já na moderna concepção semiótica de Pierce, ao classificar os signos, a categoria imagem reúne os ícones que mantêm uma relação de analogia entre o significado e o referente (JOLY, p. 37), ou

seja, é algo que se assemelha a outra coisa (Ibid., p. 39). Nessa concepção, a imagem entra nas categorias das representações e das analogias. Diz Joly (p. 48):

“Se ela (a imagem) parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança. Se a imagem é percebida com representação, isto quer dizer que a imagem é percebida como signo”.

Exatamente por se configurar como uma forma de representação, a categoria “imagem”, entendida como continuação direta da sensação, um símbolo, vai ser também preocupação de psicólogos preocupados com a formação de símbolos na criança, a exemplo de Piaget (p. 13).

Para Bergson, partindo-se de uma visão axiomática do desconhecimento do mundo e, portanto, numa visão de inexistência do conhecimento prévio, o sujeito acha-se *“em presença de imagens no sentido mais vago em que se possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, não percebidas quando os fecho”* (apud. ABBAGNANO, p. 537).

E esse autor, ao criar o princípio da apreensão da intuição pela imagem, reconhece que essa tem a vantagem de nos manter no concreto, afirmando:

“nenhuma imagem substituirá a intuição de duração, mas muitas imagens diversas, tomadas de empréstimo a ordens de coisas diferentes, poderão, pela convergência de sua ação, dirigir a consciência para o ponto preciso onde há certa intuição a apreender.”

Apud. SOARES, p. 281

De certa forma, retorna-se assim ao princípio platônico da multiplicidade das imagens como condição para apreensão da forma e, ao mesmo tempo, reafirma-se a idéia de imagem como percepção. E se a percepção começa com a apreensão das imagens pelos sentidos, inevitavelmente chega-se a uma concepção mais moderna (LALANDE, p. 518), à idéia de que as

imagens são todas as representações visuais, auditivas, táteis, olfativas e musculares, assim como os desejos, as idéias inventadas, sendo, portanto, uma sensação representada (SOARES, p. 281).

Após todas essas considerações chega-se à conclusão de que o termo imagem é vago, extremamente abrangente, sendo surpreendente a sua contínua utilização nos mais variados campos do conhecimento e, na contemporaneidade, na mídia. Como coloca Blackburn (p. 196):

“A natureza obscura das imagens levou alguns filósofos a considerá-las um acessório inútil dos processos cognitivos de representação subjacentes, não fazendo parte, portanto, desse mecanismo”.

Mas essa hostilidade às imagens dificulta sua avaliação nos processos criativos da arte o que talvez explique o seu uso constante.

De fato, segundo Lalande (p. 517), imagem pode ser entendida, em suma, como:

- reprodução concreta do percebido pela visão;
- repetição mental (geralmente enfraquecida) de uma sensação, ou mais exatamente, de uma percepção precedentemente experimentada;
- representação concreta construída pela atividade do espírito, combinações novas pelas suas formas ou elementos, resultantes da imaginação criadora;
- qualquer apresentação ou representação sensível.

Esse conjunto de significados corresponderia basicamente ao que Hobbes chamou de imagem genérica, que compreenderia as imagens atuais dos sentidos, as imagens da memória imaginativa e as imagens da imaginação propriamente dita (LALANDE, p. 518).

É, nesse momento, importante passar dessa complexa referência conceitual para um terreno mais prático, e chegar ao básico da imagem e sua aplicação no estudo das cidades. Deve-se entender que o homem é um animal dotado de visão e que, desde o início dos tempos, registrava imagens do mundo apreendidas com o seu olhar, às vezes transcritas nas pinturas ou gravuras primitivas em pedras, dando origem a todo um acervo de registros gráficos, para muitos arqueólogos caracterizando uma verdadeira “arte rupestre”. Foram, também, as primeiras maneiras de comunicação humana, pois essas imagens podiam estar relacionadas com a magia, com a religião, e, talvez, com a transmissão de informações sobre localização, sobre o posicionamento dos astros para permitir a identificação das estações do ano etc. E as imagens em gravuras, pinturas e outras formas de representação permaneceram únicas por muito tempo.

Posteriormente, com a invenção da litografia, que tornou possível a reprodução de imagens em série, iniciou-se um processo de consumo da imagem, consolidado com a fotografia e sua circulação maciça pelo mundo através dos cartões-postais ou outros suportes. No início do século passado, todos os continentes foram descobertos através de um simples olhar, sem deslocamentos do homem, pois o mundo tornou-se “portátil e ilustrado” (KOSSOY, 2003, p. 27). Ocorreu, de fato, uma grande mudança, uma revolução em termos de apreensão visual, pois em instantes, ao se folhear um álbum de fotos, poderia se capturar todo o mundo. E o desenvolvimento tecnológico acabou por reforçar a idéia da apreensão da imagem e do seu significado, desenvolvendo, inclusive, um “marketing” visual profundamente associado à expansão e consolidação do sistema capitalista. A consequência é que, há algumas décadas, afirma-se que nos encontramos em uma “civilização da imagem”, formada por imagens diversas, tanto as visuais mais simples como as mais complexas, virtuais, que nos inserem em um mundo ilusório. Hoje os limites do que é imagem e realidade são muito tênues, porque “a imagem pode ser tudo e

seu contrário – visual e imaterial, fabricada e “natural”, real e virtual, móvel e imóvel, sagrada e profana, antiga e contemporânea, vinculada à vida e a morte, analógica, comparativa, convencional, expressiva, comunicativa, construtora e destrutiva, benéfica e ameaçadora (JOLY, p. 27).

Vive-se, assim, num mundo dominado pelo “*poder assassino das imagens, assassinas do real, assassinas do seu próprio modelo*”, nas palavras de Baudrillard (p.12). Um “mundo do espetáculo”, essa relação social entre pessoas mediada por imagens, segundo Debord, bem expressa nas palavras de Feuerbach (apud. DEBORD, p. 13):

“E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a ilusão é sagrada, e a verdade é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o “cúmulo da ilusão” fica sendo o “cúmulo do sagrado”.

Numa sociedade marcada pela imagem, que facilmente atinge o nível de simulação, nada mais natural que as ciências sociais passassem a considerá-la, e a sua desconstrução, como fundamentais para a compreensão dos territórios e da organização social. Daí a penetração do conceito de imagem nos estudos urbanos, coincidindo com uma maior influência de concepções humanistas e fenomenológicas e certa falência dos paradigmas positivistas (FELDMAN-BIANCO, p. 11). Nesses novos estudos, parte-se do princípio de que cada indivíduo tem uma imagem da cidade, visual e mental, que, somando-se à de outros indivíduos, forma uma imagem urbana “total”. Esse conjunto é formado tanto por imagens visuais como por outras afetivas. As primeiras são sempre representativas dos elementos físicos, naturais ou construídos, como rios, praias, ruas, praças, edificações, monumentos, quer sendo capturada pelo homem a todo o instante, vivendo o seu dia a dia, quer “fixadas” nas fotografias, nos cartões-postais, nos

outdoors, nos vídeos publicitários etc. Diz-se ser visual porque o olhar individual a percorre, sempre estabelecendo uma relação do corpo com o ambiente, com esse lugar, congelando determinado aspecto urbano em sua memória ou em sua câmara, transformando-o em uma imagem significativa. Mas, deve-se atentar que, por mais representativas que sejam essas imagens urbanas, elas não representam, por sua própria definição, por suas limitações e por seus comprometimentos, a totalidade da imagem urbana. O resultado é sempre uma “determinada” imagem estática e relativa, que apreende parte do objeto, e ainda assim de forma limitada, não chegando a uma totalidade das cidades. De fato, o olhar humano é seletivo, só observando e apreendendo o que interessa ao observador e o que se enquadra nos seus esquemas perceptivos. A percepção urbana é essencialmente individual, e a descrição de uma cidade feita por um leigo é diversa daquela feita por um geógrafo treinado na observação da paisagem. Por essa razão é que nesse mundo obcecado pela imagem e marcado pelos intensos e crescentes fluxos de viajantes, os guias turísticos dizem o que se deve ver, ensinam como observar e o que conhecer nas cidades. Assim, nessas concepções fenomenológicas, só se chegaria a uma melhor compreensão da totalidade urbana mediante a consideração do componente humano, do sentimento dos habitantes da cidade, daqueles que vivem os lugares onde nasceram e morrerão, sempre criando ligações afetivas. E é esse espaço multifacetado, rico de relações, de expressiva estrutura, que permite a construção de uma verdadeira sociedade urbana.⁷

“É bem verdade que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer como lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de tais

---

⁷ – Utilizamos a expressão “imagens afetivas” na concepção empregada por SOARES (p. 283), que incluem tanto os “estados sensíveis como os resíduos da percepção”.

significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória.”

LYNCH, 1999, p. 134

Destaca-se, assim, a importância das imagens afetivas para a compreensão da cidade, da percepção desse espaço vivido e materializado por expressões corriqueiras, quer do senso comum, quer do senso estético-emocional, por opiniões sobre aspectos sentimentais da cidade, trovas, poesias e músicas, imagens ou qualquer outra forma de expressão, caracterizando uma determinada percepção do ambiente urbano. Por isso é que, para Tuan, essa percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital de registro ou esquecimento dos mesmos, atribuindo-se imenso valor à imaginação. O que se percebe tem valor e comanda as atitudes, que são certas posturas frente ao mundo, e essas atitudes têm maior estabilidade do que as simples percepções, pois são formadas por uma sucessão dessas, isto é, de diversas experiências. Assim, as atitudes implicam experiências e interesses de valor (TUAN, 1980, p. 4). Para esse autor, sem negar a existência concreta do mundo, o que interessa é a percepção desse mundo numa redução fenomenológica, que compreende tanto a *noesis*, como ato de perceber, quanto o objeto percebido, o *noema*. Assim, nessa concepção interessam as diferentes percepções da cidade, as atitudes de sua população, fragmentada em classes sociais, de renda e de cultura, e como essas visões valoram o espaço da cidade. É como se, voltando ao pensamento platônico, somente a partir de diversas imagens/ percepções fosse possível obter-se uma “hipótese” da cidade, uma visão de quase totalidade. Mas, lembremo-nos, será uma hipótese sempre no terreno das imagens, fraca, frágil.

Por tais considerações, entende-se porque a percepção do ambiente urbano também é estudada através do processo de interpretação dos signos, ou melhor, pela semiótica. Um signo representa algo para alguém, ou como na descrição de Peirce, é algo que está no lugar de outra coisa.

Portanto, supõe um objeto representado, que não tem necessariamente a intenção de ser compreendido, e um receptor que o interpreta. Apenas interessa como se processa a interpretação do signo e o seu significado.

O espaço social analisado pela semiótica, ao contrário da lógica presente nas concepções científicas mais objetivas e materialistas, não segue uma explicação determinada, e suas transformações são interpretadas a partir de marcas, que formam uma história não verbal repleta de imagens, valores, usos, hábitos, uma *“interpretação sempre falível que se processa num continuum capaz de desestabilizar explicações e indiciar uma ação que não se deixa ordenar.”* (FERRARA, 1993, p. 234). Como a depender do emissor e, também, do receptor do objeto são selecionados certos ângulos ou faces desse processo de linguagem urbana, essa representação também é entendida como parcial.

Todavia, deve-se considerar que na semiótica observa-se, também, que há tantas interferências no canal de transmissão que o signo pode enfatizar, às vezes, uma imagem não similar à realidade, mas uma imagem construída por uma ideologia dominante, deformadora da realidade. Percebe-se que, na atualidade, a imagem urbana nos envolve a todo o tempo e, portanto, é imprescindível decifrá-la, compreendê-la para, enfim, de modo mais consciente, distinguir a cidade “real” da manipulada, fabricada para ser vista. Como tão claramente formulou Ferrara (1993, p. 252):

“A imagem da cidade não é, portanto, espontânea, mas, ao contrário, coercitiva e autoritária. Essa imagem codificada opera como uma norma, lei ou símbolo de como a cidade deve ser vista, atua como signo suporte da noção urbana que quer transmitir; na realidade, trata-se, não só da imagem da cidade, mas de uma imagem cultural que utiliza a primeira como suporte.”

Surge nesse ponto uma questão crítica na análise da imagem do espaço urbano, questão que muito interessa, já que estabelece que essa imagem, tornando-se habitual, promove uma

homogeneidade na percepção do objeto e, por consequência, uma ilegibilidade de certos aspectos imprescindíveis para estudos de intervenções e melhorias na cidade.

É importante destacar esse fato porque as cidades, sobretudo nos últimos tempos, passam por acelerado crescimento com produção quase homogênea de objetos arquitetônicos, que promovem ainda mais essa perda de identidade, reforçando uma política da imagem. Há nítida descontinuidade espaço-temporal: marcos urbanos antigos desaparecem ou são “esquecidos; novos ícones surgem; os centros comerciais mais tradicionais cedem lugar a “shopping centers” e as antigas praças e coretos são substituídas pelas “praças de alimentação” dos novos templos do consumo, absolutamente iguais em qualquer parte. Só que cada cidade não é tão simples assim... é complexa e heterogênea. A cidade como local de vida do dia a dia permanece, necessitando de aprofundamentos em suas peculiaridades e em seu passado, que persiste sempre como sobrevivente mudo nas linhas de sua forma presente.

1.2 – IMAGEM URBANA: FOTOGRAFIA E CARTÃO-POSTAL

Uma fonte iconográfica básica para o estudo das cidades é a fotografia em qualquer tipo de suporte, como nos cartões-postais, sendo daí bastante significativa para o estudo da construção da imagem urbana no tempo. O homem sempre tentou copiar a natureza, como que para fixá-la eternamente no mundo, usando, primeiro, apenas as mãos e, depois, as máquinas de desenhar, como o pantógrafo, a câmara obscura e a clara, desenvolvidas para facilitar esse trabalho. Com o avanço na observação de fenômenos físico-químicos, decorrentes da ação da luz e de determinadas substâncias sobre corpos, feita desde a Antiguidade, a realidade da fotografia era

somente uma questão de aprimoramento de técnicas. São considerados como inventores da fotografia diversos nomes, como Niépce, Daguerre, Talbot, Bayard, mas o que importa é que cada qual deu, em certo momento, uma contribuição essencial para o avanço da fotografia.⁸

Com essa nova técnica permitiu-se mais facilmente o registro de pessoas, de seus costumes, das cidades em vários ângulos,... e daí a razão de todo o entusiasmo da sociedade com essa revolução na captura da imagem, na época da revolução industrial e social. Considera-se que a fotografia moderna nasceu em 1880, com uma industrialização na fabricação das máquinas e o aparecimento dos suportes maleáveis transparentes, como os filmes ou as películas. George Eastman criou a Kodak nº. 1, em 1888 que, enfim, tornou essa técnica mais acessível à sociedade. Nessa mesma época houve o aperfeiçoamento da similitravura, impressão da fotografia por meio de uma trama de pontos em relevo, que permitia, junto com a tipografia, a grande difusão das imagens. Aparentemente, a realidade estava fixada ao nosso alcance para sempre, como documento indiscutível de fatos da história.

Inicialmente, o retrato foi o maior divulgador da nova invenção, pois o retrato pintado era inacessível para muitos, e através dessa, mesmo ainda de alto custo, era possível a classe social mais abastada se evidenciar, tornando-se parte de uma história. Muitos artistas e pintores aderiram às inovações, ornamentando com riqueza as fotografias. Surgiam estúdios de retratistas célebres em Paris e em países como a Inglaterra, a Suíça e a Alemanha. Em 1853, Disdéri registra a patente do mecanismo do retrato cartão de visita, que permitia obter pequenas imagens ao mesmo tempo. Essa técnica espalha-se pelo mundo, tanto nos estúdios mais luxuosos como nas

---

⁸ – As máquinas tinham o intuito de facilitar o trabalho do desenho manual numa época em que se buscava representar fielmente o real. A câmara obscura, por exemplo, através de um sistema óptico, permitia a visão, ao mesmo tempo, do objeto e da superfície sobre a qual se desenhava, dando a impressão de que a imagem já estava no papel e bastava copiá-la. Detalhes das técnicas da cópia da natureza podem ser obtidos em AMAR, pp.13/ 42.

feiras, sendo totalmente integrada à sociedade. As pessoas posavam em cenários burgueses e distribuíam aos conhecidos essa pequena lembrança. Essas imagens eram colecionadas em álbuns, às vezes muito suntuosos, sendo precursoras da mania pelos postais ilustrados (AMAR, pp. 43/ 49).

O cartão-postal é uma criação atribuída, oficialmente, a Emmanuel Hermann, professor de economia política da Academia Militar de Viena, que sugeriu em 1869 às autoridades postais um sistema de interligação global mais simples e econômico. Em 1º de outubro de 1869, foi comercializado o primeiro cartão-postal, o "Korrespondenz karte". Em 1870, são criados os cartões ilustrados pelo processo da litogravura. Com a introdução da fotografia nos postais, quer seja em papel próprio ou através da produção litográfica, esse suporte tornou-se um espaço de registro iconográfico muito popular. A partir do final da década de 90 do século retrasado, a imagem fotográfica já ocupava toda a superfície e o seu reverso continha espaço para as mensagens e o endereço (MIRANDA, pp. 12/ 14).

Daí que a idéia de se colecionar cartões-postais popularizou-se, como uma forma de lembrança de lugares ou de outras imagens. Esse fato está associado, em parte, à primeira difusão da idéia de viagens turísticas ocorrida entre as sociedades européias do final do século XIX. Além disso, permitia a lembrança dos sentimentos das pessoas através dos registros escritos, com palavras de carinho, saudações,... A “mania” cresceu ainda mais quando esses se tornaram mercadorias, com vários países liberando a sua produção a particulares. O termo "época de ouro", usado para identificar este período, traz o mesmo sentido que foi dado a essa época, a *Belle Époque*. Viviam-se um momento de otimismo do progresso, originado pela revolução científico-tecnológica, e representado por inventos como a fotografia, o cinematógrafo, a telefonia, o automóvel etc.

No Brasil, o cartão-postal foi instituído em 1880, fato que explica a circulação no país, até essa data, apenas de postais europeus. Os primeiros cartões-postais emitidos (os inteiro-postais)⁹ eram de monopólio do Governo e tinham as armas imperiais estampadas no ângulo direito superior. Somente em 1899, uma lei autoriza a edição de postais por particulares e com ilustrações em uma das faces. Pioneiros como os fotógrafos Guilherme Gaensly e R. Lindmann, Marc Ferrez, , além de outros tantos anônimos, começaram a produzir cartões-postais no país, difundindo pelo mundo elementos topográficos nacionais de destaque, obras públicas e tipos raciais e sociais. Em 1904, foi fundada na capital federal a Sociedade Cartophila “Emmanuel Hermann” para reunir os colecionadores.

Figura 1.1 – Cartão-postal com pitoresca paisagem do Jardim da Luz, São Paulo, por volta de 1900, com fotografia de Guilherme Gaensly. Ao centro, o chalet-restaurant Ponto Chic, conhecido como Choperia do Jardim.

⁹ – Entende-se por inteiro postal um cartão em que o selo dos correios é impresso diretamente sobre sua superfície em vez de ser fixado depois (MIRANDA, p. 13).

Figura 1.2 – Cartão alegórico do Rio de Janeiro de Marc Ferrez, datado de 1899. Com legendas em francês, destaca: Igreja de Nossa Senhora da Glória, o Grande Hotel Metrôpole de Laranjeiras, o Jardim Botânico, a Ilha Fiscal e panorama do Catete e do Flamengo. No canto inferior direito, há um espaço para a mensagem.

Figura 1.3 – Postal da Doca da Alfândega e Cais dos Mineiros, com foto de Marc Ferrez, editado por volta de 1905.

Figura 1.4 – Postal da Av. Rio Branco vista a partir da Rua São José, 1911. Evidencia as reformas urbanas do Rio de Janeiro, mostrando o grande movimento de pessoas no local e o novo meio de transporte, os automóveis.

As cidades brasileiras no início do século XX, em sintonia com o restante do mundo, passavam por transformações físicas, culturais e sociais, que precisavam ser expostas. Mostrava-se, assim, o movimento dessas cidades, agora “modernas” e higiênicas, com as novas edificações, prédios públicos e privados, os jardins, as praças, as ruas e as avenidas, espaços de vivência das classes mais elitizadas. Aracaju, por exemplo, depois que contratou o engenheiro Saturnino de Brito, em 1923, para elaborar seu projeto de saneamento procurou, logo depois, mostrar em suas imagens a salubridade da cidade.¹⁰ A idéia de produção desses postais se enquadrava na política republicana de intervenção do Estado nas cidades brasileiras.

¹⁰ - O projeto e relatório de Saturnino de Brito para Aracaju é parte integrante de suas "Obras Completas" de 1944. Esse projeto não foi realizado como o planejado, durante o governo de Graccho Cardoso, porém foi seguido por anos, mesmo depois de sua morte em 1927. Continuamente foi sendo revisto e atualizado por seu escritório, criando uma imagem urbana moderna para Aracaju.

Portanto, os cartões-postais de paisagens ou de vistas urbanas são, claramente, fontes de grande valor na pesquisa de fixação de imagem urbana, porque a idéia central desses sempre foi mostrar, em geral, as cidades de um modo poético e especial, com um olhar fixo nos seus locais mais expressivos. Os postais captam os pontos mais “belos”, naturais ou construídos, modernos e marcantes das cidades, a fim de sempre permanecerem na memória dos que os apreciavam. As mudanças nas ruas, nas praças, a dinâmica das formas e estilos arquitetônicos, são evidenciados nos exemplares de diferentes épocas, permitindo uma reconstrução parcial da história urbana. São partes de lembranças fixadas na memória com significados do coletivo, mas que têm, sem dúvida, também uma leitura única para cada indivíduo. Deve-se lembrar que, na época de ouro principalmente, os postais eram um meio de comunicação eficaz, detentores de mensagens entre aqueles que se encontravam distantes. Como bem disse Carlos Drummond de Andrade:

“Passada há muito a moda delirante de trocar postais, os exemplares antigos que bóiam à tona do mar do esquecimento deixam-me comovido. Aqui estão os testemunhos de uma época social, de um estado de espírito coletivo, de um imaginário feliz, quando a aviação começava a unir os homens, para depois exterminá-los a granel; quando um Cartão-postal era símbolo de entendimento entre desconhecidos; quando a gente não esperava que houvessem mais guerras gerais, e ver Isadora Duncan dançar, ou saber que ela dançava em alguma parte do mundo, valia por uma felicidade.”

GERODETTI, João E. e CORNEJO Carlos, p.13

Mas é evidente que não se pode ficar limitado apenas aos cartões-postais nos estudos de percepção urbana, sob pena de definição de uma imagem desprovida de significado, muito seletiva, discriminatória e pouco representativa da maior parte do conjunto urbano, quer espacial, quer populacionalmente falando.

1.3 - MEMÓRIA URBANA E IMAGENS VISUAIS –

A CRÍTICA AO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

O tema do resgate da memória urbana revela-se como de grande interesse e importância na atualidade, como aliás todos os estudos históricos, nessa busca incessante de identidade promovida pelas sociedades modernas, sufocadas e homogeneizadas pelo acelerado processo de globalização. No início do século XX, fica perfeitamente clara a importância que a memória coletiva desempenha nas sociedades. Para Le Goff (p. 469),

“exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/ monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. ... A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

O valor das fotografias e dos cartões-postais como documentos iconográficos de pesquisa para o estudo da evolução urbana, da memória das cidades, foi quase desconsiderado por um longo período. Com o passar do tempo, respeitando-se seus limites, percebeu-se que esses são fontes importantes para análises da cidade, ainda mais porque a revelam em ângulos muitas vezes esquecidos. Como permitem a reconstrução e a releitura dessa história de partes da cidade, auxiliam as pesquisas de dinâmica urbana e trazem à tona, de modo claro, a discussão da preservação do patrimônio material. Todavia, é preciso não esquecer que se trabalha com os postais e as fotografias que sobreviveram e não com o conjunto do que existiu no passado. De fato, eles já são uma “escolha efetuada quer pelas forças que operaram no desenvolvimento

temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, p. 525). Abandona-se, assim, qualquer pretensão de neutralidade que pudesse ser atribuída a esses documentos tidos como imagens da realidade, que passam a ser sujeitos à crítica. De fato,

“Não existe um documento objetivo, inócuo, primário. A ilusão positivista (que, bem entendido, era produzida por uma sociedade cujos dominantes tinham interesse em que assim fosse), a qual via no documento uma prova de boa-fé, desde que fosse autêntico, pode muito bem detectar-se ao nível dos dados mediante os quais a atual revolução documental tende a substituir os documentos... O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa”.

LE GOFF, pp. 535/ 536

É o que Foucault (apud. LE GOFF, p. 536) coloca também ao afirmar que os problemas da História se resumem em questionar o documento, ao dizer:

“O documento não é o feliz instrumento de uma história que seja, em si própria e com pleno direito, memória: a história é uma certa maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental de que se não separa”.

E aqui se entende o objeto/ fotografia como semelhante a qualquer outro documento, numa definição ampla de “documento” como a expressa por Samaran (apud. LE GOFF, p. 531), pois a iconografia deve ser estudada a partir do lugar que representa, inserida dentro de toda uma sociedade. Assim, percepção, atitude, valores e visões de mundo são fundamentais na compreensão de uma cidade, constituintes da relação fundamental entre o sujeito e o objeto. Não se pode esquecer que as imagens apenas constituem uma parte do conjunto e que as cidades, por maior que seja a homogeneização atual, ainda são visualmente diferentes. Pode ser que o significado dos objetos retratados seja o mesmo: uma praia é uma praia; um rio é um rio; mas, a

identidade permanece como única; como parte de um mosaico de lugares que não se repetem em outra parte do mundo. O nomotético e o idiográfico convivem no mesmo espaço, separando significado de paisagem.

A crítica ao documento se reveste, portanto, de extrema importância, mesmo que não se chegue ao limite de se afirmar que todo documento é mentira (LE GOFF, p. 538). E a crítica às fotografias e cartões-postais pressupõe o seu enquadramento histórico e uma preocupação em distinguir certos elementos subjacentes à imagem que, no caso das cidades, estão mais relacionadas à riqueza, ao poder (sobretudo a força do Estado e à manutenção de certas hegemonias políticas), ao progresso, à modernização dos lugares “belos”. Assim, a fotografia não pode ser pensada apenas como uma técnica objetiva que apreende perfeitamente o mundo sensível... De fato, a imagem fotográfica produz uma síntese peculiar entre o evento representado e as interpretações construídas sobre ele, estando essa correspondência sujeita a convenções de representação culturalmente construídas (BITTENCOURT, p. 199). E deve ser notado que a complexidade inerente à imagem é tão grande que pode levar a interpretações divergentes ou até contraditórias de uma mesma fotografia (PORTO ALEGRE, p. 77). Em suma, como bem coloca Leite (pp. 40/ 41):

“Longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida... para a análise da linguagem fotográfica, de sua significação social, é preciso municiar as faculdades de observação, a imaginação e uma capacidade de discernimento capazes de estabelecer ligações entre conhecimentos transmitidos pela imagem e uma cultura geral e específica mais extensa.”

Insiste-se, assim, que a fotografia não pode ser compreendida como um instantâneo verdadeiro de uma parte da cidade, um reflexo da realidade, porque sua produção em geral não é aleatória, dependendo diretamente de seus elementos constitutivos: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

Uma imagem de um espaço qualquer, percebida por um contratante ou fotógrafo, é escolhida para ser congelada no tempo em determinado ângulo. Aparentemente tiradas sem propósito, livremente, para se captar apenas imagens belas, agradáveis ao olhar, as fotografias e postais da cidade se transformam em material crítico e rico de análises se profundamente aberto para revisões. E é evidente que no momento presente, esse pequeno fragmento de papel só pode sofrer possíveis conjecturas, baseadas ainda mais em outras fontes, porque essa imagem já pertence ao passado. Kossoy (2003, p. 44) explica esse limite:

*“Se é possível recuperar a vida passada, primeira realidade, e se temos, através da fotografia, uma nova prova de sua existência, há na imagem uma nova realidade, passada, limitada, transposta”.
Inicia-se, portanto, uma outra realidade, a do documento: a segunda realidade, autônoma por excelência. Inicia-se um novo processo: o da vida do documento.”*

Portanto, é indiscutível que para haver uma interpretação da imagem é necessário apreender o que não está visível, como uma referência ao conjunto universo, comparando outras imagens iconográficas similares e informações escritas como, bibliografia histórica, arquivos oficiais e particulares, periódicos da época e até entrevistas... para a reconstrução do espaço-tempo inseridos no conteúdo destas imagens e a sua contextualização, dando à documentação seu caráter multiforme de que fala Lucien Febvre (apud. LE GOFF, p. 107).

O cartão-postal, como suporte de uma determinada fotografia, tem que, além de também seguir todas essas considerações, ser visto como um objeto do mercado, pois precisa ser atraente para os que o vêem como imagem representativa de uma determinada parte da cidade. Trata-se de uma relação de cunho ainda mais subjetivo e emocional, pois o resultado final desse processo – o cartão-postal – ainda tem uma relação subjetiva com os consumidores. Daí haver vários postais de cada lugar, mudando-se o enfoque e os ângulos de visão, para se apreender os mais diversos olhares e satisfazer a todos. E aí se compreende que as imagens do passado são também obras do

presente, nessa idéia de o passado é uma construção e constante reinterpretação (LE GOFF, p. 25) ou, como diz Heidegger, que a História é a projeção que o homem faz do presente no passado (apud. LE GOFF, p. 29).

Mas, nesse difícil e complexo processo de “ler” as imagens dos cartões-postais, de se deixar de ser um analfabeto nas imagens no sentido colocado por Benjamin (LISSOVSKY, p. 33), é preciso cautela e moderação para não se cair na tirania da ‘intenção do autor’, pois ninguém tem idéia do que o autor quis dizer, e ele mesmo pode não dominar todo o significado da imagem por ele produzida (JOLY, p. 44). Como muito bem coloca essa autora (p. 45):

“para analisar uma mensagem, em primeiro lugar devemos nos colocar, deliberadamente do lado em que estamos, ou seja, do lado da recepção, o que, é claro, não nos livra da necessidade de estudar o histórico dessa mensagem (tanto do seu surgimento quanto da sua recepção), mas ainda é preciso evitar proibir-se de compreender, devido a critérios de avaliação mais ou menos perigosos”.

É fundamental perceber, ainda, que nessas diversas imagens de postais se mantêm ainda perceptíveis somente certas realidades urbanas. Assim, essa “cidade dos postais” não deve deixar de ser analisada também por outros ângulos, pois existem muitas outras cidades dentro dessas imagens cristalizadas, nas quais os conflitos urbanos existem cada vez mais presentes. Todos vêem e participam da “cidade de cartão-postal”, mas apenas os favorecidos nela vivem; os outros vivem principalmente na outra cidade, a cidade “invisível”, sem um único olhar. É preciso dar conta desse outro componente do real, pois os esquecimentos e silêncios da história são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória coletiva e, tornar-se “senhores da memória e do esquecimento” é uma das grandes preocupações de classes e de grupos que dominam as sociedades históricas, no dizer de Le Goff (p. 422). Assim, as fotografias dos

cartões-postais devem ser compreendidas, sem dúvida alguma, como imagens ideológicas, pois esse signo é simbólico, ou seja, uma representação, fragmento estético obtido por um produtor. O documento tem que ser visto como um produto fabricado pela sociedade, conforme os interesses das forças dominantes, como uma certa visão de “progresso técnico” evidenciado nos meios de transporte fotografados. Em nosso estudo de caso, por exemplo, as imagens mudam dos burros e dos saveiros para os bondes de burros e os veleiros, dos bondes elétricos e vapores para os automóveis e aviões.¹¹ E isso seria nitidamente uma tentativa de mostrar o “progresso” de Aracaju, o sucesso das políticas do Estado e dos grupos hegemônicos, capazes de criar uma cidade, povoá-la, embelezá-la e “modernizá-la”.

---

¹¹ – “Progresso Técnico” talvez na concepção de Gordon Childe, ao buscar certa “ordem” no processo histórico e ver o progresso técnico como uma de suas expressões como produto social (LE GOFF, p. 43).

2º CAPÍTULO

TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU: IMAGENS EM MUDANÇA

“Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se o mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado mas uma outra cidade que por acaso também se chamava Maurília.”

CALVINO, p. 30/ 31

As transformações no tempo ocorridas em Aracaju, desde sua fundação em 1855 até os dias atuais, já têm sido estudadas por diversos autores, que elaboraram ou utilizaram periodizações construídas com diferentes objetivos. Todas elas têm como ponto de partida a elaborada por Diniz em 1963, avançando para fases mais recentes, quer com base em indicadores econômico-urbanísticos, quer utilizando características de intervenção governamental (LOUREIRO, 1983), ou atuação de agentes de mudança urbana (CAMPOS, 2008), que podem ser vistas no Anexo III. Para a presente Dissertação, voltada para a construção da imagem urbana, tentamos elaborar uma periodização diversa das demais, não só porque o elemento característico das fases e, portanto, da sua delimitação, são fundamentalmente imagens da cidade, associadas a determinados marcos urbanos, como também porque a separação entre as fases é menos uma data e muito mais curtos períodos de penumbra, nos quais a imagem passada se funde com a imagem em formação. Os marcos urbanos se interpenetram, muitas vezes como permanências de uma época que já se foi, elementos residuais que às vezes mudam de significação. Assim, foram definidas cinco fases nas transformações urbanas de Aracaju.

2.1 A FUNDAÇÃO DA CIDADE E SEU TRAÇADO

Em meados do século XIX, com o país já independente e dirigido pela política econômica mercantil capitalista do Segundo Reinado, não era mais necessário o modelo de cidade-forte, e sim um outro modelo de cidade, a cidade-porto, para favorecer os contatos de importação e exportação da sua hinterlândia, porque o ideal, ainda mais, era que esse centro econômico fosse também a capital da Província, o mais importante centro administrativo e político, e estendesse o seu domínio para as zonas produtivas. É nesse novo contexto, portanto, que surge Aracaju, já que

São Cristóvão, a antiga capital da Província de Sergipe d'El Rey, estava no fundo do vale do Vaza-Barris, à margem esquerda do Paramopama e, ainda, localizada no topo de um morro com encostas íngremes, sendo, tipicamente, uma cidade forte colonial. Portanto, os seus produtos e de outros centros de poder, também distantes do litoral, como Estância, Laranjeiras e Maruim, eram transportados em etapas, com barcos pequenos e próprios para rios rasos levando-os até próximo ao litoral e, daí, embarcados em navios de grande calado, processo que não permitia eficaz controle das exportações.

A idéia da formação de Aracaju em uma planície litorânea, arenosa, possibilitava facilidades de expansão desse comércio e seu controle em todos os sentidos, tanto para o exterior como para o interior da Província, sendo o porto instalado na margem direita do estuário largo e profundo do rio Sergipe. Este facilmente poderia ser mais equipado e favorecer um melhor controle alfandegário. Um outro motivo para essa localização era o fato de que a região mais próxima, a Cotinguiba, com o seu solo massapê, exportava cerca de 25.000 caixas de açúcar ao ano, dominando o mercado, enquanto que a do Vaza-Barris, onde estava São Cristóvão, só exportava 2.000 caixas. O movimento das barras da Província expressava bem essa diferenciação econômica: entre 1850 e 1855, entraram apenas 87 navios pela difícil e perigosa barra do Vaza-Barris, fato indicado pelo próprio nome do rio, pela barra do Real, visando atender a Estância e ao sul da Província, entraram 206 navios enquanto pela barra do Cotinguiba, 716 navios. (FORTES, p. 20). Assim, não havia dúvidas sobre as vantagens na mudança da capital para o litoral dessa área mais próspera e as praias do Aracaju, inclusive ainda pela possibilidade de influência em outras zonas da Província, já que o canal do Pomonga interligava os estuários do Sergipe e do Japarutuba. Dessa forma, a idéia de alguns políticos em transferir a capital para Laranjeiras era incoerente, pois essa cidade, embora sendo o centro econômico mais destacado,

carecia de um porto com acesso direto ao oceano. Não se poderia pensar, também, na instalação da capital no Porto das Redes, na Barra dos Coqueiros, local de difícil acesso terrestre e muito quente.

A cidade de Aracaju foi estabelecida como capital da Província em 17 de março de 1855, através da Resolução nº. 413. Uma área praticamente desabitada daria lugar a uma cidade planejada, totalmente a ser construída, tendo apenas uns pequenos povoados próximos. Atendia-se, então, a prévios planos político-econômicos que visavam uma maior prosperidade e controle da região. Dentre estes povoados, o mais próximo a esse local era o de Santo Antônio do Aracaju, que formalmente foi elevado à categoria de cidade pela citada Resolução e denominado de Aracaju. Porém, Aracaju de fato não se desenvolveu a partir desse povoado, mas à beira das águas de maior profundidade, bem próxima ao porto a ser construído, conforme a necessidade emergencial do momento. O idealizador de toda esta mudança “revolucionária” para a época foi Inácio Joaquim Barbosa, um jovem administrador de 33 anos e Presidente da Província desde novembro de 1853 que, aliando-se ao Barão de Maruim e aos políticos conservadores do partido majoritário derrotava, assim, os ideais e as pressões de alguns políticos e senhores de engenho. Barbosa tinha consciência da crise do produto no mercado internacional e que, ainda, com a proibição do tráfico negreiro, a ausência de máquinas na agricultura e o crescimento da cultura do café no sul e sudeste do país tinha-se de lutar por uma modernização geral na produção para manter uma posição no mercado.¹²

---

¹² - O principal produto de exportação da época era o açúcar mascavo produzido nos engenhos bangüês, que utilizavam o gado como força motriz. A criação de gado sempre foi a atividade predominante em Sergipe, que abastecia os engenhos da Bahia e de Pernambuco. No século XIX, com a valorização do açúcar e do algodão, a pecuária entra em decadência e se desloca para o interior.

Com o tempo, todos os políticos, na época unidos pela Política Central de Conciliação 1853-1858, que estabeleceu um acordo entre partidos, perceberam as vantagens, os lucros que viriam de tal mudança e aprovaram a iniciativa de Barbosa. Diz-se aqui mudança “revolucionária”, porque, como já explicitado:

“a praia do Aracaju em 1855 era uma estreita faixa de terra muito baixa e alagável entre dunas, mangues e pântanos. Sua vegetação era de cajueiros, aroeiras, cambuís, cambucás, gobirabas e alguns coqueiros. A praia do Aracaju era a água. Da água parada e da água dos riachos, do mangue e do rio ninguém escapava.” FORTES, p. 23

Figura 2.1 - Portos marítimos e fluviais de Sergipe em 1855.

Inicialmente, devido ao plano de mudança da capital, houve a transferência gradual para Aracaju, a partir de novembro de 1854, da Alfândega, da Mesa de Rendas Provinciais e, também, criou-se o Correio e uma sub-delegacia. Após a Resolução de março de 1855, não se permitindo mais improvisações nas construções da nova capital, incumbiu-se o capitão de engenheiros, Sebastião José Basílio Pirro, da tarefa de traçar e dirigir o mais urgente possível o “plano” da capital, que seria construída pelo engenheiro Pereira da Silva. O plano de Pirro se constituía em um tabuleiro de xadrez, com algumas ruas retas e perpendiculares a uma retificação da curva do rio, e mais outras paralelas a essa última, com quarteirões quadrados e iguais, com 55 braças ou 100 m de lado, e separados por ruas de largura igual a 60 palmos ou 12 m.¹³ A cidade limitava-se a 32 quadras, um quadrado de aproximadamente 540 braças ou 982, 80 m de lado. A única alteração realizada no citado plano, provavelmente idealizada por Inácio Barbosa, foi o traçado curvo da primeira rua junto ao rio, acompanhando o traçado fluvial. Fugia-se, assim, do ideal da regularidade extrema, modelo que agredia de certo modo o meio natural, pois não se adaptava à topografia original. Os diversos mangues e dunas existentes na área dificultavam, é claro, a implantação do “xadrez” e ainda mais porque nesse tempo não havia equipamentos topográficos de precisão para facilitar todo esse processo. O alinhamento das ruas era marcado por cordas e estacas, que facilmente se deslocavam, fato que daí explica, em parte, o formato não exatamente ortogonal de algumas quadras mais incertas do Centro da cidade.

Dentro do plano de Pirro, e principalmente após as posturas estabelecidas pela Câmara em setembro de 1856, as casas e outras pequenas construções tinham que ser sempre alinhadas e obedecer a estas regras, da mesma maneira que outras cidades brasileiras do século XVIII

---

¹³ - Considerou-se 1 braça = 1,82 m e 1 palmo = 0,20 m.

(PORTO, 1991, p. 55). As posturas municipais tinham a intenção de uma padronização apenas formal, para garantir nas cidades brasileiras o aspecto lusitano. Ditavam, por exemplo: dimensões e número de aberturas, altura dos pavimentos, cuidados com fachadas e passeios,... (REIS FILHO, 1997, p. 24). Quando Aracaju já se encontrava no início da construção, o Ministério do Império enviou um “plano” a ser obedecido, aprovado por uma comissão de engenheiros, que sugeria esquinas curvas, diminuía em cinco braças o tamanho das quadras e aumentava em dez palmos a largura das ruas. Como sua implantação exigiria a demolição de várias construções, não foi aceito (FORTES, p. 26).

Ressalta-se que o plano de Aracaju, limitando-se apenas ao traçado das ruas e a algumas posturas, jamais pode ser considerado um “plano” de urbanismo, como se entende hoje, porque até mesmo na Europa do século XIX, onde o grande crescimento das cidades causado pela Revolução Industrial e seus problemas já eram discutidos por pensadores diversos, ainda não havia propriamente um urbanismo, sendo esses estudiosos considerados apenas seus precursores (CHOAY, pp. 3/ 7).

Acredita-se que, em face de todas as dificuldades para a implantação da cidade, criou-se o mito de que o Plano de Pirro era padrão de modernidade absoluta, sem qualquer ligação com o passado.¹⁴ Essa imagem, então, irá permanecer associada à cidade por muito tempo, pelo menos

---

¹⁴ - O traçado ortogonal não tem nada de original, existindo desde a Antiguidade, e reforçado na expansão européia pelos continentes. O modelo de tabuleiro expandiu-se tanto para atender a um pensamento baseado na geometria e na simetria como pelas vantagens na execução. Os espanhóis o difundiram na América, codificado por Filipe II na lei de 1573. Após a aplicação deste nas cidades coloniais da América Central e do Sul, franceses e ingleses o utilizaram na América do Norte, tornando-o o modelo ideal para as cidades. Daí que Aracaju, como também outras tantas cidades do Brasil, herdarão esse traçado, tão diferentes daqueles implantados de forma mais espontânea pelos portugueses.

até meados dos sessenta, quando uma maior interligação do espaço nacional começou a mostrar aos seus habitantes que o traçado de xadrez era muito mais comum do que eles pensavam.

2.2 A FORMAÇÃO DE ARACAJU

Aracaju foi, então, transformando-se aos poucos, lentamente, sendo aterrados diversos locais, o que permitiu em parte a redução das moléstias, tornando-a um lugar razoavelmente habitável cerca de dez anos após sua fundação. As condições do meio propiciaram várias doenças como o cólera-morbus que, no primeiro ano, levou à morte muitos dos seus habitantes, inclusive o seu idealizador e fundador, fato que não permitiu de início o cumprimento perfeito do Plano, bastante restringido em sua área de abrangência. O problema maior era que a capital situava-se de fato numa ilha circundada por córregos e terrenos alagadiços, pois:

“... as primeiras casas e ruas de Aracaju situaram-se entre a Praça Fausto Cardoso e o atual Vaticano. Era esta zona limitada pelos charcos do Caborge (rio que corria entre os quarteirões limitados pelas ruas Santo Amaro e Itabaianinha e que deu lugar a depressão desta rua), a foz do Riacho Olaria e a depressão inundável da Praça do Palácio.”

FORTES, p. 29

Em 1857 iniciou-se uma maior expansão da cidade: abriu-se a estrada que ligava Aracaju à antiga capital que, até hoje, recebe o nome de rua São Cristóvão; delimitou-se a rua da Aurora em função do porto, a rua de São Salvador, por causa da igreja de São Salvador, a rua do Barão e traçou-se o contorno da atual praça Fausto Cardoso. Como dentro do quadrado de Pirro as posturas municipais eram rígidas, um outro tipo de ocupação, contrário a imposições, foi realizado pela população mais carente, como única alternativa viável para construir seus casebres

mais a noroeste. Observou-se, nesse momento, um primeiro traçado natural, longe dos olhares da cidade, mas que só desapareceu realmente em 1920. Já havia a situação da especulação pela terra:

“Esta fuga foi o primeiro fenômeno geográfico de diferenciação social que se operou no Aracaju. As terras fronteiras ao rio, tidas como as melhores, ficaram na posse dos que tinham recursos suficientes para pagar o alto preço a que chegaram os terrenos da capital, especulação que as condições topográficas, limitando a área edificável, influenciaram mais que a confiança no futuro da cidade.”

PORTO, 1991, p. 43

Por volta de 1860, a cidade possuía mais ou menos 600 metros ao longo do rio e 100 metros para o interior. Aos poucos, surgiu uma nova fase de crescimento, com a estrada para a Jabotiana, hoje rua Itabaiana, a intensificação da ocupação para o oeste, mediante a construção da igreja matriz, e o maior desenvolvimento próximo à estrada de ligação a São Cristóvão e das habitações improvisadas. Houve uma expansão da cidade para oeste, que chegou a ocupar cerca de 300 metros de distância do rio.

Figura 2.2 – Planta de Aracaju em fevereiro de 1857.

Figura 2.3 – Planta de Aracaju em 1865 superposta à planta atual.

Figura 2.4 – Fotografia da Igreja Matriz por volta do final do século XIX.

Nesse período, as edificações em geral eram muito simples, de taipa, palha e adobe, materiais naturais da região. Havia, mesmo nesse tipo de construção, um custo elevado pela necessidade da execução de aterro e, em outros tipos de construção um pouco mais elaborados, custos bem maiores pela inexistência de materiais mais resistentes e profissionais qualificados. As construções, em geral, eram bastante estreitas, devido aos aforamentos de terrenos de marinha concedidos a alguns poucos que, para obtenção de maiores lucros, os loteavam em mínimas partes, com larguras entre 4 e 25 braças. Dessa maneira, percebe-se que, com exceção dos prédios administrativos, apenas os mais abastados poderiam construir de uma maneira mais duradoura e dentro do plano, como o Barão de Maruim, um dos primeiros a erguer uma casa de alvenaria na rua da Conceição, hoje João Pessoa. O padrão erguido, já bastante utilizado no restante da Província, era o da casa colonial, estreita, com uma porta e duas janelas de frente para a rua, ainda construída sobre este limite e as laterais. As plantas eram bem semelhantes: uma sala de visitas e de jantar na frente, a cozinha e convivência nos fundos, que aproveitavam toda a iluminação e ventilação naturais. Interligavam-se estas áreas por um corredor longo, onde havia as alcovas, bem escuras. O sanitário sempre estava fora do corpo da casa. Como capital pobre de recursos, em Aracaju não havia, é claro, uma arquitetura local correspondente àquela já executada nos centros mais ricos, como Rio de Janeiro e São Paulo, em estilo neoclássico.

As imagens da rua da Aurora no final do século XIX, margeando o rio, retratam bem a precariedade do novo assentamento, com ruas sem pavimentação ou qualquer urbanização, mesmo na atual Praça Fausto Cardoso. A Ponte do Imperador é ainda um simples pontilhão de madeira.

Figura 2.5 - Ponte do Imperador e Rua da Aurora por volta de 1890. É interessante observar, à direita, a primeira construção do Hotel Brasil, depois Sul Americano, no local onde hoje se situa a Assembléia Legislativa.

Figura 2.6 - Rua da Aurora e Aracaju vista do rio Sergipe no início do século XX. Ao longo da rua observa-se a linha contínua de casas simples e térreas, só se percebendo um sobrado mais ao longe. Aparecem canoas no primeiro plano e, aparentemente, um vapor atracado no trapiche Lima.

A imagem da cidade nessa época deve ser entendida, então, como reflexo de todas as dificuldades físicas e falta de recursos da Província. A Capitania de Sergipe tinha obtido sua emancipação política da Bahia em 1820 e, depois de tantos anos de dominação, ainda lutava para se firmar, apesar das crises do Império. As condições extremamente precárias do ambiente e do incipiente assentamento urbano ficam patentes nas trovas populares que circulavam à época, muitas delas criadas pelos habitantes de São Cristóvão:

*“Quem for para Aracaju
Leve terço pra rezar
Que Aracaju é uma terra
Onde as almas vão penar”*

*“As águas de São Cristóvão
Só parecem de cristal
As águas de Aracaju
Só parecem rosargal”*

Como coloca Silva (1992, p. 79):

“para os habitantes de São Cristóvão, orgulhosos dos seus conventos coloniais, das suas igrejas seculares, dos seus sobrados patriarcais, do imponente Palácio Presidencial – que eles julgavam um dos melhores do Império (e aqui volta a questão das imagens distorcidas em decorrência do isolamento da Província) – a cidade que surgia, timidamente numa “praia inóspita”, nem sequer merecia as honras de povoação.”

*“Aracaju não é cidade
Nem também povoação
Tem casinhas de palha
Forradinhas de melão”*

Exageros e preconceitos à parte, já que as posturas da nova capital proibiam a construção de casas de palha, relegadas à periferia do Plano de Pirro, fica clara a imagem negativa lançada sobre a nova capital. E essa imagem não deixa de ser percebida por diversos elementos evidenciados, como já visto, nas primeiras fotografias existentes da cidade que, apesar de a retratarem mais para o final do século, mostram uma situação de extrema precariedade. Informações estatísticas do século XIX também confirmam as difíceis condições de higiene e saúde enfrentadas na capital, onde as “febres do Aracaju” eram constantes e a mortalidade infantil chegava a quase 50% dos óbitos (SANTANA, 2001, pp. 99/ 105).

Em 1872, a população era de cerca de 9.500 habitantes e, em 1889, a cidade já possuía aproximadamente 15.000 habitantes. Por volta desta época, foram introduzidas nos engenhos as primeiras máquinas de moer açúcar a vapor e, percebendo-se a complexidade e necessidade de melhorias no produto, criaram-se as usinas só para o fabrico do açúcar, e os engenhos centrais se

estruturaram melhor para o cultivo da cana. O algodão teve então a sua fase áurea no mercado, em consequência da Guerra de Secessão dos Estados Unidos, o que acarretou anos depois, em 1883, a inauguração da primeira fábrica de tecidos da cidade, a Cruz e Cia ou Fábrica Sergipe Industrial. Com a Lei Áurea de 1888, que gerou a crise da produção do açúcar e, depois, com a fase de políticas instáveis do novo país republicano, Aracaju tendeu a crescer rapidamente, ocupando os espaços vazios de sua área, reforçando a densidade das zonas periféricas ao Plano, inclusive com o incremento da população de ex-escravos, e expandindo-se para o norte e para sul, sempre ao longo do rio. Para o norte esse crescimento se deu muito vinculado ao rio Sergipe e aos ventos que aí eram mais fortes e constantes. Do pequeno centro para essa direção desenvolveu-se a Maçaranduba, depois Chica Chaves, Tecido, atualmente, denominado Bairro Industrial. No final do século XIX, essa área era marcada pela presença de fábricas de tecidos, que possuíam atracadouros para os saveiros que traziam algodão dos entrepostos interioranos. Era ocupada por uma população mais pobre, mas é interessante observar que, aos poucos, também aí se localizou uma linha de casas e palacetes margeando o rio, alguns deles existentes até hoje.

Para o sul, a cidade se expandiu mais lentamente e, somente nos finais do século XIX, alcançou a Fundição (indústria montada por ingleses para suprir necessidades da indústria açucareira), localizada na confluência das atuais avenidas Barão de Maruim e Ivo do Prado, o chamado Bairro Boa Vista. Aí existiam saboarias e uma serraria, definindo o seu caráter periférico ao então centro. O acesso era difícil, em decorrência de áreas alagáveis ao seu redor e, conforme Porto, só a partir da implantação dos bondes a burros a área passou a ser utilizada como ponto de banho e veraneio. Ainda mais para o sul do estuário, a saliência conhecida como Ponta do Tramandaí (atual local do Iate Clube) já era utilizada desde os primórdios da cidade como ponto de apoio à navegação, facilitando a praticagem do porto em face das grandes dificuldades apresentadas pela

barra, quer na entrada, quer na saída de navios, tema tratado em vários trabalhos específicos. Posteriormente, ainda no século XIX, o local foi possivelmente utilizado como depósito de carvão, talvez para abastecimento dos primeiros vapores que chegavam à cidade.

2.3 A “CONSTRUÇÃO” DA CAPITAL

Concluído o século XIX, Aracaju já estava implantada e pronta para iniciar o processo de sua consolidação como capital. A cidade tornou-se o centro industrial e comercial mais importante de Sergipe, apoiada pelo transporte fluvial e pelo ferroviário, que se estendia a partir da cidade para o norte e sul, reformulando os eixos de tráfego. Daí que, por volta de 1910, os antigos centros de poder perderam, finalmente, seus lugares de destaque, pois até então o transporte fluvial do campo para a capital ainda era essencial para o escoamento da produção. Esse maior crescimento urbano se deu em parte por decorrência das novas medidas políticas adotadas pela República Velha e, também, pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. O Nordeste era o fornecedor de matéria-prima para as indústrias do sul, inclusive as têxteis, e o algodão, nesse período, mais uma vez se tornou o segundo produto agrícola mais exportado pelo Estado. Assim, até cerca de 1945, Aracaju vai passar por uma fase que pode ser denominada de “construção da capital”, de consolidação da cidade-capital republicana, centro hegemônico do Estado.

Nessa fase, a cidade vai apresentar grande expansão horizontal, extravasando realmente o “Quadrado de Pirro” delimitado na sua fundação.

Figura 2.7 – Fotografia Aérea com Vista das Praças “Monumentais” em julho de 1923. No canto inferior direito, vê-se parte da Ponte do Imperador e o Rio Sergipe.

Figura 2.8 - Fotografia Aérea com Vista Parcial do “Quadrado de Pirro” em julho de 1923.

Figura 2.9 – Cartão-postal da Praça Fausto Cardoso na década de 20, com vista do seu centro para a Catedral.

Figura 2.10 - Panorama da Cidade na década de 20, mostrando a partir da Catedral os Palácios, o Jardim Olímpico Campos e, ao fundo, o rio Sergipe.

Figura 2.11 – Praça da Catedral na década de 20. Destaque para as palmeiras imperiais.

Figura 2.12 – Vista panorâmica da Catedral para a Rua Santa Luzia, sentido sul, nos anos 20. Essa rua era o limite da ocupação da cidade na direção oeste, ou seja, contrária à Av. Ivo do Prado, margeada pelo rio Sergipe.

Figura 2.13 – Vista do rio Sergipe para a Avenida Ivo do Prado na década de 20. No lado direito, observa-se a Ponte do Imperador e a Praça Fausto Cardoso.

Figura 2.14 – Avenida Ivo do Prado vista da Praça Fausto Cardoso em direção ao sul nos anos 20.

Para o norte, acompanhando o estuário, o bairro Chica Chaves continuou crescendo graças ao aumento da produção das fábricas de tecidos. O Santo Antônio também vai ter sua ocupação bastante incrementada após 1910, com a implantação do sistema de bondes a burros, e mais ainda a partir de 1926, quando os bondes elétricos facilitaram a ligação entre essa área mais remota e o Centro. Essas zonas vão atrair também uma parte da população de renda mais elevada. O povoamento se intensificou com a urbanização da antiga Estrada Nova e a criação da Avenida João Ribeiro na década de 30.

Figura 2.15 – Fotografia com Vista Aérea Parcial do Bairro Chica Chaves em 1922.

Diz o poeta Jacintho de Figueiredo nos versos da “*Feirinha do Tecido*” (p. 51):

*A Feirinha em “Chica Chaves”,
A Feirinha do Tecido:
Carne não tinha, nem aves...
Mas beiju, menduim cozido.*

*Livre de impostos, entraves,
- Um comércio divertido...*

*Sem anúncio, sem alarde,
Dia de sábado, à tarde,
Tinha lugar e função:
Logo à saída da ponte,
E, da Fábrica, adiante,
Bem defronte do portão.*

Figura 2.16 - Fábrica Sergipe Industrial no início do século XX.

Figura 2.17 - Chalé da Fábrica Sergipe Industrial no início do século XX.

Figura 2.18 – Avenida João Ribeiro e Igreja do Santo Antônio na década de 30. A linha de bonde elétrico ligava o Centro de Aracaju ao limite da colina.

Figura 2.19 – Fotografia do bonde elétrico da linha Santo Antônio.

Para o sul, a ocupação ao longo do estuário se consolidou até a “Fundição”. De fato, a partir do início do século XX, o fluxo mais forte de urbanização passou a se dirigir para essa área em busca de amenidades. A uma classe média e alta predominantemente, acompanhando a curva do estuário e pouco adentrando para o oeste, chegando no máximo na altura das ruas Itabaiana e Santa Luzia, só que com uma ocupação mais rarefeita. Nessa parte também as ruas foram implantadas dando continuidade ao plano de Pirro, e certos pontos, já bem urbanizados, se constituíram em áreas privilegiadas de moradia, como rua Pacatuba, a rua Itabaiana, a atual Praça Tobias Barreto e a Praça Camerino.

*“...Terrenos vagos... casas isoladas...
A rotina, diurna, do Ateneu.
E desde o escurecer às madrugadas,
As querelas do sapo: - “é meu!... quem deu?...”*

*Embora, totalmente, arborizada,
Tendo ao centro um jardim, ampla calçada,
Vivo contraste do que fora atrás...*

*A praça Camerino, ensimesmada,
Guarda consigo um quê de água parada...
- Presença que ficou daquela paz!*

FIGUEIREDO, p. 111

Entretanto, o deslocamento intra-urbano ainda era bastante difícil pela ausência de transportes coletivos e somente a expansão do sistema de transporte urbano, como já explicado, irá propiciar, a partir de meados dos vinte, o crescimento ainda mais para o sul, para além da Fundição, com a criação do Bairro Inácio Barbosa e a primeira definição de uma área específica de veraneio, a Praia Formosa. Para isso foi preciso que os bondes elétricos chegassem até a atual Praça Getúlio Vargas, viabilizando um maior contato entre as zonas mais antigas da cidade e uma nova área, ao sul da ponta do “Inflamável”.¹⁵

---

¹⁵ - Na ponta de terra que avança para o estuário, onde hoje se localiza o Iate Clube, foi instalado, ainda na segunda metade do século XIX, um depósito de carvão para o abastecimento de navios; era o “carvão”. Na virada do século, aí se instalou um depósito de inflamáveis, que se destacou bastante a partir dos anos 20, com a ampliação dos veículos automotores e do consumo de combustíveis, vendidos em latas e tambores. (PORTO, 2003, pp. 131/ 132).

Figura 2.20 – Vista da Rua Pacatuba, nos anos 20, a partir da Praça Fausto Cardoso em direção ao sul, ou melhor, à Praça Camerino.

Figura 2.21 – Vista de Trecho da Rua Itabaiana, anos 20, com destaque para o Grupo Escolar General Siqueira, hoje Quartel da Polícia Militar.

Figura 2.22 – Fotografia parcial da zona sul de Aracaju em julho de 1923. Realizada pela esquadrilha do primeiro “Raíd Aéreo” Rio/ Aracaju. Em destaque, no centro, o prédio do Seminário, visto abaixo.

Figura 2.23 – Cartão-postal fotográfico do Seminário Sagrado Coração de Jesus, cerca da década de 20.

Pouco a pouco a zona sul se consolidou, mais prédios foram sendo construídos, as praças, urbanizadas. A Praia Formosa se constituiu na primeira área especificamente definida como balneário e zona de veraneio, assim continuando até os anos quarenta. Em reminiscências dessa época, Melins coloca que essa...

“Era a praia mais freqüentada pelos aracajuanos. Em sua orla, a maioria das casas era construções simples, habitadas por pescadores. Em outras de melhor qualidade, residiam gente de classe média... As outras residências cobertas de palhas ou telhas, quase todas com pequenos alpendres ou varandas, ficavam fechadas por longos meses, até a época do verão. Quando no fim do ano os colégios davam férias a seus alunos ou encerravam-se as festas de Natal, muitas famílias de classe média alugavam casas para veraneiar. Naquela temporada, as Ruas da Frente, Raimundo Fonseca e Júlio Santana eram muito movimentadas. Além dos veranistas e moradores, centenas de pessoas da cidade iam para lá tomar banho de mar ou se bronzear nas areias alvas.

Às tardes, nas varandas de suas casas, deitados em redes, os veranistas descansavam despreocupados e tranqüilos; crianças brincavam em esteiras. Os rapazes e as moças sentavam no quebra-mar, conversando animadamente ou jogando a linha de fundo, tentando fregar algum bagre. No fim da tarde, pescadores com suas lambudas descarregavam seus pescados, que eram vendidos ali mesmo aos veranistas. Os que sobravam, eram levados aos mercados ou restaurantes.

Outras crianças brincavam de manja ou jogavam bola nas ruas empoeiradas.

Raramente passava um automóvel. O ônibus Paciência que fazia a linha Centro/ Praia Formosa, quando não estava quebrado, aparecia por lá, somente quatro ou cinco vezes no dia.”. (Murillo MELINS, p. 257/ 258)

“Aos sábados e domingos, a Praia ficava repleta de banhistas que tomavam sol, em frente à orla ou mergulhavam no canal ou nos vaus. Durante muitos anos, a Praia Formosa foi a mais querida e romântica de Aracaju”.

MELINS, p. 260

Figura 2.24 – Fotografia de Aracaju vista da ponta do “Inflamável” em direção ao Centro nos anos 20.

Figura 2.25 – Vista da Praça Camerino para o sul na década de 30, recém urbanizada.

Figura 2.26 - Praça Camerino na década de 40, tendo no seu entorno moradias de uma classe mais abastada.

Figura 2.27 – Trecho da Avenida Barão de Maroim nos anos 30.

Figura 2.28 – Cartão fotográfico, por volta dos anos 40, tendo o Seminário à direita e, no lado oposto, o Asilo.

Figura 2.29 – Colégio Patrocínio de São José na década de 40. Construído na Praça Tobias Barreto, tem a sua fachada principal voltada para o leste.

Figura 2.30 - Igreja São José na década de 40. Foi erguida também na Praça Tobias Barreto, em meio ao manguezal, sendo, por muitos anos, o limite sul da cidade. A sua fachada principal é voltada para o norte.

Figura 2.31 - Praça Getúlio Vargas na década de 40. À esquerda, vê-se o Palacete da família Rollemberg construído em 1917 no estilo eclético.

Figura 2.32 – “Tabuleiro” da Praça Getúlio Vargas na década de 40. Abrigo para a parada dos bondes que ligavam a zona sul ao Centro da cidade.

No início dos trinta, outra área de veraneio começou também a ser estabelecida ainda muito longe da malha urbana, dispondo de praias antes praticamente inacessíveis aos aracajuanos: a Atalaia. Ela já era conhecida antes, mas, para se chegar lá e passar alguns dias em precárias habitações de palha, era uma aventura. Por caminho de terra chegava-se ao “carro quebrado” e ao Poxim, atravessando-o em canoas, e daí seguia-se por outra estrada até a praia. Como coloca Melins,

“No início dos anos 30, as viagens para Atalaia eram feitas em carroças, charretes ou nos velhos Fords, até as margens do Rio Poxim, atravessava-se de canoa, e o resto do percurso era feito a pé ou em carros movidos à tração animal. Alguns ricos, não querendo privar-se do conforto dos seus “Fobicas”, quando chegavam à beira do rio, juntavam duas canoas, colocavam pranchas, embarcavam o veículo e faziam a travessia. Daí em diante, por uma estrada “Real”, completavam o resto da viagem.”

MELINS, p. 268

Somente em 1936/ 37, na administração Godofredo Diniz, o melhoramento do traçado e o total empiçarramento da estrada, além da construção de uma ponte de concreto sobre o Poxim pelo Governo do Estado, tornaram efetiva a ocupação da nova praia, embora ainda acessível apenas para os poucos possuidores de automóveis da época. Pouco a pouco, tornou-se local privilegiado para a população de renda média e alta, chegando a contar com um cassino, que nunca funcionou, mas que se tornou o local de brincadeiras da criançada e de bingos e festas para o seletos grupo de veranistas. Aí também se localizou o Palácio de Veraneio do Governador do Estado. Dizia-se, à época, que veranejar na Atalaia, com seu ar puro e os banhos de mar, tanto no oceano próximo como no braço de mar que lhe ficava em frente, garantia saúde para o ano inteiro. Devia-se ficar com o sal na pele após o banho matutino, pois se acreditava nessa prática como boa para a saúde.

Figura 2.33 – Ponte da Atalaia sobre o rio Poxim na década de 40. Foi construída em concreto e com acentuada elevação para permitir a passagem de canoas à vela.

Figura 2.34 – Postal com detalhe da Ponte da Atalaia também na década de 40.

Na direção oeste, somente também a partir dos trinta, a cidade vai se expandir para além da “Baixa Fria”, zona alagadiça após o cordão de dunas, formando, então, o bairro Siqueira Campos e, depois, os bairros 18 do Forte, América e Cidade Nova. Foi a época do apogeu do transporte ferroviário, que deslocou, em parte, o eixo de crescimento da cidade. Deve-se compreender que nessa época, com o setor primário atravessando uma grande crise, com a queda de preço do açúcar no mercado e, além disso, com o algodão sofrendo a concorrência de produção de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, ocorreu uma redefinição econômica da cidade, que se firmou, então, como maior centro comercial e de serviços do Estado. Cresceu espontaneamente, quase sem apoio do governo, e praticamente através de investimentos particulares. Desenvolveram-se os citados bairros, sendo povoados pela população mais pobre da capital, com condições urbanas bastante precárias. Em 1934, 40 % das habitações da cidade eram classificadas como “casebres de dunas” e, certamente, para essa elevada percentagem muito contribuíam as edificações mais a oeste.

É importante observar que, nessa longa fase, o Centro mais antigo tinha uma outra configuração urbana, bem mais estruturada. As ruas comerciais e as praças monumentais davam à urbe um porte de capital, pois estavam reformadas desde a ocasião do Centenário da Independência. De fato, nos anos 20, houve a intensificação de serviços de arborização e embelezamento geral das praças, construções e reformas de prédios públicos, como também de ruas e avenidas, margeadas por prédios comerciais assobradados no estilo eclético, tudo com a intenção primordial de modernização da cidade. Dentre essas, pode-se citar as reformas do Palácio do Governo e da Assembléia Legislativa, realizadas por uma equipe de artistas italianos, e a criação do parque Theophilo Dantas, grande obra de urbanização. As residências da cidade nas zonas central e sul também se transformavam, adotando o ecletismo, às vezes apenas caracterizado por reformas nas

fachadas com acréscimo de detalhes, ou até com grandes alterações formais, casas de porão alto, palacetes e criação dos jardins laterais.

O período abrangeu grandes progressos técnicos na cidade: em 1908, água encanada; em 1910, bondes de tração animal; em 1913, lâmpadas elétricas; em 1914, serviço de esgotos; em 1916, rede telefônica e em 1926, bondes elétricos. O crescimento demográfico foi notório, com a população duplicando em pouco mais de 20 anos: em 1924, estima-se que a cidade contava com 42.469 habitantes, que chegaram a 59.031, em 1940.

Figura 2.35 – Postal da Praça Fausto Cardoso, muito bem ajardinada, emoldurada pelo rio Sergipe nos anos 30. À direita, são vistos os trilhos da linha de bonde e um deles circulando pela área.

Figura 2.36 – “Praça Automobilística” na década de 30. Construções mais imponentes margeavam a Praça do Palácio. Ao fundo, vêem-se as cúpulas da Escola Normal.

Figura 2.37 - Rua João Pessoa na década de 30, principal rua de comércio. Era ladeada por edifícios comerciais, a maioria com dois pavimentos, e continha posteamento central e trilhos para duas linhas de bonde.

Figura 2.38 – Praça Pereira Lobo na década de 30. À esquerda, relógio do Mercado e, à direita, torre da capela do Ginásio N. Sra. de Lourdes, colégio feminino da ordem das sacramentinas.

Figura 2.39 - Rua João Pessoa na década de 30, no trecho da Praça do Mercado ou Pereira Lobo.

2.4 CONSOLIDAÇÃO E ADENSAMENTO DA MALHA URBANA

No período entre o final da 2ª Grande Guerra e o final dos sessenta, Aracaju passou por uma fase de consolidação como capital estadual, com maior ocupação dos vazios intra-urbanos e uma pequena expansão da malha, sobretudo para oeste. A economia do Estado, relativamente estagnada no período, não favoreceu o crescimento da capital. Todavia, durante essa longa fase houve oscilações econômicas e até ações político-governamentais que quebraram a monotonia dessa situação quando vista a longo prazo, inclusive com a manutenção dos marcos urbanos tradicionais e acréscimo dos novos marcos verticalizados. Somente com a descoberta do petróleo em Carmópolis, por volta de meados dos sessenta, criaram-se as condições econômicas indispensáveis para uma acelerada retomada do crescimento urbano no período seguinte. A imagem que fica para esses aproximados vinte e cinco anos é, portanto, a de uma cidade pequena, pacata, provinciana, sem grande dinamismo, para não dizer, estagnada. Uma cidade que não chegou a alcançar 200.000 habitantes e onde “todos” de determinadas classes sociais se conheciam; as festas populares reuniam grande parte da população; as retretas e o “footing” na Praça Fausto Cardoso e na rua João Pessoa congregavam toda a elite; saborear os sorvetes da Yara nas noites de domingo era obrigatório para a juventude.

Na década de 40, a definição de um novo meio de transporte dominante, o rodoviário, favoreceu um lento, mas constante crescimento da cidade para oeste, acompanhando a implantação do novo sistema de circulação que integrava a capital à sua hinterlândia. Durante a Segunda Guerra Mundial, a situação econômica melhorou um pouco, com o aumento da produção de tecidos das fábricas sergipanas a serem enviados para a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. A cidade cresceu

e surgiram melhores construções, como prédios comerciais de mais de dois pavimentos, financiados pela Caixa Econômica Federal e Carteiras Imobiliárias das Autarquias.

A partir de 1950, finalmente, a zona oeste se consolidou bastante; diversos bairros foram criados com a abertura da Br-101 e o progresso no setor automobilístico. O porto era cada vez menos utilizado, com a barra de pouca profundidade e a espera necessária das marés para entrada dos navios de grande tonelagem. A rodovia de fato assim se estabeleceu como sistema de transporte dominante. Com o fácil deslocamento, passou a ser crescente a migração dos habitantes do interior para a capital em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Aos poucos, a lavoura também cedeu espaço à pecuária, que ocupava grandes áreas, o que favorecia a expulsão de um maior número de trabalhadores do campo, que vinham a formar cada vez mais periferias sem investimentos públicos. Por outro lado, a capital muito se beneficiava com os recursos vindos dos pecuaristas que, em geral, aplicavam os seus lucros em diversos setores econômicos. Em 1955, a inauguração da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco foi muito importante para a cidade, possibilitando uma expansão da rede elétrica, melhorando o serviço até então feito por geradores. Ao norte, o Bairro Industrial permanecia estagnado e como sede das indústrias têxteis também decadentes. Em outra área, às margens da BR, estavam as habitações mais precárias e as indústrias de papel e o Frigorífico Aracaju. Também existiam algumas favelas: Ilha das Cobras, que foi destruída e a população foi para o conjunto Agamenon Magalhães; Brasília, também na zona norte, e Japãozinho, na zona sul. Nessa década, a Prefeitura, tentando planificar a cidade, aprovou projetos de loteamentos em várias áreas, nem sempre ocupados ou vendidos, às vezes, por estarem em terrenos de marinha (RIBEIRO, p. 48). A porcentagem dos lotes populares era de 88 % e quase todos localizavam-se ao norte e a oeste, evidenciando ainda mais a relação entre estratificação do espaço e classe social. O Centro ainda era o bairro mais representativo,

abrangendo as funções econômica e político-administrativa. O comércio expandira-se, ocupando a Avenida Rio Branco, as ruas João Pessoa, Laranjeiras, Itabaianinha e São Cristóvão, além de toda a área dos mercados e adjacências, só que mantendo a aparência modesta, de uma pequena cidade, apesar de ser a década em que são edificadas as primeiras construções verticais na cidade.

Figura 2.41 - Rua João Pessoa na década de 50. À esquerda, Ed. Mayara: o primeiro edifício de Aracaju.

Figura 2.42 – Vista do Palácio do governo na década de 50. A Praça Fausto Cardoso mantém-se como centro político e administrativo.

Figura 2.43 – Recanto do Parque Teófilo Dantas na década de 50. À direita, encontra-se o Aquário Municipal, vendo-se ao longe as torres da Catedral e, à esquerda, o prédio da Prefeitura Municipal de Aracaju.

Figura 2.44 – Vista da Avenida Rio Branco (antiga Rua da Aurora) a partir da Praça Fausto Cardoso para a direção norte, do antigo porto. Nos anos 50, os postos de combustíveis já são mais presentes na cidade.

Figura 2.45 – Rua Itabaianinha no sentido sul. À esquerda, vê-se parte do antigo quartel do 28º BC, local onde no final dos anos 60 se erguerá o Ed. Estado de Sergipe.

Figura 2.46 – Vista da Colina do Santo Antônio para a Avenida João Ribeiro e o Centro nos anos 50.

Figura 2.47 – Praça Siqueira de Menezes, atrás da Igreja do Santo Antônio, nos anos 50.

No sul, o São José se consolidava com a venda de terrenos e a Praia Treze de Julho, com um grande loteamento, ultrapassava o Tramandaí. Nas áreas mais nobres dessa zona já havia residências confortáveis, ecléticas, art déco ou neocoloniais, seguindo as tendências da época. Os bangalôs proliferavam entre a classe média, com pequenas varandas laterais, seguindo os mais diversos estilos. Também aí se encontravam os mais elegantes clubes sociais da cidade, com suas memoráveis festas e eventos esportivos: a Associação Atlética e o Iate Clube. Aproveitando a maior disponibilidade de grandes terrenos, também na área se localizou o novo Colégio Estadual de Sergipe que, com seu grande auditório, deu a Aracaju seu único teatro por muitos anos.

Figura 2.48 – Vista Panorâmica da zona sul para o Centro de Aracaju. Observa-se essa área já muito mais ocupada. Ao longe, no meio do Cartão-postal, aparecem as torres da Catedral.

Figura 2.49 – Vista parcial da cidade para o sul na década de 50. Ao fundo, margeando o estuário do Rio Sergipe, observam-se as instalações do Iate Clube de Aracaju e parte da Praia Treze de Julho.

Figura 2.50 – Avenida Getúlio Vargas na década de 50, em frente à Praça Inácio Barbosa. Essa é a mesma que aparece na imagem acima, de formato triangular. O Palacete dos Rollemberg está à direita.

Figura 2.51 – Iate Clube de Aracaju na década de 50. À beira do rio Sergipe, era um local freqüentado pela população da mais alta renda da cidade.

Figura 2.52 – Fotografia da varanda do Iate Clube, em frente ao rio Sergipe, na década de 50.

Figura 2.53 - Associação Atlética de Sergipe na década de 50. Era um dos principais clubes da cidade e foi fundado, também na zona sul, mais próximo à Praça Camerino, antes do Iate Clube de Aracaju.

Figura 2.54 – Colégio Estadual na década de 50. O bairro São José ainda tinha grandes espaços vazios e uma malha urbana pouco densa, principalmente no sentido oeste. Ao longe, no centro, vê-se a torre da Igreja São José.

É interessante observar que, a partir dos meados dos cinquenta, coincidindo com as comemorações do centenário da cidade, Aracaju começou a mudar sua imagem, com grandes intervenções urbanas estatais. Com o desmonte da duna do Bonfim e a criação da esplanada onde se localizou a primeira estação rodoviária, símbolo da modernidade do novo meio de transporte, e a implantação dos primeiros edifícios novos marcos foram então criados.

Foram construídos no Centro alguns edifícios, como o Mayara, de seis andares, e o Ed. dos Serviços Públicos, hoje Ed. Walter Franco. Na Avenida Ivo do Prado, ergueu-se o primeiro edifício exclusivamente residencial, o Atalaia, com 10 andares, obra justificada à época pelo elevado preço do terreno da zona sul, mais elitizada e com as ricas residências implantadas em grandes terrenos à margem do rio e em suas proximidades. Mas, de fato, essa pode ser muito mais explicada pela intenção de se construir na cidade uma inovação. Logo depois, foi feito no Centro o Hotel Palace, símbolo vertical isolado, com treze pavimentos. O número de edifícios em Aracaju, é claro, não poderia ser elevado até essa data, pois havia grande disponibilidade de áreas para a construção e ainda os investimentos necessários para essas obras eram muito altos. De modo geral, nesse período percebe-se que a cidade foi apenas, lentamente, preenchendo alguns vazios, os bolsões, que sempre se configuravam pela forma de ocupação em tentáculos, e essa verticalização foi um ensaio do que ocorreria depois. O crescimento era irreal, pois o país enfrentava séria crise e Aracaju, com uma urbanização terciária, sem muitas indústrias, era uma cidade pobre, “uma grande cabeça sustentada por um corpo frágil” (DINIZ, p. 49).

Figura 2.55 - Rua João Pessoa com destaque para o Ed. Mayara na década de 50. À direita, a Igreja de São Salvador. Os bondes já haviam desaparecido e o Centro apresentava um visual mais moderno.

Figura 2.56 – Praça Fausto Cardoso e Ed. dos Serviços Públicos nos anos 50. Edificações modernas vão reforçar a imagem da praça no imaginário da população.

Figura 2.57 – Vista Aérea do Centro na década de 50. A imagem centraliza o eixo das três Praças “Monumentais” a partir da Ponte do Imperador.

Figura 2.58 – Vista Aérea Parcial do Centro – Praça Fausto Cardoso na década de 50. Destaca-se o quadrante dos Palácios e do Ed. dos Serviços Públicos.

Figura 2.59 – Vista aérea do Centro de Aracaju nos anos 60 e, em destaque, o Hotel Palace. Note-se o casario ainda baixo na parte norte do Centro e certa decadência apresentada pela Avenida Rio Branco, já sem o porto em funcionamento. A imponência do Hotel Palace na paisagem é indiscutível. Atrás desse, ao longe, tem-se a esplanada criada para abrigar a Estação Rodoviária.

Figura 2.60 – Primeira Estação Rodoviária na década de 60. Ao longe, fundo do Hotel Palace.

Figura 2.61 – Vista parcial da Praça Fausto Cardoso em direção ao sul no final da década de 50. Ao longe, vê-se, ainda em construção, o Edifício Atalaia, marcando a paisagem urbana nessa direção.

Figura 2.62 – Vista parcial de Aracaju em direção ao sul na década de 60, provavelmente obtida do Hotel Palace. Ainda mais ao longe, tem-se o Edifício Atalaia.

Para o extremo sul da cidade, a Atalaia se mantinha como zona de veraneio, reforçada pela construção da nova estrada a partir do Iate Clube de Aracaju e pela edificação da nova ponte, de estrutura bem mais arrojada, o que permitiu o maior fluxo de veículos. Com o desenvolvimento da indústria automobilística nacional nos sessenta, essa área de lazer e veraneio, antes de uso apenas da elite, torna-se mais acessível ao restante da população urbana.

*Atalaia, de então, era de palha;
E o seu melhor transporte era a canoa.
Entre as dunas e o mar, frouxa toalha
De fina areia se estendia à toa...*

*Hoje, que a mão do homem ali entalha,
Rasgando a areia humildemente boa;
Separando-a do mar pela muralha...
Toda aquela paisagem se esboroa!...*

*E do contraste em plena Natureza,
Entre o primado eterno da beleza
E os caprichos da humana criação...*

*Somente o velho mar, calmo ou em procela,
Ainda nos fala da beleza dela,
Da Atalaia de palha e “pé-no-chão”!...*

FIGUEIREDO, p. 33

Figura 2.63 – Fotografia com vista parcial da Av. Beira Mar para o sul, bem na curva do Iate Clube, provavelmente dos anos 50. Com essa nova via, torna-se bem mais fácil a ligação da cidade e a Ponte do Poxim.

Figura 2.64 – Iate Clube de Aracaju na década de 60. Na parte superior da imagem, já se vê a implantação da nova via que, cortando a Praia Formosa, ligava Aracaju à Atalaia.

Figura 2.65 – Nova Ponte da Atalaia na década de 50. Os baixos vãos da ponte indicam já a inexistência de um transporte por canoas à vela no rio Poxim.

Figura 2.66 – Zona de veraneio da Atalaia no início dos 60, vendo-se à direita, o Palácio de Veraneio e à esquerda, a pracinha com o antigo “cassino”.

Figura 2.67 - Praia da Atalaia na década de 50. Já é intenso o movimento na área.

Figuras 2.68 e 2.69 - Imagens do antigo farol da Atalaia, que marcava um ponto intermediário na antiga entrada do estuário do Sergipe. A primeira do início do século XX e a segunda da década de 60. Foi trazido da Inglaterra em finais do século XIX e, por engano, montado aqui quando se destinava a Recife. Desativado após a construção do novo farol à beira do oceano na Coroa do Meio, entrou em processo de deterioração e está agora em processo de restauração.

Figura 2.70 – Crescimento Espacial Aproximado de Aracaju.

Fonte básica: DINIZ, 1963.

2.5 A FORMAÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO

Após 1964, com os militares no governo do país, foi promovida forte ação política nacional de desenvolvimento através dos PND's, preparando o espaço brasileiro para a ação mais efetiva do capital. Com essa intervenção na gerência das cidades, desenvolveram-se medidas modernizadoras, embora conservadoras, e Aracaju acentuou sua urbanização (FRANÇA, p. 35). Foi crescente a especulação da terra para fins imobiliários, com a criação do Sistema Financeiro de Habitação e do BNH – Banco Nacional de Habitação. Este último trazia o propósito de garantir casa à população mais carente e promover aumento na oferta de empregos e, por trás disso, o ideal do controle da inflação, estimulando a economia do país. Leis e medidas surgiram para possibilitar todo este plano como a Lei do Condomínio e Incorporações Imobiliárias, nº. 4591, de 16 de dezembro de 1964 e a Lei de Estímulos à Construção Civil, nº. 4864, de 29 de novembro de 1965 (LOUREIRO, p. 72).

Para a dinâmica urbana, aliou-se a todo este plano o fator local da descoberta de petróleo em Carmópolis, a 47 km de Aracaju, em 1963. Na segunda metade da década, os investimentos da Petrobras e a chegada das primeiras empresas prestadoras de serviços, inclusive multinacionais, começaram a impactar a economia, com reflexo mais intenso na capital, estimulando o crescimento quantitativo e qualitativo do comércio e, é claro, com o aumento da população, a necessidade de novos projetos habitacionais. A repercussão é mesmo quase imediata: a COHAB, em 1966, deu início à construção do Conjunto Castelo Branco I, com 380 habitações. Em termos de melhorias de vias urbanas, as avenidas Rotary e Oceânica e a rua Santa Catarina foram asfaltadas e foi construída a atual Av. Tancredo Neves, ligando a Atalaia à BR-235 (interligação

da cidade com a BR-101). Com aumento de produção, em 1967 a Petrobras constrói, na Atalaia Velha, o Tecarmo – Terminal Marítimo de Carmópolis, para receber e exportar todo o óleo produzido em Sergipe. Foi fundamental para a construção civil a abertura, neste mesmo ano, da fábrica de cimento, no bairro América. Todo esse desenvolvimento é evidenciado até pela literatura de cordel:

*“...Petróleo tem de primeira
Em Carmópolis encontrado
Um dos melhores do mundo
Pelos técnicos comprovado
Melhor ainda será
Quando por nós refinado.*

*Temos calcário pra cimento
Fábrica já em andamento
Breve nosso salgema
Outros enriquecimentos
Graças aos grandes feitos
Aos homens de empreendimento.”*

SANTOS, 2005, p. 3

No tempo do “milagre brasileiro”, houve também a urgência de o Estado criar um ícone da modernização e, assim, construiu o Edifício Estado de Sergipe, com 28 andares, altíssimo para os padrões nordestinos, sendo um destaque no “skyline” da cidade. Com esta verticalização, valorizou-se o solo no centro e proximidades e acelerou-se o seu uso mais intensivo. Uma outra obra de destaque, com a ocupação de área de mangue na zona sul, foi o Estádio Lourival Baptista, com capacidade para 40 % da população da cidade do período.

Figura 2.71 - Edifício Estado de Sergipe praticamente concluído no final da década de 60. O Hotel Palace, logo atrás, passa a um segundo plano em face do elevado gabarito desse edifício.

Figura 2.72 – Postal da Estação Rodoviária, anos 70, também se enquadrando o Edifício Estado de Sergipe e o fundo do Hotel Palace.

Figura 2.73 – Vista do Estádio Lourival Batista no final da década de 60, mostrando, ao fundo, o Ed. Atalaia, o exemplo da verticalização isolada ao longo do estuário à época.

Figura 2.74 – Fotografia aérea do Estádio Lourival Batista, no final dos anos 60. Na parte superior, visualiza-se parte da Praia Formosa e a ocupação rarefeita da 13 de Julho.

Em 1968, teve início à prospecção e exploração de petróleo também na plataforma continental em frente à cidade, o que acaba por provocar, em 1970, a transferência, de Maceió para Aracaju, da sede administrativa da Região de Produção do Nordeste da Petrobras. Foi uma fase de intenso crescimento, em que foram executadas diversas obras, inclusive as dos Conjuntos Lourival Baptista e Luzia, para abrigar funcionários da Petrobras (1970). Na zona sul, foi construído o primeiro Distrito Industrial da Cidade, o DIA. Nesse processo, deve-se ressaltar que o incentivo para a instalação de pequenas e médias indústrias no DIA, acompanhando a política de industrialização do Nordeste (iniciada em 1960 pela SUDENE e incentivada só em 1970 pelo Estado) promoveu a construção de conjuntos habitacionais e urbanização das áreas próximas, conseqüentemente valorizando alguns vazios urbanos. Surgiram construtoras locais de grande porte (NORCON, Construtora Alves,...) e as de outros Estados também passaram a investir em Aracaju. Nesse período, ocorreram altos índices de crescimento em decorrência do crescente número de construções. Todavia, observaram-se também flutuações anuais dessa tendência, em face das constantes alterações na política do Sistema Financeiro de Habitação. Em 1974, por exemplo, os baixos índices de construção podem ser explicados por uma crise dos materiais de construção no país, que ocorreu no final de 1973 (RIBEIRO, p. 56).

A partir de 1975, entretanto, o setor recuperou-se lentamente e foram incrementados os empreendimentos imobiliários, com intensificação da ocupação da zona central com sua verticalização, dos vazios urbanos, da zona oeste. A política de financiamento imobiliário vai agir no sentido de promover um rápido e intenso processo de verticalização que vai atingir, notadamente, a orla ribeirinha e a zona sul da cidade, sobretudo a partir da regularização dos “terrenos de marinha”, que passaram para o controle municipal em 1976.

Aracaju: Gráfico da evolução da área de construção licenciada de 1972-1981.

Fonte: RIBEIRO, 1989.

Figura 2.75 – Vista aérea de Aracaju a partir da Treze de Julho em direção ao Centro na década de 70. Observa-se o início da expansão da verticalização do Centro para o Bairro São José.

Figura 2.76 - Vista aérea parcial do Centro nos anos 70. Começa a ser verticalizado, notando-se a seqüência dos edifícios do Hotel Palace, do Ed. Estado de Sergipe e do INSS, ao fundo e mais à direita.

Figura 2.77 - Vista do Rio Sergipe para o Centro no final dos anos 70. No extremo esquerdo da imagem, vê-se o Ed. Oviedo Teixeira, torre apenas comercial e de serviços, uma iniciativa da Construtora Norcon na área.

A realidade era a necessidade de acomodar uma população que, em 20 anos (de 1960 a 1980), cresceu mais que duas vezes e meia do seu total.¹⁶ Assim, na década de 80 a COHAB construiu 10.983 unidades habitacionais e o INOCOOP (Instituto Nacional de Cooperativas Habitacionais), 3.880, sempre promovendo a especulação da terra, além de estimular a imigração. O Centro, com terrenos muito caros, começou a expulsar em grande parte seus moradores em direção a bairros próximos da zona sul como São José, Treze de Julho, Salgado Filho,... estabelecendo-se quase exclusivamente como centro comercial, financeiro e de serviços, promovendo o crescimento do número de construções verticais nesses bairros. Aí o comércio é ainda inicial, apenas existindo alguns estabelecimentos nas vias principais.

Entre meados dos sessenta e cerca de 1990, Aracaju vai passar por uma fase que se pode identificar como de formação do espaço metropolitano. O município da capital, com sua área relativamente exígua, não comportava mais as edificações da cidade e, assim, novos bairros surgem nos municípios vizinhos, mas que, sem dúvida, são parte da aglomeração que surge. Já não é mais somente o município de Aracaju que abriga todas estas pessoas, mas a sua recente região metropolitana, formada, também, pelos municípios de São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros. Esses três municípios limítrofes têm dinâmicas diferentes de ocupação. O de São Cristóvão, por exemplo, sofreu loteamentos diversos, sendo alguns de chácaras a serem vendidas para o lazer da classe média. Outro tipo é o de pequenos lotes para conjuntos populares, como o conjunto Rosa Elze, loteado em 1960 e que teve grande

¹⁶ – População total e variação da população 1940-1980

ANOS	POPULAÇÃO	VARIAÇÃO ABSOLUTA	CRESCIMENTO INTERCENSITÁRIO (%)
1940	59.031		
1950	78.364	19.333	32,7
1960	114.162	35.798	45,6
1970	183.670	69.508	60,8
1980	293.285	109.615	59,7

FONTE INEP – Anuário Estatístico de Sergipe - 1980

desenvolvimento a partir da instalação próxima do Campus da Universidade Federal de Sergipe, em 1980. O município de Nossa Senhora do Socorro, na década de 70, foi parcelado ao longo da BR-101 e, depois, na década de 80 passou a ser alvo de intensas políticas do Estado, que criaram grandes glebas para novos conjuntos populares e para a instalação de um Distrito Industrial. A Barra dos Coqueiros foi o último a ser incorporado, sendo até os anos 80 residência de pescadores e cocoicultores. A partir daí, surgiram alguns loteamentos para as classes mais privilegiadas na ponta sul da ilha, a Atalaia Nova. Entretanto, a periferia da Grande Aracaju é uma zona em sua maior parte dirigida para a classe mais desfavorecida, que não poderia habitar em áreas de maior valor imobiliário. Aracaju exporta a pobreza para seu entorno, constituindo-se em aglomeração com padrões de vida relativamente mais altos.

Por último, resta citar que a Atalaia Velha, ao sul, vai se definir como área de residência fixa para populações de renda média e alta, em sua maior parte, e, atualmente, em condomínios fechados, isolados e mais seguros. Suas praias passam a ser ocupadas por banhistas de renda mais baixa, principalmente nos finais de semana. Acabaram-se os tempos de veraneio na Atalaia, iniciados ainda nos anos trinta, e essa função vai passar para as praias ainda mais ao sul, ao longo da rodovia José Sarney, em direção ao Mosqueiro. Assim, espraia-se a malha urbana em direção sul, chegando ao seu limite máximo, o estuário do Vaza-Barris.

Figura 2.78 – Vista aérea da Avenida Rotary – Praia de Atalaia na década de 70. À direita, vê-se o primeiro grande hotel da área, o Beira Mar, com três pavimentos.

Figura 2.79 – Banhistas na Atalaia, na década de 70, circulando pelo seu calçadão e por sua faixa de areia. À esquerda, observa-se uma série de bares e restaurantes.

É importante ainda salientar que o crescimento de Aracaju vai refletir o desenvolvimento de um parque industrial em sua área metropolitana mais remota, em direção à Cotinguiba, com a instalação das subsidiárias da Petrobras, a Nitrofertil em Laranjeiras (amônia e uréia) e a mina de potássio em Rosário do Catete (hoje pertencente à Companhia Vale do Rio Doce). Já nas áreas mais próximas, novas fábricas de cimento instalam-se, como em Laranjeiras, e constrói-se o porto “offshore” (1995) na Barra dos Coqueiros, para atender a essas novas necessidades de exportação. É a época do modelo da indústria estatal de base, do qual o Estado de Sergipe muito se beneficiou, sendo hoje o maior exportador de cimento do país e o único produtor de potássio no hemisfério sul.

Em suma, entre 1980-1991, Aracaju apresentou uma taxa de crescimento demográfico de 39,7% no seu município e de 70,7% na sua área metropolitana, explicada pelo enorme crescimento dos municípios limítrofes, atingindo no total 523.532 habitantes, sendo 402.341 em Aracaju. Com base em estudo do IBGE (1987), se constitui nessa época como um centro sub-metropolitano, integrando a região dependente de Salvador, já que, enfim, é uma cidade já intensamente verticalizada, com grande diversidade de usos e de condições socioeconômicas, de feição metropolitana. O Centro reflete esse dinamismo nos novos calçadões e a cidade no primeiro shopping, inaugurado em maio de 1989 na Coroa do Meio, o Riomar, que desloca o melhor comércio do Centro. Em fins dos oitenta, a população atinge a meta longamente buscada, de viver numa cidade “moderna” e dinâmica, integrada à vida econômica do país, não sendo mais a capital provinciana de outrora. Acelera-se continuamente a implantação de elementos como: edifícios cada vez mais altos, novas avenidas, pontes etc. Com a cidade sendo sempre renovada, chega-se ao “turbilhão da modernidade” de que fala Le Goff (p. 204), apesar de toda a ambigüidade da expressão, já que o conceito de moderno é cada vez mais discutível.

Figura 2.80 - Parque da Cidade e, ao longe, Centro na década de 80. Percebe-se a expressiva verticalização dos bairros São José e Treze de Julho.

Figura 2.81 – Calçadão da Rua João Pessoa conforme implantado na década de 80.

Figura 2.82 – Vista do Estádio Batistão para o Bairro São José na década de 80, esse já com vários edifícios residenciais. O Centro fica praticamente escondido, apenas destacando-se, bem ao longe, o Ed. Estado de Sergipe, por sua grande altura.

Figura 2.83 - Ponte da Coroa do Meio, anos 80, que permitiu uma interligação mais fácil da cidade com a Atalaia e, inclusive, a construção do Shopping Riomar na sua cabeceira sul, à direita.

2.6 A METROPOLIZAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A partir dos anos noventa, Aracaju entra numa nova fase de dinâmica urbana. Embora continuem fortes e crescentes os processos de metropolização e de verticalização observados na fase anterior, eles agora passam a se revestir de uma outra imagem: a “turistificação”. Os espaços periféricos, antes quase exclusivamente voltados à residência de população de baixa renda, agora passam a ser integrados também por zonas de veraneio e de serviços mais sofisticados, como na Barra dos Coqueiros. O espaço intra-urbano também comporta uma maior elitização, com formação e adensamento de novas áreas, como a Coroa do Meio, o Grageru, o Luzia, o Garcia e o Jardins, sem falar na expansão da Avenida Beira Mar, que passa a ser cada vez mais ocupada por grandes edifícios residenciais de alto padrão. O Bairro Treze de Julho, então, se expande bastante no imaginário urbano e sobrepõe-se ao antigo Grageru, constituindo-se em zona residencial e comercial de alto nível, com galerias repletas das mais sofisticadas “grifes”. Nesse reforço das áreas intra-urbanas, nota-se certa revitalização do centro “histórico”, com reforma dos calçadões e a tentativa governamental, não realizada, de implantação aí de um shopping center. O comércio aí localizado, mais voltado à população de renda mais baixa, com algumas lojas também encontradas nos shoppings da cidade, mantém-se forte, sendo, inclusive, ainda freqüentado por pessoas de renda mais elevada, fato demonstrado na pesquisa de campo. Nesse processo inclui-se a recuperação e reforma dos antigos mercados centrais, agora destinados mais explicitamente ao atendimento ao turista, sendo um deles ocupado apenas por lojas com produtos artesanais e “souvenirs”.

Figura 2.84 - Vista aérea parcial do Centro de Aracaju nos anos 90. No Rio Sergipe, circula um ferry-boat, que fazia, antes da Ponte Construtor João Alves, a travessia dos veículos de Aracaju para a Barra dos Coqueiros e vice-versa.

Figura 2.85 - Parque Teófilo Dantas na década de 90. A Catedral é protegida por uma densa área verde.

Figura 2.86 - Vista parcial do novo Mercado Central na década de 90, observando-se, em primeiro plano e à direita, o mercado antigo ainda em reforma.

Figura 2.87 – Novo Mercado da cidade na década de 90.

Figura 2.88 – Calçadão da Praça Fausto Cardoso, anos 90, em frente aos prédios do Palácio e Assembléia.

Figura 2.89 - Calçadão da Rua Laranjeiras na década de 90, após uma reforma urbanística que teve a finalidade de revitalização da área.

Figura 2.90 – Vista aérea da cidade no sentido do Centro para o Rio Sergipe na década de 90. No meio da imagem, Parque Teófilo Dantas.

Figura 2.91 - Vista parcial – Batistão e, ao fundo, a “Norcolândia” no bairro Treze de Julho, década de 90.

Figura 2.92 – Vista do viaduto para a Av. Hermes Fontes, direção sul, na década de 90. Uma outra avenida estava com trânsito livre para a expansão da cidade.

Figura 2.93 – Viaduto construído, no final dos anos 80, sobre a Av. Hermes Fontes no cruzamento com a Av. Francisco Porto. A intenção foi de se obter melhorias na circulação viária de toda a zona sul e, por consequência, a especulação imobiliária nas proximidades e o adensamento da malha urbana.

Figura 2.94 - Avenida Beira Mar – Calçada da Treze de Julho na década de 90.

Figura 2.95 – Mirante da Treze de Julho na década de 90. Nesse, da parte mais alta, tem-se também a vista da avenida, com seus altos prédios, e de praticamente todo o calçadão.

Figura 2.96 – Vista do Shopping Riomar e Ponte Godofredo Diniz na década de 90. Ao fundo já se observa o bairro Coroa do Meio com sua baixa verticalização.

Figura 2.97 – Fachada principal do Shopping Riomar na década de 90.

Mas o maior reforço na ocupação dos espaços intra-urbanos se dá com a inauguração, em dezembro de 1997, do Shopping Jardins, construído pela Norcon, visando a valorização de área nobre ainda vazia. Cria-se, então, um novo bairro e sub-centro na cidade, com verticalização bastante acentuada nesses poucos anos. É uma fase em que não é mais uma zona residencial que atrai o comércio, mas uma na qual um centro comercial dinâmico gera uma urbanização acelerada. A zona sul, mais uma vez, exemplifica a clara segregação sócio-espacial da urbe, existente desde os seus primeiros tempos, criando na sua área urbana um espaço para as classes mais elevadas, enquanto a pobreza continua de forma “invisível” nos espaços metropolitanos periféricos e nas zonas urbanas mais a norte e a oeste.

Figura 2.98 – Fachada do Shopping Jardins, correspondente à Avenida Sílvio Teixeira, na década de 90. Em destaque, o supermercado G. Barbosa, loja âncora.

No processo de “turistificação” de Aracaju, não resta a menor dúvida de que o ponto de partida foi a construção e ampliação seqüenciada da orla de Atalaia, a partir do segundo Governo João Alves Filho. Mas, embora litorânea, essa é uma orla de costas para a praia demonstrando, através do seu projeto de urbanização, que os serviços aí localizados e voltados aos turistas ou à população local, como hotéis, bares, restaurantes, quadras de esportes e outros pontos, são mais importantes do que o mar, que lhe fica relativamente afastado. Mas a imagem da cidade e de todo o litoral, aos feriados e finais de semana, é a do congestionamento de pessoas e veículos ao longo das praias, muitas vezes centrado nas dezenas de bares e restaurantes aí localizados, criando-se “points” para determinados grupos sociais, como o de surfistas. Acompanhando a linha de praia da Atalaia à foz do Vaza-Barris, “criam-se” novas praias com bares e restaurantes mais equipados, acentuando-se o processo de segregação econômica. Essa nova área passa a ser cada vez mais tomada por banhistas de renda alta, que marcam presença em bares e restaurantes bem estruturados, e já ocupada também por condomínios e residências de elevado padrão, desde o Aruana até o final do Mosqueiro.

A velha Atalaia, principalmente nos finais de semana, continua mesmo ainda sendo usada pela população de renda mais baixa. Continua o deslocamento espacial para o sul, já verificado em outros tempos, e agora não é mais somente a Atalaia a área de interesse para a moradia da elite, mas toda uma área de expansão, ainda em parte isolada da cidade, na tentativa de se manter a segregação dos espaços. É a metropolização dos espaços marinhos, que deixam de estar explicitamente ligados à malha urbana densa e se expandem para zonas menos ocupadas, ou até rurais, utilizadas em tempo parcial por veranistas.

Figura 2.99 – Vista aérea parcial da Orla da Atalaia na década de 90, vendo-se à esquerda as quadras de esporte e, à direita, os novos hotéis.

Figura 2.100 - Vista geral da Orla nos anos 90, com seus bares e restaurantes ao longo de toda a sua extensão.

Figura 2.101 – Vista da Orla na década de 90, destacando os Arcos no acesso principal à Atalaia pela Av. Rotary.

Figura 2.102 – Vista de um dos modelos adotados para os bares da Orla da Atalaia na década de 90.

Figura 2.103 – Vista da Orla no novo trecho da Praça de Eventos e Centro Cultural nos dias atuais.

Figura 2.104 - Vista parcial da Orla da Atalaia, mostrando a área dos lagos e o Oceanário.

Figura 2.105 - Praia de Aruana, repleta de bares ainda bem rústicos, na década de 90.

Figura 2.106 - Praias do Mosqueiro, ao longo da Sarney nos anos 90.

Figura 2.107 – Fotografia da praia de Atalaia em direção à Aruana e às praias da Sarney. Abaixo, à direita, condomínio fechado horizontal, com casas de dois pavimentos, da construtora Norcon.

Figura 2.108 – Casas de veraneio, à beira do Vaza-Barris, no final do Mosqueiro.

Em fins de 2006, o Governo Estadual inaugura uma nova ponte, Ponte Construtor João Alves, ligando Aracaju à Barra dos Coqueiros, facilitando o acesso à praia da Atalaia Nova, às praias oceânicas desse município e, também, ao novo porto “offshore”, abrindo uma nova fronteira de especulação e aproveitamento das praias setentrionais do Estado até a foz do São Francisco. Recentemente, o PRODETUR direcionou maciços investimentos para o reforço do equipamento turístico da cidade, com construção de hotéis e da nova orla da Atalaia.

Figura 2.109 – Ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros, obra deste século, um marco contemporâneo.

Figura 2.110 – Vista da “Orlinha” para a nova Ponte, com figurantes de grupo folclórico.

É conveniente salientar que, nos últimos anos, o turismo nacional e estrangeiro tem sido bastante incrementado no Nordeste. Complexos hoteleiros, “resorts”, parques temáticos e eventos formam um “trade” suficientemente forte para atrair, cada vez mais, um número expressivo e crescente de turistas. A qualidade das praias, um sol quase permanente, a maior proximidade da Europa e preços relativamente baixos, quando comparados aos praticados por lá, são fatores que explicam essa atratividade. Mas a intensidade desse fenômeno não é a mesma em toda a região, pois certos pontos, inclusive Aracaju e o litoral de Sergipe, ficaram à margem do processo por bastante tempo e só recentemente começaram a recuperar o atraso. Certos fatores podem ajudar a explicar essa situação. Em primeiro lugar, está a qualidade das praias sergipanas, que embora sejam largas, planas e de areias brancas e finas, apresentam geralmente uma água barrenta e escura,

carregada de sedimentos despejados pelo São Francisco e trazidos para o sul pela corrente do Brasil. Em segundo lugar, pode ser apontada a questão da posição geográfica de Aracaju, que se situa entre zonas e centros urbanos de muito maior atratividade e que, há mais tempo, disputam os visitantes nos poucos dias de pacotes turísticos, que são geralmente de uma semana. Como não havia turistas, a infra-estrutura turística não se desenvolveu, gerando um círculo vicioso explicativo do atraso da cidade nessa área. Mas a situação começou a mudar, e o Estado foi o grande indutor dessas mudanças, como já mencionado. Embora não se possa esquecer certas condições ambientais mais favoráveis para o desenvolvimento do turismo, não são elas que “turistificam” os lugares.

Numa cidade essencialmente terciária e quaternária, as funções turísticas e praianas se associam, reforçadas pela recente inauguração de um “resort” na Barra dos Coqueiros, o primeiro vinculado a uma grande cadeia de hotéis, bem como pela expansão de condomínios residenciais e de veraneio ao longo da Sarney. Graças à nova ponte, que revigorou a “Praia da Costa” na Barra dos Coqueiros, freqüentada, em grande parte, por banhistas de renda mais baixa, a especulação imobiliária encarrega-se de ocupar os terrenos e “vender” a nova imagem. Fala-se, já, na implantação de um condomínio de veraneio exclusivamente para europeus e, assim, Aracaju e sua periferia começam a integrar o modelo de turismo nordestino: turismo de sol e mar, turismo de espaço fechados, turismo de praias segregadas.

“Ao tratar do mito sobre vocação para lugares turísticos e a determinação destes mesmos lugares, Knafo (1994 apud. BENEVIDES, 1998, p. 53) assegura que a turistificação dos lugares: (...) ao contrário de uma vocação natural – é decorrência da instalação de infraestrutura neles e de novas produções de imagens sobre os mesmos, a partir de um olhar inicial para eles lançado, pré-existent fisicamente, conferidor de outras representações e visualizações.”

Apud. SILVA, 2006, p.130

Figura 2.111 – Praia do Hotel Starfish Ilha de Santa Luzia, praticamente vazia, evidenciando a preferência da burguesia por locais de lazer fechados, de uso exclusivo.

Figura 2.112 – Praia da Costa, na Barra dos Coqueiros, com intenso movimento nos finais de semana.

Figura 2.113 – Mapa da Malha Urbana de Aracaju no ano 2001 - Fluxos de Crescimento Recentes.

3º CAPÍTULO

MARCOS URBANOS: IMAGENS FIXADAS

“... em certas horas, em certas ruas, surge a suspeita de que ali há algo de inconfundível, de raro, talvez até de magnífico; sente-se o desejo de descobrir o que é, mas tudo o que se disse sobre Aglaura até agora aprisiona as palavras e obriga a rir em vez de falar.

Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o solo. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa senão falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixá-la, perdeu-se.”

CALVINO, p. 65/66

Nos diferentes períodos da história urbana da capital sergipana, certos setores da cidade, edifícios e espaços públicos foram repetidamente registrados em fotografias e cartões-postais, verdadeiros marcos que, muitas vezes, contribuíram, sem dúvida, para a fixação de determinadas imagens da cidade. Assumindo-se que a imagem “total” da cidade correlaciona-se fortemente com os temas apresentados em cartões-postais e sua frequência, fato percebido na atualidade e esperado para épocas passadas, pode-se chegar a uma idéia de como Aracaju foi vista pelos seus habitantes no decorrer do tempo.

Observando-se o Quadro 3.1 a seguir, uma simplificação da matriz de análise, observa-se a grande predominância dos postais de edifícios, ruas e praças, que perfazem mais de 88% do total, em todas as décadas até 1940. Aí estão as primeiras ruas de comércio, os palácios e as principais praças, sobretudo a Praça Fausto Cardoso e o seu prolongamento até a Catedral. Mas não aparecem as ruas “comuns”, os becos e a grande área marginal ao “Plano” da cidade, evidenciando o fato da “invisibilidade” de certos espaços urbanos desde a origem de Aracaju, que só são percebidos através de alguns poucos relatos escritos, memórias de pessoas que viveram também essa outra cidade, que não poderia ser fixada ...

Em 1956, no governo de Leandro Maciel, correu a notícia de que o Morro do Bonfim, situado no centro de Aracaju,..., seria demolido. Donos de pequenos comércios, cabarés, proprietárias de pensões de “mulheres da vida livre” e famílias humildes que ali residiam, esboçaram algumas pálidas reações, através de um abaixo assinado, e uma comissão de moradores,...foi até o Palácio do Governo para tentar sensibilizar as autoridades a não fazerem a tal demolição. Com o passar dos dias, agentes do governo visitaram as casas do Morro, com promessas de indenização pela desapropriação, prometendo, para aqueles pobres moradores, que eles seriam instalados em novas casas, em bairros não longe do centro da cidade. Em uma certa manhã, o Bonfim acordou com o barulho das máquinas do Departamento de Obras. Havia começado o desmanche....Os adultos, sem mais forças para protestar, e sem esperança de continuar morando ali, saíram em busca de caminhões e carroças, para levarem seus pertences para algum lugar, antes que os tratores destruíssem

seus modestos bens. Alguns moradores mais resistentes, permaneceram em suas humildes casas, acompanhando o desmonte que, dia a dia avançava, destruindo as primeiras habitações. Maquinistas e operários que trabalhavam na demolição, muitas vezes constrangidos, mas por força do seu trabalho, iriam modificar a topografia de Aracaju... A Zona da boemia acabou, com o desmanche do Morro. Os boêmios, as prostitutas e os moradores não mais verão aquelas noites alegres sempre iluminadas pelo luar de prata que se derramava sobre suas alvas areias... Foi assim que o progresso da cidade sufocou as noites alegres, o canto dos seresteiros, os risos, os lamentos e os choro das prostitutas e os prazeres dos boêmios que freqüentavam o Bonfim.”

MELINS, p. 303/ 308

A partir de 1940, a freqüência dos temas retratados sofre uma forte alteração, apesar de as ruas, praças e edifícios ainda predominarem até 1970, quando serão nitidamente superados pelo novo tema ligado às praias e ao lado turístico da cidade. Nos anos 50, os postais já mostram a incipiente verticalização de Aracaju, inclusive através de tomadas aéreas, ponto diferencial que muito facilita a sua classificação no tempo. A cidade deixa de ser um extenso plano horizontal e surgem pequenos pontos mais altos. Daí em diante, mostra-se com evidência o crescimento urbano em direção à zona sul pois, além do centro, há uma crescente exposição nessa direção, da praia e do mar. Cada vez mais, as vistas gerais e aéreas são fundamentais na apreensão dessa cidade que se inova, com novas tipologias arquitetônicas, verticalizada; e a cor é o ponto comum na impressão de tais vistas com as novas técnicas. Na década de setenta, com o petróleo e o novo crescimento econômico, a cidade muda completamente... deixa de ser uma “pequena” capital, em que se andava tranqüilamente por todo o seu perímetro mais urbanizado, e é percebida como um centro sub-metropolitano, pois tem, entre 1980-1991, uma taxa de crescimento de 39,7 % no seu município e de 70,7 % na sua área metropolitana. Assume uma feição de metrópole na configuração do espaço urbano, com grande diversidade de usos e de condições socioeconômicas. E as imagens coletadas acompanham bem essas mudanças.

A análise da imagem de Aracaju nas diversas décadas do século XX e XXI também mostra que, embora existam variações nas diferentes décadas, há marcos mais significativos da cidade que se perpetuam ao longo do tempo, persistindo em várias décadas. O primeiro deles é a Praça Fausto Cardoso, com o Palácio do Governo mais ou menos destacado e, em décadas mais recentes, o Ed. dos Serviços Públicos, hoje Ed. Walter Franco, e o Ed. São Carlos. Essas imagens coloridas ou em preto e branco, obtidas de diversos ângulos, inclusive aéreos, vão perfazer 22,4 % dos postais entre 1930 e 1969. A partir desse período, a percepção da cidade começa a mudar, pois esses postais são apenas 7 % dos encontrados entre 1990 e 2008.

Observando-se ainda o citado quadro, define-se uma outra imagem da cidade na década de quarenta, quando o rio, o mar, as pontes e a orla de Atalaia passam a ter mais destaque. A partir de 1990, a imagem da orla da Atalaia predomina, já querendo mostrar Aracaju como cidade aprazível, turística. De fato, fotos da orla representam 38,3 % dos postais desse período, notando-se, ainda, que a partir de 2001, as imagens da orla são 55,25 % do total de postais.

Uma terceira imagem parece se fixar a partir da década de setenta, que seria representada por uma idéia geral de “verticalização”; já que são os edifícios mais altos que se destacam, são imagens de áreas verticalizadas, são postais de vistas panorâmicas da zona sul (exatamente o “core” da verticalização), que em conjunto intencionam transmitir uma idéia de modernidade.

3.1 O RIO E O MAR: IMAGENS RECORRENTES

Não resta dúvida de que uma das imagens mais fortes da cidade está ligada ao mar que é, inclusive, um dos elementos que explicam sua origem. No início, o largo estuário que lhe permitiu ser cidade-porto, que sustentava uma grande população de pescadores e catadores de mariscos e que, pouco a pouco, se transformou em um local de banho e até de veraneio. Depois, o mar e suas praias que, sobretudo a partir dos anos trinta, vão se constituir na nova atração da cidade. Para os primeiros habitantes da capital, certamente o estuário com mais de 1.000 m de largura em média, apresentava-se como marco natural. Isso permitia destacar Aracaju dos demais centros da Província, situados à margem de pequenos rios, e talvez esse fato explique o tratamento dado ao rio Sergipe, às vezes bucólico. Vários postais e inúmeras fotografias dão esse enfoque ao mencionado componente da paisagem. O rio era retratado, também, como local de atividades econômicas ou de lazer, evidenciando-se o porto, banhos de “mar”, veraneio na Praia Formosa, competições de remo e vela no Iate Clube.¹⁷

Figura 3.1 – Fotografia de grupo na Praia Formosa, possivelmente na década de 30, utilizando canoa de pesca como complemento da paisagem.

---

¹⁷ - Todo o complexo relacionamento entre a população de Aracaju e o mar pode ser visto no trabalho inédito da autora: “Aracaju – A Cidade, a Água e o Mar” – 2008.

Figura 3.2 – Fotografia da pequena Aracaju no início do XX e do majestoso estuário. Ao fundo, vê-se as palmeiras imperiais e as torres da Igreja Matriz e, também, a Assembléia e o Palácio.

Figura 3.3 - Aracaju vista do rio Sergipe – 1937. Nessa fotografia observa-se o eixo do conjunto da Praça Monumental, tendo em frente a Ponte do Imperador.

Figura 3.4 – Fotografia de navio ancorado no porto de Aracaju, possivelmente no início do século XX, circundado por saveiros para efetivação do transbordo.

Figura 3.5 – Foto de pequeno navio costeiro ancorado em 1937, com o material para o serviço de luz e força da cidade.

Figura 3.6 – Fotografia de *Snipes* em competição no rio Sergipe, por volta do final dos anos 50.

Figura 3.7 – Flotilha de *Lasers* do Iate Clube de Aracaju no início dos anos 80.

Figura 3.8 – Iate Clube de Aracaju à beira do estuário do rio Sergipe nos anos 60, recém inaugurado.

Figura 3.9 – Postal da Fachada do Iate Clube, já com a reforma de ampliação, na década de 90.

O rio era sempre revivido por ocasião da Procissão de Bom Jesus dos Navegantes, realizada na cidade desde 1857 e que, embora sofrendo um certo esvaziamento, e sem contar hoje com o aspecto de “desfile de modas”, onde as senhorinhas do Aracaju passado sempre vestiam modelos confeccionados especialmente para a ocasião, persiste até os dias atuais. Postais de décadas diversas a retratam, permitindo analisar as embarcações que a acompanhavam através dos anos, com predomínio inicial dos saveiros sergipanos até por volta da década de 60. Essa manifestação religiosa é bem retratada por Fernando Porto, que coloca:

“O maior espetáculo encenado na Rua da Frente era, sem dúvida, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, que, sobre uma embarcação percorria o estuário do Rio Sergipe, no primeiro dia do ano. Interessante notar que toda cidade beira-rio apresenta uma procissão deste tipo, voltada para navegantes ou pescadores. Será, unicamente, por estes profissionais ou ato de remota memória orgânica celebrando o nascer da vida no seio das águas? Ou por isso ou aquilo, o fato é que era um belíssimo ato de devoção. Foi realizada pela primeira vez em 1º de janeiro de 1857 e repetida até os dias de hoje. Ouvimos contar que, em certo ano, as autoridades mostraram-se desfavoráveis à procissão e ela não se realizou. Resultado: a barra entupiu-se, fechou, navios não podiam entrar e o remédio foi realiza-la no mês de março. A barra voltou ao normal... Lenda ou verdade?”

Nos tempos em que era grande o número de embarcações, de todo porte, que freqüentavam o nosso estuário, a visão era empolgante, principalmente quando a procissão voltava dos lados da Atalaia. Ocorria, então, quase total concentração das embarcações atrás do barco santo, as grandes velas dos saveiros e as pequenas das menores canoas enfunadas pelos ventos de leste, refletindo num branco brilhante os raios de sol cadente e as centenas de foguetes que subiam ao ar cobriam o cortejo com o pálio formado pela fumaça das suas explosões; era imponente, impressionante, emocionante mesmo. Ao longo da avenida praiana espalhava-se a assistência ao espetáculo marítimo. Era a procissão mais concorrida; vinha gente de todos os pontos da cidade e de todos os seus estratos sociais, num conagraçamento que só encontrava símile nas festas de Natal na Praça da Matriz. Obediente à crença de que no dia de Ano Novo deve-se vestir, pelo menos, uma peça nova de roupa, o aracajuano vestia-se de novo da cabeça aos pés. No mês de dezembro alfaiates e costureiras não chegavam para as encomendas. Os trajes seriam mostrados na procissão do Bom Jesus, oportunidade certa para sua exibição, pois, pela falta de clubes sociais, eram raras e incertas as reuniões para servir de palco para tais desfiles. A Rua da Frente transformava-se numa imensa passarela de modas.”

Figura 3.10 - Procissão de Bom Jesus na década de 40.

Figura 3.11 – Vista geral da Procissão de Bom Jesus dos Navegantes na década de 60 vendo-se o grande predomínio de saveiros.

Não se pode deixar de compreender também que o rio Sergipe aparece, às vezes, não como elemento focal principal, mas como moldura de acontecimentos ou da paisagem urbana, como se observa na foto da inauguração da estátua de Fausto Cardoso ou na foto panorâmica da cidade nos anos vinte. Essa função paisagística do estuário como contraponto persiste até hoje, pois não resta dúvida de que um elemento natural pode favorecer a imagem de uma cidade.

Figura 3.12 - A beira-rio de Aracaju como espaço de lazer e de comemoração. Fotografia da cerimônia de inauguração da Estátua de Fausto Cardoso o início do século XX.

Figura 3.13 - Aracaju no início dos anos 20 vendo-se, ao centro, a feira na Rua da Aurora, atual Avenida Rio Branco, à altura da Rua Laranjeiras, e os numerosos saveiros utilizados para transporte. Na extremidade esquerda vê-se a Praça do Palácio e, à direita, a área próxima ao mercado.

Figura 3.14 - Rua da Aurora, hoje Av. Rio Branco, no início do século XX. Vendo-se, em primeiro plano à direita, a deteriorada Ponte do Imperador.

Figura 3.15 – Vista da Av. Ivo do Prado a partir da Praça Fausto Cardoso para o sul na década de 50.

Figura 3.16 – Imagem recorrente do Centro de Aracaju a partir do Ed. Atalaia na década de 60.

Figura 3.17 – Imagem do Centro da cidade a partir de outro edifício mais ao sul na década de 70. Em primeiro plano, observa-se o casarão dos Rollemberg e em segundo, o Ed. Atalaia.

Figura 3.18 – Outra imagem do Centro a partir do Ed. Atalaia na década de 70.

Figura 3.19 – Vista área do Centro nos anos 70. Em primeiro plano, à direita, a Praça Fausto Cardoso.

Figura 3.20 - Avenida Ivo do Prado vista do Rio Sergipe na década de 90. À direita, o Centro da cidade.

Figura 3.21 - Avenida Ivo do Prado e o rio Sergipe no sentido Centro – sul. Em destaque, a Ponte do Imperador, em contraposição com o novo prédio da Assembleia Legislativa.

Como já dito, as praias, sobretudo a Atalaia, vão participar dessa imagem marítima da cidade a partir dos trinta, quer como local de banho e de veraneio, quer como local privilegiado de lazer e atração turística, estendendo-se até a foz do Vaza-Barris ao longo da rodovia José Sarney.

Figura 3.22 – Banhistas na Praia de Atalaia na década de 50, em frente ao então balneário.

Figura 3.23 – Movimento da Praia de Atalaia também na década de 50, vendo-se ao longe a torre de salva-vidas.

Figura 3.24 - Banhistas na Praia da Atalaia na década de 50. Já é intenso o movimento na área.

Figura 3.25 – Movimento da Praia da Atalaia na década de 60.

Figura 3.26 – Vista do Hotel Beira Mar em direção à orla da praia de Atalaia nos anos 70. Observar o coqueiral intacto mais ao sul, onde hoje são as praias da Sarney.

Figura 3.27 – Praia da Atalaia nos anos 90. No centro do postal, os Arcos da Orla são vistos e, logo atrás, o antigo prédio do Hotel Beira Mar.

No contexto da praia da Atalaia insere-se a orla, espaço de lazer construído ao longo da costa, e repleto de bares, restaurantes, oceanário, centro de cultura e artes, parques, lagos e outros serviços de apoio, que vai se constituir na mais completa área de turismo da cidade e que forma, atualmente, a imagem mais marcante de Aracaju. É fundamental ainda esclarecer que, nesse caso, o marco mais destacado no imaginário da população são os “Arcos” da orla, fato talvez explicado por seu simples desenho e por sua insistente reprodução em inúmeros meios de comunicação.

As praias oceânicas são tão fortes na imagem urbana, que o rio Sergipe, embora continue aparecendo como moldura dos retratos da cidade, não é mais um marco para a sua população. Como a poluição dele afastou os banhistas e todo o esporte náutico, é quase como se tivesse se tornado um elemento invisível. Ao tentarmos obter um mapa mental de Aracaju registrado por seus habitantes (esperando, erroneamente, que o traçado ortogonal da área mais central estivesse sempre presente no inconsciente) precisávamos, muitas vezes, lembrar a presença do rio como limite leste da cidade. Os esforços públicos de revitalização do centro e do estuário também não parecem ter sido muito bem sucedidos. A “orlinha” do Bairro Industrial, por exemplo, embora apareça em alguns postais que, de fato, dão maior destaque à nova ponte, não chega, nem remotamente, a apresentar a importância que teve no passado. De fato, observa-se pela aplicação dos questionários que a percepção do rio Sergipe como moldura da cidade está presente em 87,8% dos entrevistados, e essa é a função sobrevivente desse marco passado da cidade. Aliás, note-se que, com certa dificuldade, 47,4 % dos mais jovens (até 30 anos) atribuem ao rio alguma função econômica, como pesca, meio de transporte e até lazer (embora muitos desse grupo percebam corretamente a questão da poluição e a ausência de banhos de rio na atualidade); mas isso só ocorre com 30 % da população mais velha, que lembra do estuário quando ele realmente tinha função econômica significativa.

Figura 3.28 – Vista atual de um dos “lagos” artificiais da Orla da Atalaia. Grandes estacionamentos dão o apoio necessário à utilização dos serviços aí localizados.

Figura 3.29 – Postal do Centro Cultural, 2001 em diante.

Figura 3.30 – Oceanário implantado e administrado pelo Projeto Tamar na Orla da Atalaia.

Figura 3.31 – Diversos conjuntos de esculturas representam figuras da nacionalidade e da sergipanidade. Na imagem o monumento a Inácio Barbosa, fundador de Aracaju.

Figura 3.32 – Detalhe de uma das lagoas da Orla.

Figura 3.33 – O entorno das lagoas da Orla permite a prática de esportes, como o ciclismo.

Figura 3.34 - Vista noturna geral da Orla. À esquerda, vê-se a cobertura do Centro Cultural.

Figura 3.35 – O Mundo Maravilhoso da Criança, espaço infantil público na Orla.

Figura 3.36 – Fonte luminosa de uma das lagoas da Orla.

Figura 3.37 - Arcos da Atalaia, à noite, com iluminação de destaque.

3.2 AS PRAÇAS: O CONJUNTO MONUMENTAL DA CIDADE

No “Plano” da nova capital ficaram demarcadas três praças que, a partir do rio demandariam o interior: na primeira, (hoje Fausto Cardoso), ficariam o Palácio do Governo e a Assembléia Legislativa; a segunda (Almirante Tamandaré) contaria com o “Atheneu Sergipense” e, na terceira, ficaria a Igreja Matriz, tornando-se Catedral quando Aracaju tornou-se sede de bispado. Aos poucos, de forma não intencional (PORTO, 1991, p. 32), outros edifícios públicos instalaram-se nessas praças, como a Escola Normal, o Tribunal de Relação, a Intendência Municipal, a Delegacia Fiscal, o Tribunal de Justiça e a Prefeitura Municipal. Daí se formou um conjunto monumental, uma verdadeira praça maior, insistentemente retratada ao longo das primeiras décadas do século XX. De fato, os postais de 1900 a 1920 vão mostrar partes desse conjunto ao longo do tempo, com seus principais palácios em estilo neoclássico.

As reformas do Palácio do Governo e da Assembléia Legislativa na década de 20, que passaram a ostentar um estilo eclético, seguidas pela reforma da Catedral e a criação do Parque Teóphilo Dantas fixaram no imaginário coletivo essas praças, sobretudo a primeira, já bem mais urbanizada. O interessante estudo de Barbosa (p. 70) apresenta explicações para o predomínio de suas imagens nesse período. A primeira seria de natureza histórica, por se tratar de um dos núcleos iniciais da povoação, rodeada de valorosos edifícios e tornando-se privilegiado conjunto paisagístico. A Catedral e os monumentos dão uma segunda explicação, e a faceta política, materializada nos Palácios e associada aos numerosos cartões-postais oficiais contribui também para o entendimento da questão.

Figura 3.38 – Praça Fausto Cardoso na década de 10. Destaque para a Estátua de Fausto Cardoso (assassinado em 1906) no seu centro, entre as palmeiras imperiais.

Figura 3.39 – Cartão comemorativo da inauguração do Jardim Olympio Campos.

Figura 3.40 - Palácio do Governo, na década de 10, ainda em estilo neoclássico.

Figura 3.41 - Praça da Matriz nos primeiros anos do século passado. Observar o seu aspecto precário, sem qualquer urbanização. As torres da igreja são ainda na forma de bulbos.

Figura 3.42 - Trecho da Praça Fausto Cardoso com visão do prédio da Delegacia Fiscal na década de 10. Em primeiro plano, canoas de pesca, um dos meios de vida de parte da população na época.

Figura 3.43 – Trecho da Praça Benjamin Constant, vendo-se o prédio da Escola Normal.

Figura 3.44 – Prédio do Tribunal da Relação na Praça Benjamin Constant na década de 10. Vê-se um poste de iluminação à época e um bonde a burros mais à esquerda.

Figura 3.45 - Rua de Itabaiana no sentido sul na década de 10. À esquerda, aparece o prédio do Atheneu Sergipense ainda antes da reforma e com apenas um pavimento.

Entretanto, também é possível entender essa preferência visual, nesse primeiro tempo, como a marca visível da hegemonia político-administrativa e econômica de Aracaju em todo o Estado, pois por muito tempo essas funções estiveram repartidas entre alguns centros urbanos, já que São Cristóvão, a antiga capital, nunca teve expressão econômica. É interessante, inclusive, notar-se a insistência com que a Praça do Palácio é retratada ao lado da Praça Automobilística (ponto de carros de aluguel), significando um serviço de “cidade grande”. Também, como dito, já se observa o Palácio do Governo e o da Assembléia Legislativa reformados, com fachadas monumentais, ecléticas, com ornamentos.

“Na nova fisionomia do prédio do Palácio é notável o caráter monumental, marcado principalmente pelo exagero decorativo da platibanda, onde todo o contorno é rico em guirlanda e ornamento. Os frontões, três em cada fachada, são decorados com estátuas erguendo coroas de louro e guirlandas emolduradas por arco pleno, recebendo o principal as inscrições na base: PAX-PALÁCIO DO GOVERNO LEX.”

BARBOSA, p. 55

Figura 3.46 – Palácio do Governo após a reforma produzida pelos “italianos”, por ocasião do Centenário da Independência.

Figura 3.47 – O novo Palácio era motivo de orgulho para os aracajuanos. No dizer de um missivista, “Inaugurado no dia 24 de outubro. É um dos mais bellos do norte do paiz.”

Figura 3.48 – Prédio da Assembléia Legislativa após a reforma por ocasião do Centenário da Independência.

Figura 3.49 - Praça Fausto Cardoso, na década de 20, já se observando as reformas do Palácio do Governo e da própria praça com os novos coretos metálicos.

Figura 3.50 - Trecho da Praça Fausto Cardoso nos anos 20, encontrando-se, à esquerda, a Assembleia Legislativa e, mais adiante, o Palácio do Governo.

Figura 3.51 - Trecho da Praça Fausto Cardoso, na década de 30, visualizado a partir do prédio da Assembléia. À direita, destaque para o relógio e o bonde elétrico. Ao longe, a Biblioteca Pública no estilo art déco e os novos coretos já em alvenaria.

Figura 3.52 – “Praça Automobilística” na Praça Fausto Cardoso nos anos 50.

Figura 3.53 – Vista da Praça Fausto Cardoso em direção ao sul na década de 40.

Figura 3.54 – Praça Fausto Cardoso por volta de meados dos anos 40. Em evidência o conjunto das praças: primeiro plano, Praça Fausto Cardoso com os novos coretos; entre os prédio administrativos o Jardim Olympio Campos e, ao longe, a Catedral, já reformada.

Figura 3.55 – Trecho do Parque Theóphilo Dantas na década de 30, mostrando o Aquário e, à esquerda, a Prefeitura Municipal.

“...O aquário localizado ali próximo ao edifício da Prefeitura (corresponde hoje a Galeria Álvares Santos). (...) O turista no visitar, apreciava ao vivo recôntidos em clausuras de vidro cheias de água, lindos e raros espécimes de peixes da fauna fluvial sergipana. A entrada do pavilhão onde se acha o mesmo instalado, o visitante, de antemão encontrava o que admirar reclusa em vitrines apropriadas uma interessante coleção de peixes empalhados dispostos cada um em posição de quando a deslizar sobre o curso das águas;”

Corinto Mendonça in BARBOSA, p.62

Demonstrando o quanto a importância dessas praças estava registrada no imaginário da população, o governo Estadual instalou entre os dois palácios em 1927, por reivindicação da população, um relógio para indicar como Aracaju já seguia o modelo do capitalismo industrial, tendo um ritmo a ser cumprido e os hábitos de seus moradores regulados no tempo “oficial” de 24 horas.

Figura 3.56 – Postal do Relógio no Jardim Olympio Campos nos anos 30.

“A praça Fausto Cardoso, do belo relógio público de quatro faces, instalado em cima de uma coluna francesa trabalhada em ferro gusa. Era esse relógio que marcava “nove horas”, horário limite para as moças deixarem a Praça nos dias de retreta, e que também era consultado para o início e término das festividades.”

MELINS, p. 47

Na década de cinquenta (1957), a Praça Fausto Cardoso vai sofrer uma notável intervenção em seu entorno, com a construção do Ed. Walter Franco, o “Palácio das Secretarias”, que a partir daí vai dominar a paisagem, dando à cidade uma feição mais moderna. A comercialização dos primeiros postais de Aracaju com vistas aéreas, privilegiando o centro, vão reforçar esse ângulo, às vezes estendendo-se pelas três praças monumentais.

Na atualidade, embora outros pontos da cidade sejam muito mais expressivos para caracterizar a percepção coletiva, as praças centrais ainda são centro de atenções, mesmo quando o foco é propositalmente escolhido para reforçar outros elementos da paisagem em mudança ou capturar ângulos ou detalhes ainda despercebidos.

Figura 3.57 - Praça Fausto Cardoso em direção à Rua João Pessoa no final da década de 60. Destaque para o Ed. dos Serviços Públicos, já moderno, em contraste com os edifícios da Assembleia Legislativa e do Palácio do Governo.

Figura 3.58 – Lado norte da Praça Fausto Cardoso, vendo-se a antiga Biblioteca Pública e, ao fundo, o Ed. Estado de Sergipe nos anos 70.

Figura 3.59 – Postal da década de 70 tendo, à direita, o Palácio e a Assembléia Legislativa e, ao fundo, a nova torre do Palácio da Justiça.

Figura 3.60 - Postal da Catedral Metropolitana na década de 90.

Figura 3.61 - Postal da Praça Almirante Tamandaré na atualidade, vendo-se ao fundo a Catedral.

Figura 3.62 - Postal, 2001 em diante, com vista da fachada posterior do Palácio, que aguarda sua transformação em Pinacoteca do Estado.

Figura 3.63 – Postal com detalhe da Praça Fausto Cardoso, 2001 em diante.

O grande número de imagens das três praças monumentais faz esquecer as demais da cidade. Aliás, somente outras poucas são retratadas destacadamente em cartões-postais: a Praça Camerino, apenas fotografada nas primeiras décadas do século XX muito mais para mostrar os palacetes aí existentes, a Praça Tobias Barreto¹⁸, com foco para a Igreja São José (postais de 40 e, depois, somente dos 90) e para o Colégio Patrocínio de São José, padroeiro do bairro do seu entorno. Também nessa época a área ainda era inóspita, porque segundo Melins “...no lado oeste, na lateral da Igreja, corria um braço de rio, que alagava os manguezais e apicuns. Quando a maré estava cheia, canoas e barcas descarregavam mercadorias que abasteciam a feira livre ali existente.” (p. 253). Há poucos postais da Praça do Mercado, que mais evidenciam o próprio equipamento, e da Praça do Santo Antônio. A Praça Getúlio Vargas, também na zona sul da cidade, aparece apenas na década de quarenta, mais para mostrar o inovador serviço de bondes instalado na capital e o abrigo aí construído.

Figura 3.64 - Praça Camerino na década de 30. À esquerda, vê-se residência em estilo eclético, hoje restaurada para abrigar a sede do IPHAN.

¹⁸ - Denominação atual do logradouro, antes denominada Pinheiro Machado.

Figura 3.65 – Colégio Patrocínio de São José nos anos 50. Em primeiro plano, vê-se a Estátua de Tobias Barreto.

Figura 3.66 – Postal da Igreja São José na década de 90. A Praça Tobias Barreto com a Igreja ainda se constituem em ponto central do bairro.

Figura 3.67 – Vista da Praça Getúlio Vargas para a Rua Duque de Caxias nos anos 40, de onde chega um bonde elétrico.

Figura 3.68 – Praça Getúlio Vargas nos anos 40, com destaque para o busto do ex-presidente.

Onde estão as outras praças de Aracaju? Os postais e as fotografias públicas praticamente as ignoram até hoje, mesmo quando nelas se encontram marcos urbanos de destaque, ou têm grande significado para a população do seu entorno, como a Praça Dom José Tomaz, no populoso bairro do Siqueira Campos. Aliás, a maioria da população entrevistada e residente nesse bairro cita esse local como ponto central do mesmo.

Um marco urbano de destaque situado na Praça Fausto Cardoso é a Ponte do Imperador, cuja imagem tem autonomia em relação ao restante da praça.¹⁹ O seu posicionamento adentrando o rio Sergipe, lhe dá um aspecto paisagístico de excepcional fotogenia, permitindo-lhe servir de contato entre a cidade e o mar. E talvez a conformação dessa Ponte, local do desembarque de Dom Pedro II e sua comitiva em 1860, que passou por numerosas intervenções, alterando-se seu estilo e material de construção até chegar à forma art déco da atualidade, seja a causa da sua permanência no imaginário da população. Como bem coloca Medina em seu profundo estudo sobre esse sítio,

“A leitura da Ponte em seus diversos aspectos me leva a concluir o seu valor como monumento da cidade... Mas o valor (da Ponte) não é e não pode ser apenas funcional ou de monumento – ela deve ser lida à luz da simbologia de que está impregnada com todos os ritos de passagem de que foi palco. A Ponte do Imperador concretiza o aspecto vital da paisagem urbana do centro de Aracaju. Além de monumento, ela é um ícone que... foi por muito tempo a musa dos escritores e poetas. É o cartão-postal mais fotografado da cidade, gravado pela câmera sensível dos fotógrafos, que congelaram as emoções, selecionando os fragmentos do passado como um filtro cultural.

MEDINA, pp. 19/ 21

---

¹⁹ - A Ponte do Imperador é, de fato, originalmente um atracadouro, mantendo essa função até poucos anos atrás, quando pequenos navios adentravam o estuário e nela atracavam, a exemplo de corvetas e caça-minas da Marinha do Brasil, abertos à visitação popular. A denominação de “Ponte” é uma expressão local, e outras estruturas desse tipo, adentrando o estuário em frente a trapiches também eram chamadas de “ponte”, a exemplo da “Ponte do Lima”, no centro da cidade.

Figura 3.69 - Ponte do Imperador no final da década de 30.

Figura 3.70 – Vista da Praça Fausto Cardoso, nos anos 30, a partir da Ponte do Imperador.

Figura 3.71 – Ponte do Imperador a partir da Praça Fausto Cardoso nos anos 60.

Figura 3.72 – Ponte do Imperador vista do mesmo ângulo na década de 70.

PONTE DO IMPERADOR

Mário Cabral

*Quando a cidade era pequena,
provinciana,
de ruas desertas e tristes,
a Ponte do Imperador já era o marco
e a referência de Aracaju.*

*A cidade mudou, cresceu,
ganhou altura, beleza e superfície.
Agora possui vaidosos pruridos
de futura metrópole.*

*Mas a ponte é a mesma ponte,
firme e forte,
na doce presença do seu eterno carisma.
Lá está, rio a dentro,
palco de constantes emoções,
ora vividas pelo velho poeta,
ora vividas pelos sonhos maiores
da moça apaixonada, ponte do povo.*

*À tarde, ao marulho das águas,
sempre alguém estará debruçado,
à amurada,
o olhar perdido mas o coração presente
às coisas da sua terra.*

*A Ponte do Imperador ficará no tempo
com sua feição emblemática,
representativa do nosso passado
histórico e sentimental.
Nessa bela estrutura, de ferro e de cimento,
parece vibrar o sentido mágico
das recordações perdidas.*

*É só ir lá.
Ficar em silêncio.
E tentar escutá-las...*

in MEDINA, p. 99

Figura 3.73 – Ponte do Imperador nas décadas de 10, 20, 30, respectivamente, e nos dias atuais.

3.3 RUAS E EDIFICAÇÕES: MARCOS URBANOS

Algumas ruas e edificações têm sido foco de vários postais desde o início de Aracaju que, ao longo do tempo, mudam, às vezes ao sabor das transformações da cidade e do maior destaque de outros logradouros e edifícios mais modernos, outras vezes em face de mudanças no interesse dos fotógrafos e nos objetivos da imagem.

As primeiras fotos de ruas apresentam sempre logradouros do Centro da cidade (praticamente o que existia da pequena urbe), como as ruas Laranjeiras, Japaratuba (atual João Pessoa), São Cristóvão e a Aurora (atual Rio Branco). Os postais da primeira-década mostram o casario baixo, modesto, com fachadas em platibanda em estilo neoclássico. Mostram, também, pessoas e animais, como que a indicar uma cidade viva e dinâmica, que já começava a contrastar com os pequenos centros interioranos. Nessa paisagem uniforme começavam a despontar alguns edifícios públicos, a exemplos de palácios situados nas praças centrais, do Tribunal da Relação e do Atheneu Sergipense, depois reformado para abrigar a Biblioteca Pública.

Sempre houve uma preocupação em captar, mesmo ao longe, alguns elementos característicos da “modernidade” urbana, como postes telefônicos, bonde a burros, bondes elétricos em imagens de 1930 a 1940 ou, depois, automóveis. A evidência da retilinidade das ruas de Aracaju parece tentar explicitar o seu diferencial de projeto e os méritos do Plano de Pirro, a partir de certos ângulos de tomada das fotos.

Figura 3.74 – Rua da Aurora já comercial na primeira década do século passado.

Figura 3.75 – Rua de São Cristóvão, na primeira década do século passado, também evidenciando o fluxo de pessoas e animais.

Figura 3.76 – Prédio da Escola Normal Ruy Barbosa na década de 20.

Figura 3.77 – Fachada do prédio da Delegacia Fiscal na década de 20.

Figura 3.78 –Rua João Pessoa da Rua São Cristóvão para o sul nos anos 30.

Figura 3.79 – Postal na Rua João Pessoa na década de 30. Note-se que na principal rua comercial da cidade os bondes elétricos trafegavam nos dois sentidos. À esquerda, hotel Marozzi, o principal da cidade.

Figura 3.80 – Av. Rio Branco na década de 30, destacando o posteamto telefônico e alguns automóveis. Até a construção da Estação Rodoviária, nesse local estacionavam todos os ônibus intermunicipais.

Saliente-se, também, que sempre procuraram mostrar as edificações mais destacadas e presentes nesses logradouros. As primeiras fotografias da rua da Aurora, obtidas no início do século XX, já mostram o seu dinamismo, com residências, casas de comércio, trapiches, a feira, e edifícios públicos, onde despontavam sobrados, construídos ainda no século XIX. Aos poucos, as construções com mais de um piso passaram a dominar as ruas mais comerciais, e a melhoria das condições econômicas permitiu a edificação dos palacetes residenciais da nova burguesia urbana, bem evidenciados.

Figura 3.81 – Sobrados da Rua da Aurora no início do século XX.

Figura 3.82 – Avenida Rio Branco, área do antigo porto, na década de 20.

Figura 3.83 – Rua Itabaiana na década de 30, com grandes residências. À direita, observa-se o posteamento dos bondes elétricos.

Figura 3.84 – Rua de Estância na década de 30. Observar o posteamento telefônico e, à esquerda, casarões residenciais de população de alta renda.

Aos poucos, os estilos arquitetônicos utilizados foram mudando, acompanhando as tendências do restante do país²⁰. O neoclássico cedeu lugar ao eclético no início do século XX, havendo em conjunto uma fase de expressão neogótica. De fato, esse estilo pouco difundido no sul do país encontrou receptividade em Aracaju. Fachadas de casas são reformadas para abrigar janelas ogivais e erguem-se torres de igrejas em agulha, como as das igrejas Santo Antônio e São Salvador, por volta de 1922. Diz Fernando Porto (2003, p. 35), comentando essa construção:

“Reforma bem avançada indo muito além das simples ogivas do passado, foi ela um sucesso; à noite, muitas pessoas faziam “sereno” no passeio fronteiro para apreciar os coloridos vitrais iluminados, uma novidade em Sergipe. Essa reforma desencadeou uma onda neogótica sobre o Estado, onde pularam, aqui e ali, igrejas e capelas no mesmo estilo, soterrando no desprezo o velho barroco.”

Figura 3.85 - Igreja de São Salvador na década de 20. Observar a torre ainda em construção.

---

²⁰ - Fernando Porto, em seu livro “Alguns Nomes Antigos do Aracaju”, descreve muito bem a trajetória estilística dos prédios antigos da cidade, passando do neoclássico para o neogótico, o eclético, o “art nouveau” e o “art déco” (PORTO, 2003, pp. 22/ 55).

A última expressão do neogótico em Aracaju foi a construção das novas torres da Catedral, na década de 40, completando a sua reforma.

Figura 3.86 – Postal da Catedral Metropolitana de Aracaju, tendo, em primeiro plano, a estátua do Monsenhor Olímpio Campos.

Nos anos 30, a arquitetura produzida em Aracaju passou por notável transformação por influência de construtores estrangeiros: a primeira, com um grupo de italianos com seu estilo eclético e influências do art-nouveau, responsável pelas reformas dos palácios centrais e do interior da Catedral; a segunda, com o engenheiro alemão Hermann Otto Von Altenesch (PORTO, 2003, pp. 19/ 56), que vai difundir a construção dos “bungalow” residenciais e o estilo art-déco. Pequenas residências na rua Duque de Caxias, com suas exíguas varandas frontais, vão ser modelo para a solução do “morar bem” em Aracaju por muito tempo. Altenesh também vai executar reformas que geraram marcos urbanos destacados, como a da antiga Cadeia Pública, depois Palácio Serigy, e a da Ponte do Imperador, que tem sua plataforma alargada e recebe uma nova marquise plana em concreto, mantida até os dias atuais. As formas bem características do art-déco vão ser utilizadas não só no Palácio Serigy, mas também na nova sede dos Correios e Telégrafos e, sobretudo, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, conservado até hoje.

Figura 3.87 - Palácio Serigy, na década de 30, obra de Von Altenesch, construtor alemão radicado em Aracaju.

Figura 3.88 - Interior da Catedral Metropolitana após a reforma dos anos 30.

Figura 3.89 - Vista Panorâmica da cidade na direção oeste, vendo-se as torres da Igreja Matriz ainda em construção. Na direita ao fundo, vê-se a parte superior do prédio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

As ruas principais continuaram sendo focalizadas em postais, embora em número decrescente, quase sempre intencionando mostrar, ou a amplidão das avenidas e seus meios de transporte, ou em décadas mais recentes, intervenções inovadoras como os calçadões da zona central ou a verticalização. O que se observa é que as grandes edificações, sempre vistas como marcos urbanos, vão continuar a sê-lo, só que terão agora maior altura. É o processo de verticalização que se desenvolve, gerando um outro olhar da cidade.

Figura 3.90 - Avenida Barão de Maruim nos anos 30. Com calçadas largas, a ampla avenida representava um novo modelo de via para a cidade, abrigando a linha de bondes elétricos sem transtorno e com o posteamento na parte central.

Figura 3.91 - Rua João Pessoa na década de 50 com destaque para o Ed. Mayara. À esquerda, lateral da Igreja São Salvador.

Figura 3.92 - Vista parcial sul de Aracaju a partir da Praça Fausto Cardoso na década de 60. Esse ângulo da cidade novamente surge em postal, agora colorido, mostrando, ao longe, o Ed. Atalaia já concluído. Os bondes, retirados de circulação, foram substituídos por veículos tipo lotação.

“Mandando para voçeis uma foto do “Mayara”, o faço sabendo o quanto exultam com a minha vitória! Representa ele o prêmio de uma vida de luta e de trabalho – patrimônio moral e material que lego aos meus filhos!”

Figura 3.94 – Foto do Ed. Mayara após término da obra. Acervo da Sra. Risolina Hora, esposa do Sr. João Hora.

O “Ed. dos Serviços Públicos”, hoje Ed. Walter Franco, foi construído pelo Estado em 1957, sendo mais uma edificação modernista, por isso mesmo tornando-se logo um novo ponto focal das lentes dos fotógrafos. Com suas linhas puras, contrastava com os prédios mais antigos ao redor, principalmente com o do Palácio do Governo. Sua fachada, marcada por uma série de colunas, gerava uma outra e diferente percepção do espaço construído. A utilização dos brises verticais na fachada, o revestimento em pastilhas, o uso de tijolos de vidro no térreo e o painel de azulejos do artista plástico Jenner Augusto ainda mais o tornavam o maior representante da cidade de uma outra tipologia arquitetônica.

Figura 3.95 – Postal do Ed. dos Serviços Públicos na década de 50. À direita, observa-se o Ed. São Carlos, construído na mesma época.

Figura 3.96 – Postal do Ed. dos Serviços Públicos também na década de 50. À esquerda, observa-se o Cinema Palace, o melhor da cidade.

Figura 3.97 – Postal do Ed. dos Serviços Públicos visto da Praça Fausto Cardoso na década de 60.

Logo em seguida, no final dos anos 50, inaugurou-se o primeiro edifício mais alto de Aracaju, térreo com pilotis e mais 10 pavimentos-tipo de uso apenas residencial, o Ed. Atalaia. Obra do empreendedor e engenheiro civil João Machado Rollemberg, com projeto de Rafael Grimaldi, seu colega da Politécnica da Bahia, integrava Aracaju mais rapidamente ao novo tempo, pois já continha em sua estrutura até os pilares em V, usados por Niemeyer tanto no Projeto do Hospital Sul América – 1952, Rio de Janeiro, como em Brasília, ainda em construção. O edifício flutuava sobre o solo, abrindo-se para a larga avenida e para o rio Sergipe, uma localização privilegiada que lhe permitiu marcar fortemente a paisagem, sendo daí sempre visualizado nas imagens urbanas, mesmo que ao longe. Sua construção foi uma luta, como afirmou o próprio construtor porque, como não se acreditava na viabilidade de se erguer edifício tão alto na cidade, devido ao seu tipo de solo, os apartamentos não foram vendidos logo, e esse, em geral, não sabia como pagaria a folha dos empregados no final de cada semana.

Figura 3.98 – Fotografia do lançamento da obra do Ed. Atalaia com a presença de pessoas ilustres, inclusive o Governador do Estado, Leandro Maciel, de terno branco ao centro.

Figura 3.99 – Fotografia do Edifício Atalaia após a conclusão das obras, no final dos anos 50.

Figura 3.100 – Vista da Avenida Ivo do Prado com destaque para o Edifício Atalaia nos anos 60.

O Hotel Palace de Aracaju, localizado no Centro abriu, na época, uma nova perspectiva de progresso, sendo considerada a maior obra pública do Governo de Luiz Garcia. Com projeto também do Eng. Rafael Grimaldi, sendo agora o Sr. João Machado Rollemberg Secretário de Estado, a conclusão da obra foi prevista para março de 1963; entretanto, pela redução do projeto inicial, sendo apenas mantida a lâmina vertical frontal, foi antecipadamente inaugurado em junho de 1962. Na lâmina inferior, com três pavimentos, havia o acesso ao hotel e mais 26 lojas, ocupando todo o terreno. Esse imenso volume, com fachadas revestidas em pastilhas, azul e branco, e detalhes na cor cerâmica, predominava no skyline com suas linhas horizontais, complementadas com grandes painéis de vidro, janelas em fita, apenas interrompidas pelos pilares à vista. A grande marquise nos acessos, os pilotis do terraço, a fachada do fundo com circulações em combogós, todos os elementos a enquadravam em uma edificação moderna. Obviamente, tornou-se um símbolo, um representante do desenvolvimento do Estado e local indiscutível de numerosos eventos sociais da urbe.

O esvaziamento do Centro e o desenvolvimento de uma nova zona hoteleira na orla da Atalaia acabaram por forçar o fechamento do hotel nos anos 90, entrando seu prédio em intenso processo de deterioração, encontrando-se atualmente praticamente em estado de ruína, tendo sido cogitada, inclusive, sua implosão. Tornou-se, apesar das suas dimensões, uma das lacunas do nosso tempo, pois, sem exposição na mídia, a questão não é discutida e o edifício se reveste de uma invisibilidade característica para a maioria dos cidadãos.

*“...No ano passado se falavam
 Quando no atrazo aprofundava
 Não construía edifícios
 Porque o solo não comportava
 Que faltava era progresso
 E tudo incapacitava
     Progresso foi chegando
     Grandes prédios construindo
     Desde do Palace ao Atalaia
     Muitos outros vem seguindo
     Pouco a pouco nossa terra
     Do atraso vai saindo...”*

SANTOS, 2005, p. 4

Figura 3.101 - Vista do Hotel Palace nos anos 60.

Figura 3.102 – Postal dos anos 60 com fachada principal do Hotel Palace de Aracaju.

Outro símbolo de modernidade, o Ed. Estado de Sergipe foi erguido durante a gestão do governador Lourival Baptista, após 1964. Até hoje é o maior prédio de Aracaju, com 28 pavimentos, porque alguns anos depois a legislação municipal estabeleceu um menor gabarito para a cidade. O projeto foi do escritório Alvarez e Pontual Arquitetos, de Salvador, sendo a obra executada pela Construtora Norberto Odebrecht. A lâmina inferior, ocupando praticamente todo o terreno, com o 3º pavimento em balanço em relação aos inferiores, foi feito para ser a sede do Banco do Estado de Sergipe e, a partir daí, o volume mais estreito foi solucionado para abrigar algumas salas e um sanitário por pavimento, a fim de servirem a diversos órgãos do Estado. Esse imenso edifício foi, por muito tempo, um referencial a mais em Aracaju, capital de um Estado que crescia com os investimentos da Petrobras. Como bem disse o próprio Governador em seu discurso proferido na solenidade da nova sede do Banco:

“Seja-me permitido lembrar, mais uma vez, que um Edifício deste porte ficará, para o futuro, como o símbolo visível dos ideais e do crescimento de Sergipe de nossos dias. “Para a frente, para o alto” – eis o que este prédio nos sugere, e é exatamente o que desejam todos os sergipanos.”

Figura 3.103 – Ed. Estado de Sergipe no final dos anos 60.

Figura 3.104 – Vista aérea de Aracaju nos anos 70, tendo no centro o Ed. Estado de Sergipe. Em primeiro plano e à direita, o novo edifício do INSS e, ao seu lado, a Estação Rodoviária, ocupando a esplanada criada com o desmanche do morro do Bonfim.

Figura 3.105 – Postal da Av. João Ribeiro, década de 90, vendo-se o Ed. Estado de Sergipe no centro da cidade.

No conjunto de centenas de ruas e de milhares de edificações de Aracaju, apenas algumas mereceram destaque. A seletividade das imagens encontradas nos cartões-postais fez esquecer as ruas mais comuns, mesmo aquelas de intenso comércio, as residências simples, a grande dominância das casas de parede-meia, originadas na fundação da cidade e que persistem ainda hoje, em decorrência dos estreitos e profundos lotes urbanos das áreas mais antigas da cidade e também das mais novas, ocupados por uma população de renda mais baixa. Essa outra Aracaju perdeu-se, de certo modo, no tempo, pois não foi fotografada ou fixada em qualquer suporte iconográfico para permanecer nas lembranças das pessoas. Essa só é resgatada em alguns documentos escritos, como já explicitado, daqueles que em um determinado momento com um olhar mais atento e misterioso captaram o invisível.

3.4 A VERTICALIZAÇÃO COMO IMAGEM

O processo de verticalização, iniciado nos anos 50, foi de forma pontual, aos poucos, alterando definitivamente a paisagem urbana, anteriormente só formada por um plano extenso e horizontal de construções. Demonstrava, sem dúvida, o maior valor dos terrenos na área mais antiga e densa da cidade, o que justificava, por sua vez, a construção de edifícios mais altos.

Pode-se estabelecer, então, desde esse primeiro momento, a verticalização de Aracaju como um processo de “âncoras”, de maneira semelhante ao de outras cidades, que lança uma construção mais ao longe e, depois, ocupa a área mais valorizada entre a ocupação vertical anterior e este novo ponto. Com os anos, a paisagem se tornou cada vez mais dinâmica, com alternâncias entre um plano horizontal ainda mais extenso e picos verticais. A zona sul verticalizou-se rapidamente,

fato bastante estimulado pelos financiamentos do BNH, e também os edifícios avançaram para oeste ao longo das grandes avenidas.

A partir dos anos 2000, percebe-se que a imagem da cidade não é formada por apenas determinados volumes verticais, mas por uma extensa verticalização, que se espalha na malha praticamente plana. As ruas e bairros da cidade são destacadas pelos conjuntos de edifícios nelas situadas. Todos os olhares convergem para essas manchas e todo o restante parece esmaecer.

Figura 3.106 - Vista aérea do Centro em direção à zona sul nos anos 90. Em primeiro plano, os edifícios Estado de Sergipe e Hotel Palace.

Figura 3.107 – Vista do rio Sergipe para o Centro de Aracaju nos anos 90.

Figura 3.108 - Vista parcial do Centro para a zona sul na década atual.

Figura 3.109 - Vista aérea parcial do Bairro São José, vendo-se, ao fundo, a Coroa do Meio. Observar o adensamento vertical, no alto e à direita, gerado pela “Norcolândia”.

Figura 3.110 - Postal com vista da “Norcolândia” no bairro Treze de Julho.

Figura 3.111 – Verticalização da Treze de Julho também nos anos 90.

Figura 3.112 – Av. Beira Mar já bem mais verticalizada nos anos 90.

Figura 3.113 - Vista aérea parcial do Bairro São José para a Coroa do Meio nos dias atuais. Mostra-se o contraste entre a cidade construída e a natureza.

Entre os entrevistados 71,7 % consideraram que a verticalização é um progresso para a cidade, embora 19,5 % tenham visto esse progresso com certas preocupações, quer ambientais, como a devastação dos manguezais, quer de outros tipos, como as dificuldades no trânsito e a “desorganização” produzida por diferentes gabaritos. Somente 28,3 % não associam verticalização ao progresso em face dos problemas ambientais por ela gerados (como a circulação de ar), da especulação imobiliária e das carências de infra-estrutura na cidade. Esses resultados mostram bem como a verticalização, associada a progresso, desenvolvimento, beleza, está no imaginário da população aracajuana, como um marco da cidade. Mas essa é apenas uma faceta da cidade elitizada, que domina a imagem de toda a urbe, excluindo suas áreas mais horizontais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mas o que se sabe com certeza é que, quando se pede a um habitante de Zenóbia que descreva uma vida feliz, ele sempre imagina uma cidade como Zenóbia, com as suas palafitas e escadas suspensas, talvez uma Zenóbia totalmente diferente, desfraldando estandartes e nistros, mas sempre construída a partir de uma combinação de elementos do modelo inicial.

Disto isto, é inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.”

CALVINO, pp. 36/ 37

Pode-se afirmar que Aracaju, desde as últimas décadas do século XIX até as mais recentes, foi construindo lentamente a sua imagem de cidade “ideal”, só que atualmente de maneira mais evidente e persistente, e até explícita, enquadrando-se no que se pode estabelecer como uma cidade da “civilização da imagem”. É cada vez mais constante a descrição de Aracaju, por grande parte da sua população, como “Capital da Qualidade de Vida”. Mesmo sem se saber, exatamente, em que esse *slogan* se baseia, a frase se repete na mídia e é fixada na mente dos cidadãos. Assim, Aracaju é como a *Zenóbia* de Calvino, que continua sempre a dar forma aos desejos de seus habitantes.

Na realidade, Aracaju em 2005 foi a “*Capital do Norte e Nordeste com Melhor Qualidade de Vida*”, título obtido através de pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas. O estudo, denominado Índice de Condições de Vida (ICV), utilizou dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF 2002/ 2003) do IBGE, realizada em uma amostra de 48.470 domicílios, contendo informações sobre a satisfação das pessoas em relação a doze questões, como: a oferta de serviços públicos, alimentação, moradia, renda e problemas com a violência. A capital sergipana alcançou o índice de 8,62% acima da média nacional, abaixo somente daqueles alcançados por cidades do Sul e Sudeste do país.²¹

Recentemente, a capital sergipana alcançou outro título como a “*Capital com Melhor Qualidade de Vida do Brasil*”, a partir de dados do Ministério da Saúde e levantamento do programa Globo Repórter. A escolha foi baseada em certos indicadores, como menor número de fumantes e de pessoas com excesso de peso, maior consumo de hortaliças e prática de exercícios físicos,... Segundo a Prefeitura Municipal, os resultados alcançados foram consequência, principalmente,

---

²¹ - Informações encontradas no endereço <http://www.vermelho.org.br/diario/2005/>

de um trabalho contínuo e programado, iniciado há sete anos na administração de Marcelo Déda. Como disse Edvaldo Nogueira, Prefeito reeleito: “*A preocupação da administração de fazer o crescimento vinculado à qualidade de vida desde o primeiro momento foi fundamental nesse processo. Perseguimos isso, não foi uma coisa aleatória*”. Daí fizeram-se investimentos em saúde e melhorias nos espaços de esportes e lazer da cidade, como o Parque da Sementeira, o Calçadão da Treze de Julho e diversas praças. A implantação e manutenção de programas como a Farmácia Viva (produção de remédios fitoterápicos), a Academia da Cidade, A Vida Vale Mais (campanha da velocidade máxima de 60 km), também foram essenciais para o alcance desse patamar.

À semelhança do que tem ocorrido em Curitiba, fica claro que a constante geração de inovações na cidade é parte de uma política de melhoria de qualidade de vida. Não é sem razão que a capital paranaense é aqui citada sempre como um modelo, pois o legendário Prefeito dessa cidade, o arquiteto Jaime Lerner, já elaborou vários projetos para Aracaju, alguns dos quais acabaram por não funcionar, como a Rua 24 Horas²², ou apresentar problemas, como o traçado viário do bairro Coroa do Meio, que acaba de ser redefinido pela Prefeitura Municipal. Mas isso é secundário diante da magnitude do modelo seguido e da força de um “marketing” que insiste na fixação de uma imagem extremamente positiva da cidade. E as inovações continuam, geralmente muito bem aceitas pela população. O aracajuano não é arraigado ao passado, preso a tradições e imagens de um tempo que se foi, talvez pelo fato de que “*a própria cidade foi uma inovação*”, entendendo inovação como algo que é percebido como novo, pois ela não tem monumentos muito antigos, marcos intocáveis de uma herança colonial a ser preservada, como São Cristóvão.

---

²² - Aliás, como apontado no citado estudo sobre Curitiba, “o mito Jaime Lerner – genialidade- panacéia para as grandes cidades”, desmancha-se no ar ao analisarmos os precários resultados e, em muitos casos, até mesmo o completo fracasso de seus planos urbanísticos em outras cidades e metrópoles brasileiras” (GARCIA, p. 90).

Figura C 01 - Postal da Rua 24 Horas nos anos 90. Funcionava como interligação entre o Centro de Turismo, antiga Escola Normal, e o calçadão da rua Laranjeiras.

Figura C 02 - Fotografia parcial do Centro, vendo-se, em primeiro plano, o local em que funcionou a Rua 24 Horas.

Ao se inquirir os amostrados com mais de cinquenta anos sobre *os lugares mais importantes de Aracaju no passado, se foram substituídos ou se mantiveram ou se tem saudades deles*, obteve-se quase como resposta unânime que os lugares importantes de Aracaju do passado foram substituídos por outros, mais relacionados com um novo tempo. Deve-se entender, na realidade, como disse um dos entrevistados, que alguns se mantiveram, como o Centro e as praias, por exemplo, apenas com mudanças no modo de uso desses espaços. Quanto à questão da saudade, 70 % disseram sentir saudades da Aracaju do passado, mas não queriam voltar no tempo: *“Cinemas, Praça Fausto Cardoso e suas retretas”... o antigo comércio da João Pessoa... os antigos clubes: Associação, Atlético e Iate. Tenho saudades, sem saudosismo*”. Isso é interessante, porque mostra que os urbanistas se preocupam demais com as questões da preservação dos edifícios e monumentos históricos, em se manter o passado, às vezes até de modo intocável, mas com uma visão simplista a população acha importante, é claro, alguns dos marcos históricos, mas acompanha e vive a cidade no decorrer do tempo. Como diz Lynch: *“Nosotros conservamos las señales actuales del pasado o controlamos el presente para satisfacer nuestras imágenes del futuro. Nuestras imágenes del pasado y del futuro son imágenes presentes, continuamente recreadas.”* (Lynch, 1975, p. 75). Assim, é preciso que a conservação de uma cidade seja feita com coerência, apenas atualizando os usos dos edifícios do passado mais simbólicos, para mantê-los vivos.

“Nuestro entorno terrenal es un marco muy especial y quizás único para el desarrollo de la vida. Es preciso conservarlo, aunque es imposible preservarlo. Cambiará a pesar de nosotros, con nuestra omisión o nuestra comisión. Hasta el punto en que ese cambio sea inevitable, deberíamos al menos asegurarnos de que fuese un proceso humano y que no desembocase en nuestra propia destrucción. Por otro lado, hay muchos cambios necesarios que no son inevitables en absoluto. Nuestra tarea real no es impedir que el mundo cambie sino hacer que cambie en una dirección que favorezca el crecimiento y fortalezca la vida.”

LYNCH, 1975, p. 279/280

O clima de otimismo, nunca visto em Aracaju em outros tempos, também fica claro ao se realizar as entrevistas com amostra da população. Os resultados dos questionários realizados no último mês de 2008, tabulados e mostrados aqui apenas de forma percentual, não se tentando inferência estatística em face do tipo e tamanho da amostra, confirmam o enunciado. De fato, Aracaju é

muito bem apreciada pelos seus habitantes. Todos os entrevistados a consideram uma cidade bonita e agradável para se morar, emoldurada pelo belo recurso paisagístico que é o estuário do Sergipe, embora também tenham a nítida percepção das diferenças intra-urbanas, pois 96,7 % consideram que viver nas zonas centrais é bem melhor.

Essa avaliação é tão positiva que apenas um pouco mais da metade dos entrevistados (55,1 %) a consideram violenta, mesmo quando reconhecem a existência de banditismo e problemas com drogas na cidade. É possível que essa percepção positiva esteja altamente correlacionada com a imagem da “melhor qualidade de vida do país”, aceita por 77,6 % dos pesquisados. Alguns elementos desse grupo, entretanto, acham que a cidade não merece esse *status* porque outras cidades, como Curitiba, apresentam condições bem melhores de vida (e aqui o “modelo Curitiba” é citado pelo cidadão comum).

Para 95,9 % dos moradores entrevistados, as praias são muito importantes para a vida da cidade (mesmo observando-se que 20,7 % deles não as freqüentam regularmente) e a orla da Atalaia faz parte da imagem urbana, considerada por 89,8% deles como o ponto mais importante de Aracaju. É interessante observar que a Praça Fausto Cardoso, conhecida por 100 % dos entrevistados com 31 anos ou mais e por 89,5 % dos mais jovens, é ainda vista como ponto importante por 46,9 % dos cidadãos. Essa mesma diferenciação etária é observada com referência a um dos seus marcos mais destacados, a Ponte do Imperador, conhecida por 93,3 % dos aracajuanos com 31 anos ou mais e por apenas 73,7 % dos mais jovens.

Assim, talvez por ter uma configuração geográfica bem característica, margeada pelo rio Sergipe e, em parte, pelo oceano, e ter traçado geométrico regular, simples, e ser uma capital

relativamente pequena com pontos bem marcados no tempo, Aracaju seja uma cidade com uma imagem extremamente positiva, o que permite confirmar significados e sentimentos da população e essa estar sempre aberta à criação de novas histórias, estimulando a realização de novas melhorias. Como explica Lynch:

“É bem verdade que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer como lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória.”

LYNCH, 1999, p. 134

Em termos políticos, toda essa imagem da cidade provoca um *feedback* na administração pública que, através do Prefeito Municipal, declara:

“O crescimento da auto-estima e esse sentimento positivo em relação à cidade são fruto do que a Prefeitura de Aracaju tem feito nos últimos sete anos. Melhoramos significativamente a prestação dos serviços, as pessoas perceberam uma administração sem escândalos, o dinheiro público está sendo bem aplicado. Provamos que, quando se tem determinação e compromisso, é possível realizar uma administração que melhore a vida da cidade. É claro que tem problemas, mas as pessoas estão felizes com a cidade que têm. E obviamente a sociedade reconhece o esforço do administrador. A população é importante nesse processo, há uma simbiose entre a Prefeitura e a sociedade, que estão fazendo bem a sua parte. Por isso, percebemos esse clima de otimismo e o reconhecimento do nosso trabalho”.

http://www.aracaju.se.gov.br/gabinete_do_prefeito/pp.2/3

Aracaju chegou ao ponto de fixação de uma imagem de cidade moderna, progressista, bem equipada, capaz de atender às necessidades de sua população e, principalmente, do turismo. Como, dentre as capitais do Nordeste, é a que não tem uma praia paradisíaca, e suas águas são geralmente turvas, focalizam-se outros atrativos como: tranquilidade, passeios interessantes bem próximos, como o cânion de Xingó, a praia de Mangue Seco, as cidades históricas de São Cristóvão e Laranjeiras, cozinha típica exótica e, atualmente, festas regionais como a de São João e o Pré-Caju.

A mensagem de Aracaju como cidade de “*Melhor Qualidade de Vida*” está explicitamente colocada em grande outdoor da Prefeitura Municipal, na Treze de Julho, desde o recebimento do título. A mais recente ainda reafirma a imagem de felicidade ao se viver na cidade.

Figura C 03 – Fotografia de painel publicitário, maio/2006.

Figura C 04 – Fotografia do novo painel publicitário, Treze de Julho, janeiro/2009.

Figura C 05 – Na grande prévia carnavalesca, o Pré-Caju, a mesma mensagem, foto à direita, esteve fixada em todos os postes do “Corredor da Folia”, Avenida Beira Mar, foto à esquerda, e em outras avenidas de acesso a esse, junto a outras propagandas.

Figura C 06 – Nos festejos juninos a Prefeitura também fez “O São João da Qualidade de Vida”, na Praça do Mercado, para toda a população. Não há como não ser receptor de um “marketing” tão intenso.

Mas essa imagem extremamente positiva é falha, pois “esquece” a maior parte da cidade, a maior parte da sua população. Ela é, no máximo, uma visão “maquiada” ou produzida de certos setores mais bonitos e ricos da urbe, a “cidade visível” nos cartões-postais, nas fotografias, nos vídeos.

Como bem coloca Garcia (p. 93):

“Na difusão das imagens do lugar, associada às sínteses da vida coletiva na metrópole, são veiculados estilos de vida e, sobretudo, hábitos de apropriação do espaço e de consumo de bens e serviços urbanos que pertencem, claramente, a segmentos da classe média. A veiculação destes hábitos constitui-se em estímulo que amplia o poder de penetração das imagens sintéticas no imaginário popular. O conteúdo simbólico das imagens da cidade reelabora e reproduz, em todos os níveis da vida social, as relações de dominação existentes baseando-se no fato de que reproduz um imaginário subjacente.”

Resta a cidade invisível, numa partição que remete à idéia dos dois circuitos da economia e ao “espaço dividido”, na concepção de Milton Santos: o espaço dos pobres e o espaço dos ricos. E nessa cidade “não vista” estão diversos bairros residenciais e de classe média e baixa, conjuntos habitacionais metropolitanos, favelas e favelas urbanizadas, setores comerciais e de serviços dinâmicos, verdadeiros subcentros bem estruturados, além de distritos industriais. É um cadinho de atividades e funções as mais diversas que integram a cidade; não como oposição à cidade visível, mas como sua outra metade, com ela interagindo e trocando serviços, bens e informações. E a problemática da imagem construída reside exatamente aí, porque não há uma consciência dessa outra Aracaju e de que faltam investimentos e criação de infra-estruturas básicas nesses locais para se atingir realmente o patamar de qualidade de vida, como verificado em países do primeiro mundo. Ferrara explica bem essa questão:

“Nesse sentido, nos países do Terceiro Mundo, cuja pobreza parece ser tanto cultural quanto econômica, a representação urbana é invisível e sua percepção, inoperável, porque o urbano se esconde no uso de uma cidade que é consumida tal como é apresentada; boa ou má, de visual agradável ou desagradável, a imagem da cidade está planejada para perdurar sobre a percepção urbana e impedir a ação.”

FERRARA, 1993, p. 261

Por isso mesmo é que, nessas considerações finais, abre-se um pequeno espaço para olhar, mesmo que por um instante, a Aracaju invisível de épocas passadas como a da cidade atual. Sempre houve a outra, escondida ou filtrada, em um primeiro momento pelo fotógrafo e, depois, sucessivamente por seus contratantes, a fim de se ter apenas documentos iconográficos positivos da cidade. Esse outro lado, como já ressaltado, às vezes está nas palavras e apenas nelas: as imagens perderam-se no tempo. Só que, hoje, há mais possibilidades de se fixar o que não deve ser visto e utilizar os recursos de nossa civilização da imagem para fixá-las e ir além.

*“...Banca-de-peixe, o cais, largo das feiras;
E, bem ao fundo, o morro do Bonfim.
Barracas feitas de pindoba e esteiras;
Gente de feira num vaivém se fim...
Pelos domingos e segundas-feiras;
Aracaju, - eu conheci assim!*

*De vida simples, quase sem vaidade...
Aquela Aracaju, - hoje saudade!...
De coloridos próprios, regionais.
Brancas dunas ao longo do poente;
E entre as dunas e o rio, bem de frente,
A cidade ao sopé dos areais!”*

FIGUEIREDO, p.27

Figura C 07 - Fotografia sem autoria identificada da feira em Aracaju no início do século XX.

Figura C 08 – Fotografia panorâmica parcial de Aracaju, maio de 2006, a partir do Ed. Estado de Sergipe na direção sul/ oeste. À esquerda, a densa vegetação é o Parque Teófilo Dantas e, ao fundo, a verticalização expressiva dos bairros São José, Treze de Julho, Grageru, Garcia e, mais além, do Jardins. À direita, parte da cidade “invisível”, como os bairros Cirurgia e Pereira Lobo, uma área de extensa horizontalidade.

Figura C 09 - Aracaju “invisível” na direção norte, onde apenas a Igreja do Santo Antônio é fixada nos postais.

Figura C 10 - Fotografia parcial na direção oeste, também tirada do alto do Ed. Estado de Sergipe. À direita, a velha estação rodoviária, hoje servindo de terminal de ônibus metropolitanos. Em seu entorno, há uma dinâmica zona comercial. Mais adiante, os bairros Getúlio Vargas e Siqueira Campos.

Figura C 11 - Fotografia da Av. Beira Mar, após o cruzamento com o rio Poxim, em direção à Orla de Atalaia. O mangue fechado esconde, até dos moradores da área, a ocupação de baixa renda ao longo desse.

Figura C 12 – Essa ocupação irregular, antes com casebres sobre palafitas, foi regularizada pela Prefeitura no ano de 2006. Mesmo com as melhorias, percebem-se, com um olhar atento, os contrastes da urbe.

Figura C 13 – Fotografia panorâmica parcial, tirada na altura do bairro Jardins, que mostra o limite oeste da Aracaju verticalizada, seguida por numerosos bairros da cidade “invisível”.

Figura C 14 – Fotografia do Conjunto Orlando Dantas a partir da rótula do Augusto Franco para o centro da cidade, vendo-se a Av. Heráclito Rollemberg, ladeada por condomínios verticais de baixa renda. Bem ao longe, a Aracaju visível, mais verticalizada.

Figura C 15 – Vista do Orlando Dantas, também a partir da rótula do Augusto Franco, em sentido oeste. Há um forte comércio no local que dinamiza essa parte periférica da zona sul.

Figura C 16 – Vista panorâmica parcial do Orlando Dantas na direção sul/ oeste. Bem distante, vê-se o Santa Maria.

Figura C 17 – Fotografias aproximadas da área acima, onde se observa melhor a continuidade da ocupação do Orlando Dantas. O Santa Maria, ainda ao longe, não é mais associado à lixeira, pois a favela local foi urbanizada, em parte, e o bairro recebe hoje uma maior atenção do poder público.

Figura C 18 – Vista parcial do Augusto Franco para o sul, também com condomínios verticais de baixa renda.

Figura C 19 – Fotografia do Conjunto Augusto Franco, grande área “invisível” da cidade.

É interessante observar que a vida nesse “espaço dos pobres” ainda se organiza de forma diferente. Os moradores ainda desfrutam de uma vida em comunidade, como apontado por 81,8% deles, embora alguns afirmem que ela já é bem reduzida hoje em dia, e alguns que já não desfrutam dessa interação com vizinhos lembram-se da mesma no passado. Essas relações sociais antigas e sobreviventes de uma época mais tranqüila são alicerçadas na conversa entre os vizinhos desenvolvida nas calçadas, na ajuda mútua e numa amizade mais forte. Em alguns casos, chega a se desenvolver uma vida mais comunitária, ligada às diferentes Igrejas e seus movimentos bem como a Centros Sociais de bairro.

Embora a população de Aracaju se reconheça como parte da grande imagem construída da cidade²³, daí a satisfação plena dos entrevistados independentemente do seu nível social, isso não impede de haver certa percepção das diferenças intra-urbanas. E essa desigualdade percebida acaba por produzir fortes fluxos de mudança residencial na cidade e por estimular aspirações de mudanças. Analisando o desejo de troca de bairro residencial por parte dos entrevistados, observa-se que 78 % deles aspiravam a uma mudança, e os fluxos desejados seriam em direção a bairros da Aracaju visível, quer dentro dessa grande área (26 %), quer da Aracaju “invisível” ou metropolitana para a Aracaju visível (35%). É interessante observar que os desejos de mudança dentre os moradores da Aracaju visível se dariam em direção à Treze de Julho, ao Jardins e às praias de Atalaia e do Aruana em 80,8% dos casos. E esse mesmo padrão se repete com os hipotéticos fluxos provenientes da Aracaju periférica e metropolitana em 65,7 % dos casos. Padronizando-se percentualmente o número de questionários pelas citadas áreas, observa-se que a maior aspiração de mudança (100 %) se dá entre os moradores das áreas metropolitanas,

---

²³ - Exatamente na direção apontada por Barthes (1989), em que a omissão das diferenças sociais na apropriação da cidade atinge o auge do seu êxito (apud. GARCIA, p. 93).

exatamente as que apresentam, de modo geral, piores condições de vida. Aliás, não se observou nenhuma aspiração de mudança em direção a essas áreas, mesmo por parte de moradores de zonas de Aracaju com condições precárias, como o Santa Maria ou o Bugio. Em segundo lugar, estão os residentes na Aracaju “invisível” que predominantemente gostariam de mudar para bairros mais visíveis, numa nítida procura por ascensão social (81,3 %). Por outro lado, quase 30% dos moradores da Aracaju visível não desejam trocar de bairro de moradia. É curioso observar-se que 45,8 % dos residentes em Aracaju “invisível” ou não desejam mudar de bairro (18,7 %), ou optariam por uma mudança para outro bairro na própria Aracaju ‘invisível’. E aí, o Siqueira Campos e o Augusto Franco apresentam-se como principais pontos de atração, como se a progressão social desejada já ocorresse com uma simples mudança para esses bairros.

Essa é a Aracaju percebida hoje pelos seus habitantes. Mas a imagem urbana é fugaz, é efêmera, mudando constantemente em face de novas percepções e de novos marcos. E, no desenrolar desse trabalho, procurou-se mostrar toda a transitoriedade das imagens ao longo do tempo, que se torna acelerado a cada dia. Marcos urbanos envelhecem rapidamente e são logo substituídos. E Aracaju dá exemplo disso: o Ed. Estado de Sergipe, apresentado explicitamente como o símbolo da modernidade na década de 70, já não aparece em imagens mais recentes nem é citado pela população. A nova ponte Aracaju - Barra dos Coqueiros, que não era observada pela população em maio de 2006, pois estava ainda em obras, começa a despontar como elemento expressivo para os entrevistados em fins de 2008 e certamente continuará a ser destaque de Aracaju nos próximos anos. Esse fato pode ser comprovado através das fotografias hipotéticas que seriam tiradas pela população: dentre os 51 entrevistados na primeira etapa, somente dois a fotografariam; já dentre os 49 pesquisados na segunda etapa, seriam feitas 12 fotos, mostrando o quanto a conclusão da obra e seu uso contínuo mudaram a percepção dessa construção.

Figura C 20 – Fotografia da nova ponte Aracaju - Barra dos Coqueiros na época da construção, maio de 2006. À frente, vê-se a balsa que fazia o transporte dos veículos.

Figura C 21 – Foto tirada em maio de 2006 a partir da Orlinha do Bairro Industrial para o novo marco.

Figura C 22 – Postal da nova ponte em conjunto com outras duas imagens noturnas da Orla, reafirmando a importância dessas duas obras do Governo do Estado para a formação da imagem de Aracaju.

Inaugurada em setembro de 2006, no governo de João Alves Filho, esse novo marco já está atualmente fixado em diversos cartões-postais, comercializados na cidade desde meados de 2008, inclusive em conjunto com a Orla da Atalaia e, conseqüentemente, no imaginário da população. Evidencia-se, assim, como há um tempo de maturação para a formação das imagens.

E assim a vida da cidade continua, palco de complexa teia social em que se manifestam frustrações e realizações, fracassos e sucessos. E nesse mundo em que *“a vida é ficção e feita de contradição”* (Blake, 1757/ 1827) prevalecem as imagens da cidade feliz, porque *“a espécie humana não suporta demasiada realidade”* (T. S. Eliot, 1888/ 1965).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- AMAR, Pierre Jean. **História da Fotografia**. Lisboa: Edições 70, s/ data.
- AMORIM FILHO, Oswaldo B. “Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG” in DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, Studio Nobel/ São Carlos, UFSCar, 1996, pp. 139/ 152.
- BARBOZA, Naide. **Em Busca de Imagens Perdidas : Centro Histórico de Aracaju 1900 – 1940**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade do Aracaju, 1992.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRITO, Saturnino de. **Obras Completas. Projetos e Relatórios. Volume XIV**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Antônio Carlos. **Os Agentes do Desenvolvimento Urbano de Aracaju 1855 - 2005**. Tese de Doutorado, inédita. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2008.
- CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- CHOAY, Françoise. **Urbanismo: Utopias e Realidades**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CORREIA, Dora Neuza Leal Diniz P. **Aracaju: Evolução e Verticalização**. Monografia de Especialização, inédita. São Paulo: Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 2003.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DINIZ, José Alexandre F. **Aracaju: Síntese de sua Geografia Urbana**. Aracaju, 1963.
- FELDMAN - BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (orgs.), **Desafios da Imagem: Fotografia Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas: Papirus Editora, 5ªed., 2006.
- FERRARA, Lucrécia. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- FIGUEIREDO, Jacintho de. **Motivos de Aracaju**. Aracaju: Prefeitura Municipal, 3ª ed., s/ data.
- FORTES, Bonifácio. **Evolução da Paisagem Humana da Cidade do Aracaju**. Aracaju: Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo, 1955.

- FOULQUIÉ, Paul. **Dictionnaire de la Langue Philosophique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.
- FRANÇA, Vera Lúcia A. **Aracaju: Estado & Metropolização**. São Cristóvão - SE: Editora UFS, Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 1999.
- GARCIA, Fernanda Ester S. “O City Marketing de Curitiba” in DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, Studio Nobel/ São Carlos, UFSCar, 1996, pp. 83/ 96.
- GERODETTI, João E. e CORNEJO, Carlos. **Lembranças do Brasil: As Capitais Brasileiras n nos Cartões–Postais e Álbuns de Lembranças**. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004.
- GOLDSCHMIDT, Victor. **Les Dialogues de Platon – Structure et Méthode Dialectique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.
- INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, SP: Papirus Editora, 11ªed., 2007.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2ª edição rev., 2003.
- LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1994.
- LEITE, Míriam L. Moreira. “Texto Visual e Texto Verbal” in FELDMAN - BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (orgs.), **Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas: Papirus Editora, 5ªed., 2006, pp. 37/ 50.
- LISSOVSKY, Maurício. “Sob o Signo do “Clic”: Fotografia e História em Walter Benjamin” in FELDMAN - BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira (orgs.), **Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas: Papirus Editora, 5ª ed., 2006, pp. 21/ 36.
- LOUREIRO, Kátia A. S. **A Trajetória Urbana de Aracaju, Em Tempo de Interferir**. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisas – INEP, 1983.
- LYNCH, Kevin. **De qué Tiempo es este Lugar?** Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- _____. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1999.
- MELINS, Murillo. **Aracaju Romântica que Vi e Vivi. Anos 40 e 50**. Aracaju, UNIT, 2007.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin Ensaio Crítico sobre a Escola Neohegeliana de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

- MIRANDA, Antonio. **O que é Cartofilia**. Brasília: Sociedade Brasileira de Cartofilia, 1985.
- PALLAMIN, Vera. **Forma e Percepção (considerações a partir de Maurice Merleau-Ponty)**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança – Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2ª ed., 1975.
- PORTO, Fernando F. **A Cidade do Aracaju 1855/ 1865**. Aracaju: Governo de Sergipe/ FUNDESC, 1991.
- _____. **Alguns Nomes Antigos do Aracaju**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2003.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 8ª ed., 1997.
- RIBEIRO, Neuza Maria G. **Transformações do Espaço Urbano – O Caso de Aracaju**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.
- SANTANA, Antonio Samarone de. **As Febres do Aracaju. Dos Miasmas aos Micróbios**. Aracaju: 2001.
- SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- _____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1982
- SANTOS, Roque Salvador dos. **Progresso de Aracaju. A Capital do Petróleo. (Pequeno Resumo da Vida de Sergipe Passado e Presente)**. Aracaju: Literatura de Cordel, 2005.
- SILVA, José Calazans Brandão da. **Aracaju e outros Temas Sergipanos**. Aracaju: Governo de Sergipe, FUNDESC, 1992.
- SILVA, Ângela Maria Falcão. **A Cidade e o Mar: As Práticas Marítimas Modernas e a Construção do Espaço na Praia do Futuro (Fortaleza- CE- Brasil)**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2006.
- SOARES, Órris. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, Vol II, 1968.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

OUTRAS FONTES:

http://www.aracaju.se.gov.br/gabinete_do_prefeito

<http://www.vermelho.org.br/diario/2005>

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALFREDO, Anselmo. “Cidade e metrópole, uma identidade contraditória no processo de urbanização contemporânea”, in Carlos e Lemos, **Dilemas Urbanos – Novas Abordagens sobre a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 45-56.
- ALMEIDA, Maria da Glória S. de. “Atividades Produtivas” in DINIZ, Diana Maria de F. L. (coord.), **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: UFS/ BANESE, 1991.
- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **A Peste e o Plano**. São Paulo: USP/FAU, 1992.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARNHEIM, Rudolf. **A Dinâmica da Forma Arquitetônica**. Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., s.data.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d’Água Antropos, 1991.
- BENKO, Georges. “Mundialização da economia, metropolização do mundo” in Gonçalves (org). **Os Lugares do Mundo - A Globalização dos Lugares**. Salvador: UFBA, 2000, pp. 37/55.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. “Algumas Considerações sobre o Uso da Fotográfica na Pesquisa Antropológica” in FELDMAN - BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (orgs.), **Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas: Papirus Editora, 5ª ed., 2006, pp. 197/ 212.
- CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Livraria Regina, 2ª edição, 1955.
- CHOU, José Walter Teles “Aracaju: Imagem, Memória e Apropriação” in FALCÓN, Maria Lúcia O. e FRANÇA, Vera Lúcia A. (coord.), **Aracaju: 150 anos de Vida Urbana**. Aracaju: PMA/ SEPLAN, 2005.
- CLAVAL, Paul. “Metropolisation et Globalisation” in **Cidades**. Presidente Prudente: v. 2, n. 3, 2004. pp. 13-35.
- COELHO NETO, José Teixeira. **A Construção do Sentido na Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- _____. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 7ª edição, 2007.
- CORBIN, Alain. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo:

- Companhia das Letras, 1989.
- CULLEN, Gordon. **El Paisage Urbano. Tratado de Estética Urbanística**. Barcelona: Editorial Blume, 1974.
- DANTAS, Eustódio W. C. **O Mar e o Marítimo nos Trópicos**. São Paulo: GEOUSP – Espaço e Tempo N°. 15, pp. 63-76, 2004.
- DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1973.
- DAVIDOVICH, Fanny. “Metrópole e contemporaneidade, algumas pontuações” in Carlos e Lemos, **Dilemas Urbanos – Novas Abordagens sobre a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 57-72.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, Studio Nobel/ São Carlos, UFSCar, 1996.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane R.; RHEINGANTZ, Paulo A.(orgs.). **Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/ PROARQ, 2002.
- FERRARA, Lucrécia d’Alessio. **Ver a Cidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1988.
- _____. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP/ FAPESP, 2000.
- GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 9ª edição, 2000.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- IWATA, Nara. **O Rio e o mar. A influência da orla marítima na formação do imaginário da cidade do Rio de Janeiro**. Arqutextos 012, maio 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.
- _____. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas Conseqüências Filosóficas**. Campinas: Papirus, 1990.
- OLIVA, Terezinha Alves de. “Estruturas de Poder” in DINIZ, Diana Maria de F.L. (coord.),

- Textos para a História de Sergipe.** Aracaju: UFS/ BANESE, 1991.
- PALEN, John J. **O Mundo Urbano.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, s/data.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. “Reflexões sobre Iconografia Etnográfica: por uma Hermenêutica Visual” in FELDMAN - BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (orgs.), **Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais.** Campinas: Papirus Editora, 5ª ed., 2006, pp. 75/ 112.
- RAPOPORT, Amos. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana** (hacia uma confrontación de las ciencias sociales com el diseño de la forma urbana). Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REIS FILHO, Nestor G. **Evolução Urbana do Brasil 1500 - 1720.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- SANTANA, José Lima. **História do Saneamento Básico em Sergipe.** Aracaju: DESO, 1999.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- TUAN, Yi-fu.. **Espaço e Lugar – A perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.
- VELLOSO, Verônica Pimenta. **Cartões-postais: imagens do progresso (1900 - 1910).** Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, História, Ciência, Saúde – Manguinhos, vol. 7, nº.3, nov. 2000/ fev.2001.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra - Urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001.

OUTRAS FONTES:

<http://www.correiodesergipe.com>
<http://www.grupomidia.com/municipiosbusiness>
<http://infonet.com.br>
<http://viagem.uol.com.br>
<http://visitearacaju.com.br>
<http://de.wikipedia.org/wiki/Pt:Aracaju>

ANEXO I

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROCESSO DE CONHECIMENTO DE ARACAJU: PERCEPÇÃO E IMAGEM

Projeto de pesquisa de Dora Diniz

ENTREVISTA 01

Data - ____ / ____ / ____

1. Identificação do ENTREVISTADO

Nome - _____
 Sexo M ☐ F ☐ Naturalidade - _____
 Faixa etária - _____ Tempo de residência na cidade - _____
 Endereço - _____
 Casa ☐ Apartamento ☐ Tempo na moradia - _____
 Residência anterior - _____
 Motivo da mudança - _____
 Local de trabalho - _____
 Escolaridade - _____ Profissão - _____
 Meio de transporte mais utilizado - _____
 Faixa de renda familiar - _____

2. Quais os lugares que você conhece em Aracaju? (bairros, praças, ruas etc). Quais são, em sua opinião, os lugares mais importantes da cidade?

_____

3. Para os entrevistados mais velhos: quais os lugares mais importantes de Aracaju no passado? Foram substituídos ou se mantiveram? Tem saudades deles?

_____

4. Diga, o mais rápido possível, o que lhe vem à mente quando digo as palavras:

Aracaju _____
 Centro da cidade _____
 Bairro São José _____
 Atalaia _____
 Bairro Jardins _____
 Siqueira Campos _____
 Bairro América _____
 Bairro Industrial _____

5. Se você tivesse de dar uma idéia de Aracaju a um amigo distante, o que você fotografaria? E o que você fotografaria do centro da cidade e, ainda, do lugar (bairro, rua) onde você mora?

_____

6. O que você acha do centro da cidade? Você o frequenta?

_____

7. Você gosta do seu bairro e rua onde mora? De que mais gosta? De que menos gosta? Gosta do espaço (casa ou apartamento) em que vive ou preferia mudar?

_____

8. Complete as frases abaixo dizendo a primeira coisa que vem na sua mente:

O ponto central do seu bairro é _____

O maior problema desse bairro é _____

Nesse bairro deveria ter _____

As pessoas que vivem nesse bairro são _____

9. Quais os pontos ou locais que melhor indicam os limites do bairro onde mora?
(Mínimo de três pontos)

---

10. Se pudesse optar, em que local de Aracaju você gostaria de morar? Por quê?

---

11. Quais os seus lugares de compras e de lazer preferidos em Aracaju? Por quê?

---

12. Indique as direções completas e explícitas do trajeto que você normalmente faz quando vai para o trabalho ou para compras (a depender do entrevistado). Imagine-se realmente fazendo-o e descreva a sequência de coisas que você vê, ouve ou das quais sente o cheiro ao longo do caminho, inclusive os sinais de trânsito que se tornaram importantes para você e as indicações das quais um estranho precisaria para tomar as suas mesmas decisões.

---

13. Você sente alguma emoção específica no tocante a diferentes partes do seu trajeto? Quanto tempo você gasta para fazê-lo? Existem partes dele em que você se sente inseguro quanto ao lugar onde está?

---

14. Gostaríamos que fizesse um mapa esquemático de Aracaju. Desenhe-o exatamente como se estivesse fazendo uma rápida descrição da cidade para um estranho, incluindo todas as características principais. Não esperamos que você apresente um desenho perfeito, mas apenas um esboço de mapa. (O entrevistador deve tomar nota sobre a sequência em que o mapa é desenhado.)

---

15. Em sua opinião, Aracaju é uma cidade onde é fácil encontrar os caminhos e identificar as partes? Por quê?

---

16. As mudanças recentes, como a verticalização de alguns bairros, o surgimento dos shoppings, estão trazendo benefícios ou dificuldades para viver na cidade?

---

17. Aracaju realmente é uma cidade bonita, agradável para se morar? Por quê?

---

18. Se você não morasse em Aracaju, em que cidade gostaria de morar? Por quê?

ANEXO II**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO****FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO****PROCESSO DE CONHECIMENTO DE ARACAJU: PERCEPÇÃO E IMAGEM**

Projeto de pesquisa de Dora Diniz

ENTREVISTA 02**DATA -** ____ / ____ / ____**1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**Sexo M ☐ F ☐ Naturalidade - _____

Faixa etária - _____ Tempo de residência na cidade - _____

Bairro de residência - _____

Casa ☐ Apartamento ☐ Tempo na moradia - _____

Local de trabalho - _____

Escolaridade - _____ Profissão - _____

Meio de transporte mais utilizado - _____

Faixa de renda familiar - _____

2. Quais os lugares que você conhece em Aracaju? (bairros, praças, ruas etc). Quais são, em sua opinião, os lugares mais importantes da cidade?

---

3. Para os entrevistados mais velhos: quais os lugares mais importantes de Aracaju no passado? Foram substituídos ou se mantiveram? Tem saudades deles?

---

4. Diga, o mais rápido possível, o que lhe vem à mente quando digo as palavras:

Aracaju _____

Centro da cidade _____

Atalaia _____

Bairro Jardins _____

Coroa do Meio _____

Siqueira Campos _____

Bairro América _____

Roza Elze _____

Marcos Freire _____

Fernando Collor _____

Santa Maria _____

Barra dos Coqueiros _____

Bairro Industrial _____

Treze de Julho _____

5. Se você tivesse de dar uma idéia de Aracaju a um amigo distante, o que você fotografaria? E o que você fotografaria do centro da cidade e, ainda, do lugar (bairro, rua) onde você mora?

---

6. Se pudesse optar, em que local de Aracaju você gostaria de morar? Por quê?

---

7. Quais os seus lugares de compras e de lazer preferidos em Aracaju? Por quê?

---

8. O que está havendo em Aracaju com a verticalização que ocorre em alguns bairros?

---

9. No seu bairro há ainda uma vida em comunidade? Como? Em que situações concretas?

---

10. Marque com um X as frases verdadeiras:

- ☐ Aracaju não é uma cidade bonita, agradável para se morar.
- ☐ O rio Sergipe é um belo elemento na paisagem urbana.
- ☐ A Praça Fausto Cardoso é o ponto mais importante de Aracaju.
- ☐ As praias são muito importantes para a vida da cidade.
- ☐ É melhor morar em Aracaju do que nos municípios vizinhos (Socorro, Roza Elze, Barra dos Coqueiros,...)
- ☐ Há muita droga e banditismo circulando em Aracaju.
- ☐ A Orla da Atalaia é o ponto principal da cidade.
- ☐ Aracaju não é uma cidade violenta.
- ☐ Aracaju, de fato, é a capital com melhor qualidade de vida do país.
- ☐ Eu conheço, realmente, a Ponte do Imperador.
- ☐ Já circulei pelas praças centrais, observando seus edifícios, monumentos, coretos,...
- ☐ Vou frequentemente à praia.
- ☐ O rio Sergipe não tem mais nenhuma função para a cidade.

ANEXO III

PERIODIZAÇÕES DA ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

AUTORES/ DATAS	DINIZ, 1963	LOUREIRO, 1983/ RIBEIRO, 1989	CAMPOS, 2008	DINIZ, 2008	
1855	FASES			IMAGEM DOMINANTE	
	CRESCIMENTO MARGINAL	1ª FASE	1ª FASE	FORMAÇÃO DE ARACAJU	ESPAÇO PROVINCIANO/ POBREZA
1900	PERÍODO INICIAL DE FORMAÇÃO DE BAIROS	2ª FASE	2ª FASE		
1930				CONSTRUÇÃO DA CAPITAL	CIDADE-CAPITAL REPUBLICANA/ CENTRO HEGEMÔNICO
1940	CRESCIMENTO TENTACULAR PARA OESTE	3ª FASE	3ª FASE		
1950	DISPERSÃO RECENTE			CONSOLIDAÇÃO E ADENSAMENTO DA MALHA URBANA	CAPITAL RECENTE MAIS JÁ CONSOLIDADA MARCOS URBANOS TRADICIONAIS
1964		4ª FASE	4ª FASE		
1970				FORMAÇÃO DO ESPAÇO METROPOLITANO	CIDADE MODERNA, DINÂMICA E INTEGRADA AO PAÍS
1986			5ª FASE		
1990				METROPOLITAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO	CIDADE GRANDE X "PEQUENA", BOA QUALIDADE DE VIDA E TRANQUILA CIDADE TURÍSTICA DO LITORAL
2008					